



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LABORATÓRIOS DE ENSINO DE SOCIOLOGIA: UM ESTUDO SOBRE O LABES/UFRJ

VIVIANE GONZALEZ DIAS

RIO DE JANEIRO

MARÇO DE 2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**LABORATÓRIOS DE ENSINO DE SOCIOLOGIA: UM ESTUDO SOBRE O
LABES/UFRJ**

VIVIANE GONZALEZ DIAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, linha de pesquisa Currículo, docência e linguagem, como requisito para título de mestrado em Educação.

Orientadora: Profa Dra. Anita Handfas

MARÇO DE 2018

CIP - Catalogação na Publicação

D5411 Dias, Viviane Gonzalez
Laboratório de ensino de sociologia: um estudo sobre o LabES/UFRJ / Viviane Gonzalez Dias. -- Rio de Janeiro, 2018.
110 f.

Orientador: Anita Handfas.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.

1. laboratórios de ensino. 2. ensino de sociologia. 3. estudos de laboratório. 4. campo universitário. 5. professor pesquisador. I. Handfas, Anita , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

A Dissertação **"Laboratórios de Ensino de Sociologia: um estudo sobre o LabES/UFRJ"**

Mestrando(a): **Viviane Gonzalez Dias**

Orientado(a) pelo(a): **Prof(a). Dr(a). Anita Handfas**

E aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e homologada pelo Conselho de Ensino para Graduados e Pesquisa, como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO

Rio de Janeiro, 27 de março de 2018.

Banca Examinadora:

Prof(a). Dr(a). Anita Handfas- Presidente

Prof(a). Dr(a). Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato

Prof(a). Dr(a). Rogerio Mendes Lima

LISTA DE SIGLAS

ABECS – Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais

CAp – Colégio de aplicação

CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas

CESPEB- Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CPII – Colégio Pedro II

ENALES - Encontro Alagoano de Ensino de Sociologia/ Ciências Sociais

ENESEB – Encontro Nacional de Ensino de Sociologia

ENSOC – Encontro Estadual de Ensino de Sociologia

FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

FE – Faculdade de Educação

FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FORPROF- Centro de Formação de Professores

GAES - Grupo de Apoio ao Ensino de Ciências Sociais

GENNESS-UFSC - Centro de Geração de Novos Empreendimentos em Software e Serviços da Universidade Federal de Santa Catarina

IDH – Índice de desenvolvimento humano

IPPUR / UFRJ- Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro

LabES – Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes

LADICS- Laboratório de Transposição Didática em Ciências Sociais

LAPES - Laboratório de Pesquisa e Extensão em Ensino de Sociologia

LAPIS - Laboratório de Pesquisa em Ciências Sociais

LASTRO - Laboratório de Sociologia do Trabalho

LAVIECS - Laboratório Virtual e Interativo de Ensino de Ciências Sociais

LAPPCS - Laboratórios de Pesquisa e Prática em Ciências Sociais

LECS – Laboratório de Ensino em Ciências Sociais

LEFIS - Laboratório Interdisciplinar de Ensino de Filosofia e Sociologia

LES – Laboratório de Ensino de Sociologia

LESOC- Laboratório de Ensino de Ciências Sociais

LENPES - Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia

MEC – Ministério da Educação

PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - Educação Profissional Técnica de Nível Médio / Ensino Médio

PUC - Pontifícia Universidade Católica

REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

SBS – Sociedade Brasileira de Ensino de Sociologia

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UFAL – Universidade Federal do Alagoas

UFMG – Universidade Federal de Campina Grande

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UnB – Universidade de Brasília

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

USP – Universidade de São Paulo

LISTA DE TABELAS E MAPAS

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1- Laboratórios de ensino de sociologia..... | 25 |
| Tabela 2 - Levantamento de grupos de pesquisa no diretório de grupos do CNPq..... | 26 |
| Tabela 3 - Síntese das informações sobre o GAES/LES/LENPES..... | 34 |
| Tabela 4 - Síntese das informações sobre o LADICS..... | 37 |
| Tabela 5- Síntese das informações sobre LECS..... | 39 |
| Tabela 6 - Síntese das informações sobre o LAVIECS..... | 42 |
| Tabela 7 - Síntese das informações sobre o LEFIS..... | 46 |
| Tabela 8 - Síntese das informações sobre o LESOC..... | 48 |
| Tabela 9 - Síntese das informações sobre o LES..... | 51 |
| Tabela 10 - Síntese das informações sobre o LAPIS..... | 54 |
| Tabela 11 - Síntese das informações sobre o LAPES..... | 56 |
| Tabela 12 - Síntese das informações sobre o LAPPCS..... | 58 |
| Tabela 13 - Síntese das informações sobre o LabES..... | 60 |
| Tabela 14 – Produção de conhecimento do LabES por temas..... | 84 |
| MAPA 1- Laboratórios de ensino de sociologia por região brasileira..... | 61 |

AGRADECIMENTOS

A Anita Handfas por abrir as portas do laboratório para a realização desta pesquisa, ajudar na orientação da mesma facilitando o acesso a outros laboratórios, colaborando mediante leitura criteriosa, pelo respeito à autonomia do trabalho de pesquisa e por disponibilizar sempre suporte para que tudo ocorresse bem.

A todos os colegas do LabES que aceitaram de bom grado serem meus “nativos”: Sara, Márcia, Taís, Bárbara, Daniele, Júlia, Bruna, Beatriz, Izabela, Nina, Denis e Pedro, especialmente ao Gustavo Cravo por indicação de referências bibliográficas.

Aos professores do PPGE/UFRJ pela qualidade das disciplinas oferecidas ao longo curso, as quais ampliaram meu conhecimento sobre a área da Educação e forneceram primorosas referências para a pesquisa.

Aos professores pesquisadores que participaram da banca de qualificação ou de oficina sobre o método etnográfico, em especial, Rodrigo Rosistolato, Márcia Teixeira, Rogério Mendes e Ana Prado cujas orientações e indicações foram úteis ao aprimoramento do projeto.

A secretária do PPGE Solange Rosa pela prestimosidade e eficiência do serviço prestado aos alunos de pós-graduação, por estar sempre pronta a nos auxiliar de modo presencial ou remoto.

A Anderson Francisco pelo apoio e compreensão nos momentos mais difíceis de redação do trabalho final.

Para compreender do que trata a Sociologia, temos que nos distanciar de nós mesmos, temos que nos considerar seres humanos entre outros. Na verdade, a Sociologia trata dos problemas da Sociedade e a sociedade é formada por nós e pelos outros. Aquele que estuda e pensa a sociedade é ele próprio um dos seus membros.

RESUMO

DIAS, Viviane Gonzalez. **Laboratórios de ensino de sociologia**: um estudo sobre o LabES/UFRJ. Rio de Janeiro, 2018. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

O objetivo desta dissertação é expor de maneira sistemática os resultados de uma pesquisa exploratória sobre a especificidade dos laboratórios de ensino de sociologia no campo universitário. Muito pouco se sabe sobre a criação e atuação dos chamados laboratórios de ensino de sociologia, surgidos no campo universitário a partir dos anos 2000. Esta obra é uma contribuição para reduzir tal lacuna de conhecimento. A partir do conhecimento empírico das práticas de um laboratório de ensino buscou-se representar, indutivamente, o modo como se constituíram outros laboratórios de ensino de sociologia identificados no campo universitário e quais conhecimentos, práticas e saberes circulam nos mesmos. De acordo com a teoria de Bourdieu, o campo universitário é uma estrutura objetiva de relações sociais dividida em subcampos, os laboratórios. Uma vez que os subcampos estabelecem relações entre si, realizou-se um estudo de caso etnográfico sobre o Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes da Universidade Federal do Rio de Janeiro - LabES/UFRJ, tomando-o como parte integrante de um campo universitário estruturante e estruturado por ações que interligam a atividade deste a de outros laboratórios. Para tanto, foi realizado um levantamento de dados sobre laboratórios de ensino de sociologia na internet, realizadas entrevistas, pesquisa bibliográfica e observação etnográfica no LabES/ UFRJ - Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes - grupo de pesquisa vinculado a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os resultados desta pesquisa possibilitaram a formulação de hipóteses acerca do que sejam os laboratórios de ensino de sociologia, possibilitando melhor compreensão das práticas e dos fins a que se destinam no campo universitário. Acredita-se, portanto, que este estudo contribui para contar a história do ensino de sociologia ao evidenciar o processo de institucionalização do ensino de sociologia no campo universitário, através dos laboratórios de ensino de sociologia.

PALAVRAS – CHAVE: Estudos de laboratório, campo universitário, laboratórios de ensino, ensino de sociologia, professor pesquisador

ABSTRACT

DIAS, Viviane Gonzalez. **Laboratórios de ensino de sociologia**: um estudo sobre o LabES/UFRJ. Rio de Janeiro, 2018. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

This dissertation exposes systematically the results of exploratory research about teaching sociology laboratories into academic field. It still rare the disseminated knowledge about teaching sociology laboratories creation and actions. They emerged in university field after twentieth century. This research contribute to reduce such lack of knowledge. After capturing empirical knowledge about teaching sociology laboratories practices, we represented, inductively, the constitution of other teaching sociology laboratories were identified across academic field, also representing knowledges and practices that goes around them. According to Bourdieu's theory, academic field is one objective structure of social relations divided in subfields, the laboratories. Recognizing that laboratories establish relations one to another, we did a, etnografic case study about teaching sociology laboratories about Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes located into one Federal University, Universidade Federal do Rio de Janeiro – LabES/ UFRJ. It structures and is structured by academic field where it takes part. So that, we carried out interviews, bibliographic research, ethnographic observations into LabEs/UFRJ's research group and a search in the internet about teaching sociology laboratories. The results here presented turns possible the elaboration of new hypothesis about teaching laboratories definition, improving the comprehension of their practices and purposes into academic filed. This study contributes to know the history of teaching sociology into academic field through teaching sociology laboratories.

PASSWORDS: Lab Studies, academic filed, teaching sociology laboratories, teaching sociology, teacher researcher.

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução..... | 1 |
| Capítulo 1 – O que é um laboratório de ensino?..... | 9 |
| Capítulo 2 – Laboratórios de ensino de sociologia no Brasil..... | 23 |
| Capítulo 3- O laboratório de ensino de sociologia Florestan Fernandes – LabES/UFRJ..... | 62 |
| Conclusão..... | 85 |
| Referências bibliográficas..... | 91 |

INTRODUÇÃO

Apesar de nem todo conhecimento científico ser produzido em laboratórios eles exprimem a atividade científica moderna. Considerando a relevância dos mesmos para garantir a profissionalização e a reprodução da ciência, alguns pesquisadores se voltaram para a observação das práticas científicas em laboratório. A maioria dessas pesquisas privilegiou laboratórios de áreas das ciências da saúde. Também há pesquisadores que se concentraram no ensino de ciências (OLIVEIRA, 2006). O objetivo desta dissertação é expor o que foi apreendido sobre a finalidade de feitura e a constituição de laboratórios de ensino de sociologia.

Trata-se de uma pesquisa predominantemente etnográfica, exploratória, qualitativa que resulta da experiência de observação participante em um dos laboratórios vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro: o LabES – Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes. Algumas questões específicas motivaram inicialmente a proposição deste estudo: como se configura um laboratório de ensino de sociologia? Quais são os atores sociais que participam do laboratório? Qual o tipo de conhecimento produzido pelos laboratórios de ensino de sociologia? Ao estarem localizados na universidade, porém voltados para a questão do ensino no âmbito escolar, como se relacionam com a escola básica?

Estas perguntas foram suscitadas pela leitura de artigos e livros tanto de ensino de sociologia quanto dos estudos de laboratório. A preocupação com laboratórios enquanto unidade analítica da sociologia da ciência é mais frequentemente associada aos estudos sociais da ciência e da tecnologia (MATTEDI, 2007). Estudos de laboratório são realizados desde a década de 1970 por sociólogos da ciência, com destaque para os trabalhos de Latour & Woolgar (1997) e Knorr - Cetina (2005). Os dois primeiros autores empregaram o método qualitativo consagrado pela antropologia, a etnografia, para analisar tanto a produção de conhecimento, quanto as ações dos cientistas. Dentre as técnicas mobilizadas pelos autores para obtenção de informações e produção de conhecimento, considera-se relevante para os fins desta pesquisa: entrevistas, produções acadêmicas e didáticas e artefatos utilizados pelos pesquisados em suas ações de pesquisa. Por este motivo, sítios e páginas de divulgação criados na internet, além de grupo do aplicativo What's App foram inclusos enquanto fontes de dados. Muito se pode saber sobre um laboratório pelo histórico das atividades que eles próprios disponibilizam no ciberespaço, para além de encontros face a face estabelecidos nas

circunstâncias de pesquisa. Portanto, parte do levantamento inicial realizado acerca da temática dos laboratórios de ensino de sociologia ocorreu após leitura do conteúdo de sítios virtuais dos laboratórios, livros, artigos, teses, e dissertações sobre ensino, produção de conhecimento, estudos de laboratório e ensino de sociologia.

Knorr - Cetina (2005) emprega etnografia e análise do discurso ao estudar a construção do conhecimento. Para a autora, a etnografia é a teoria vivida, em ação, emaranhada nas evidências empíricas e nos dados. O método etnográfico pressupõe que, antes de ir a campo, o pesquisador averigüe quais são os conhecimentos produzidos sobre a temática e o grupo a ser pesquisado. Seguindo tal orientação, realizou-se um levantamento para elaborar o projeto que consistiu na identificação e elaboração de indicadores no intuito de determinar quais laboratórios de ensino de sociologia existem e atuam no Brasil. A pesquisa foi inicialmente realizada no diretório de grupos do CNPq (Conselho Nacional de pesquisa Científica), um dos principais órgãos de fomento à pesquisa do país e repositório de dados sobre a pesquisa universitária no Brasil. A inserção e a certificação de informações contidas no diretório de pesquisa foi efetuada pelos próprios pesquisadores. Estes se localizam em diferentes instituições de pesquisa, sobretudo universidades.

A outra etapa, a pesquisa de campo propriamente dita, durou seis meses. Ela foi muito proveitosa devido à relação previamente estabelecida com o grupo. A relação com membros do grupo pesquisado antecede a submissão do projeto. Seria impossível negar a influência de debates e momentos de interação passados nas diversas etapas de elaboração desta pesquisa: desde a motivação para realizar o projeto, passando pela formulação até o momento de executá-lo.

O contato prévio com integrantes do grupo foi ao mesmo tempo um facilitador e um desafio. Facilitou o acesso a informação devido aos laços de confiança previamente estabelecidos. No entanto, foi um desafio entrar na negociação de vários papéis e posições simultâneos uma vez que a pesquisadora, além de professora colaboradora do grupo, também é aluna no Programa de Pós graduação em Educação, faculdade a que o LabES está vinculado devido a inserção institucional de suas coordenadoras. No fim, todos os desafios foram vencidos com o suporte e a experiência apreendidos mirando os ensinamentos de Bourdieu (2011). Ainda que em um escopo de pesquisa maior, o sociólogo também se propôs a objetivar o campo acadêmico e educacional da própria universidade. As conclusões foram sistematizadas no livro *Homo Academicus* e permitem uma análise reflexiva do campo científico em geral e das ciências sociais, em particular.

Na Faculdade de Educação da UFRJ, os colegas do laboratório logo entenderam que a pesquisadora se revezava ora ocupando a posição de aluna do programa de pós-graduação em Educação, ora se colocando na posição de observadora e pesquisadora do grupo. A condição de aluna torna esta pesquisa um diálogo propositalmente aberto com os pesquisados nos momentos em que o projeto e as considerações parciais foram apresentados aos participantes do LabES. Esta ação reforça o caráter reflexivo da pesquisa. No LabES, a condição de pesquisadora, professora e aluna ao longo da pesquisa favoreceu o autoconhecimento e reconhecimento da biografia coletiva do laboratório de ensino.

Nos termos de Geertz (apud Magnani, 2003) não é outro o propósito da etnografia.

“segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante. Mas não são estas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é um tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa”.

Um dos procedimentos etnográficos utilizados na descrição densa foi o uso de diários seguindo a prescrição de Weber (2009). A autora sugere que pesquisadores redijam três diários. O objetivo é separar a descrição de momentos vivenciados no campo (diário de campo), das reflexões teórico - metodológicas acerca do grupo pesquisado (diário de pesquisa) e o registro de emoções, sentimentos e julgamentos durante o processo de pesquisa (diário íntimo). A redação de diários de campo, de pesquisa e diário íntimo a fim de registrar reflexões e momentos de interação que sejam proveitosos para responder os objetivos desta pesquisa iniciou formalmente em 2017.

Os três diários, especialmente o diário de campo contribuíram para formalizar e sistematizar informações sobre as práticas e significados observados e compartilhados em momentos de interação. Deste modo foi caracterizada a maneira como se configura o laboratório pesquisado e o *habitus* de produção de conhecimento compartilhado. Com isso, buscou-se objetivar a configuração de práticas e a especificidade de produção que apareceram no LabES. Tudo isto sem negligenciar o fato de que a produção e as ações do laboratório se relacionam com a experiência de uma comunidade formada por outros pesquisadores, situados em outros laboratórios, os quais possuem indagações convergentes. Para tanto, foi necessário adotar postura recomendada por antropólogos urbanos e *“transformar o familiar*

em exótico”. A partir dos diários de campo e entrevistas feitas a integrantes do LabES foi possível realizar uma descrição densa (WEBER, 2007).

O laboratório observado surgiu em período de intensas mudanças no campo universitário: impacto da Lei 11.684/2008, criação de novos cursos de licenciatura e expansão da quantidade de pesquisas sobre ensino de sociologia. Neste cenário, o LabES foi escolhido para ser objeto desta pesquisa por motivos que ultrapassam a mera facilidade de acesso. Ele congrega pesquisadores e produções relevantes para a institucionalização do ensino de sociologia no campo universitário e científico, atuantes, sobretudo, no período de expansão universitária e reinserção da sociologia enquanto disciplina obrigatória na Escola Básica. Integrantes do LabES estão inseridos no debate contemporâneo acerca do ensino de sociologia na Educação Básica.

A demanda por docentes capacitados para lecionar Sociologia no Ensino Básico aumentou após a inserção obrigatória da Sociologia no Ensino Médio mediante aprovação da Lei 11.684/2008. No mesmo período da referida lei foi reelaborado o currículo do curso de licenciatura da universidade em atendimento à política do Reuni¹ (COTRIM, 2016). Tais mudanças estimularam o aumento da produção bibliográfica sobre o Ensino de Ciências Sociais/Sociologia na Educação Básica. Para além da compreensão sobre as mudanças, a produção foi incitada pela busca de legitimidade do ensino de sociologia na Educação Básica, pelo desenvolvimento de metodologias para a prática de ensino e por debate teórico - epistemológico². A interação acadêmica e a luta pela posse do capital, além dos embates pragmático - políticos resultaram na avaliação de relatos de experiência, produção de diagnósticos, elaboração de novos materiais didáticos, práticas e metodologias de ensino, dentre outros. Tratou-se de respaldar a crença na importância da Sociologia para a formação dos jovens no Ensino Básico. Neste ínterim, surgiram oficinas ou laboratórios de estágios

¹ Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Política de expansão do ensino superior público no Brasil criada para o decênio 2008-2018.

² A trajetória da disciplina Sociologia no Ensino Básico é marcada por períodos de intermitência de inclusão e exclusão de leis que estabelecem sua obrigatoriedade na matriz curricular. No momento de submissão deste projeto ao PPGE/UFRJ vigorava a Lei 11.684/2008 que estabelecia a Sociologia como obrigatória no Ensino Médio (Guimarães, 2012). Após a aprovação da Medida Provisória 746/2016 a inserção da disciplina Sociologia na Educação Básica se encontra dependente da apresentação da nova Base Curricular Nacional, pois esta flexibiliza a grade horária e a modalidade de cursos ofertados aos estudantes do Ensino Básico. No caso da Sociologia, a nova MP faz uma menção pouco elucidativa recomendando a inclusão “estudos e práticas” de Sociologia no Ensino Básico.

enquanto instâncias de amadurecimento dos processos de produção sociológica e vivência escolar (ERAS, 2014).

As Ciências Sociais ao saírem do Ensino Superior para a Escola Básica precisaram se reinventar. De acordo com Silva (2007), observa-se que a transposição didática do conhecimento científico produzido no contexto das ciências sociais passa por um processo descontextualização e recontextualização em três etapas. A primeira delas requer a produção de conhecimento no campo científico, nas universidades, nos centros de pesquisa. São formuladas teorias, princípios de seleção dos saberes, entre outros. A segunda etapa é a recontextualização pedagógica oficial em órgãos como o Ministério da Educação (MEC), Secretarias estaduais de educação e etc. A terceira e última etapa, é a recontextualização pedagógica da proposta anterior em escolas, cursos de formação de professores, materiais didáticos, partidos políticos e meios de comunicação. Pesquisar laboratórios de ensino de sociologia no campo universitário envolve dupla missão: saber como eles participam do processo de produção de conhecimento sobre a Sociologia Escolar, ao mesmo tempo em que contribuem para a formação de professores da Educação Básica.

No momento da escrita desta dissertação, novas alterações nas leis educacionais reorientam a organização da Educação Básica (MP 746). No atual contexto, membros do laboratório dedicam-se a analisar o modo pelo qual a Base Curricular Nacional pode afetar o ensino de sociologia na Educação Básica. Ainda que a obrigatoriedade da Sociologia não seja mais exigida em todas as séries do Ensino Médio e em todas as escolas, as mudanças não apontam para a exclusão da disciplina do Ensino Básico. Ela continua presente nas escolas e demandando formação de professores.

No campo universitário, os cursos superiores de Ciências Sociais formam pesquisadores (bacharéis) ou licenciados. Inserido no campo acadêmico, o ensino de Sociologia se constitui pouco a pouco em um campo cujo foco é produzir conhecimento sobre a inserção da sociologia no currículo da Escola Básica, além de subsidiar a qualificação de professores e formar novos cientistas sociais, pesquisadores. Trata-se de um campo que sofre refração de outros, sobretudo das Ciências Sociais e da Educação, lidando com os revezes do campo político e as demandas acadêmico - científicas (FERREIRA & OLIVEIRA, 2015). Neste sentido, é importante ressaltar a contribuição dos laboratórios de ensino de sociologia para a institucionalização desta temática no campo universitário. Ao longo do processo de

reinserção da sociologia na educação básica nos anos 2000, o ensino de sociologia se consolidou no ensino superior a despeito de alterações na lei que revoga a obrigatoriedade e incita a elaboração de novas políticas educacionais.

Além da pesquisa etnográfica realizada no LabES, outros laboratórios - identificados na pesquisa pela internet e conhecidos pela coordenadora do LabES - foram submetidos a três perguntas. O intuito foi saber mais sobre a constituição e a finalidade dos mesmos. A pesquisa qualitativa sobre o LabES somada aos dados obtidos de outros laboratórios tornou possível elaborar hipóteses acerca do que são laboratórios de ensino de sociologia, como se configuram e se o objetivo principal de criação dos mesmos se reduz a produção de conhecimento científico sobre o ensino de sociologia na escola básica.

Historicamente, integrantes do LabES contribuem ativamente para a produção de conhecimento sobre ensino de sociologia, análise e implementação de políticas públicas voltadas a consolidação da Sociologia escolar, entre elas, o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD). Neste sentido, investigar como se constitui este laboratório é relevante contribuição para a História do Ensino de Ciências Sociais no Brasil, quiçá para a Sociologia Brasileira.

No capítulo 1, o mais teórico, conceitos e definições que contribuíram para a apreensão do objeto da pesquisa e elaboração de hipóteses a respeito das características específicas dos laboratórios de ensino são apresentados. Estas definições foram buscadas na fronteira entre as áreas de conhecimento da Educação e das Ciências Sociais, no interior do campo universitário. Foram consideradas contribuições significativas as perspectivas dos Estudos de Laboratório, de Didática, de Epistemologia³, de Sociologia Geral e da Nova Sociologia da Educação.

Partindo de trabalhos de autores como Bourdieu (2011), Latour & Woolgar (1997), Knorr - Cetina (2005), Eras (2011) e de integrantes dos laboratórios de ensino de sociologia

³ Posiciona-se aqui a favor de autores (LOPES, 2007 e CHEVALLARD,?) cuja discussão argumenta no sentido de validar a análise epistemológica dos saberes que circulam no campo universitário, a despeito das disputas político ideológicas presentes no espaço acadêmico e as relações de poder estabelecidas em torno da definição de currículos. Mesmo Michael Apple(2007), um dos precursores da Nova Sociologia da Educação, reconheceu que deveríamos distinguir o conhecimento poderoso (um diferencial obtido por frequentadores das instituições, pois não é esperado que se obtenha em outros contextos) do conhecimento dos poderosos (grupos que detém o poder de influenciar as decisões sobre o que deve constar no currículo escolar). Apesar do currículo ser uma construção social, a relação intrínseca entre Educação e conhecimento não é rompida (APPLE, 2014). A nova sociologia da educação ou sociologia do currículo se preocupa com a relação entre os conteúdos que a escola transmite e as transformações socio-culturais, contribuindo para a compreensão dos fatores sociais, políticos e culturais que influenciam na seleção, estruturação e transmissão dos saberes escolares (FRANCO, 1997).

estudados, busca-se observar a ação de produzir de conhecimento em laboratórios de ensino de sociologia. No início das observações os laboratórios eram compreendidos como uma expressão da prática científica que encontra na universidade brasileira o ambiente mais favorável de desenvolvimento. De um lado, os estudos de laboratório de Latour e Knorr - Cetina atentam para a pertinência de pesquisar laboratórios de ciência empregando a etnografia como método. De outro, a teoria de Bourdieu permite superar os limites de generalização do trabalho etnográfico que considera a perspectiva de um único grupo, apenas um laboratório. A proposta prosopográfica do autor permite situar as ações do LabES em um universo mais amplo do qual fazem parte outros laboratórios, uma comunidade de pessoas que conseguem estabelecer laços de solidariedade e de interdependência integrando um campo universitário⁴.

A proposta contida no capítulo 2 é abordar a constituição dos laboratórios de ensino de sociologia no campo universitário brasileiro após a década de 1990. As informações sobre os outros laboratórios cujas práticas não foram conhecidas mediante inserção *in loco* foram obtidas mediante várias técnicas: entrevista semi direta por meio de questões enviadas a membros do laboratório e respondidas por mensagens eletrônicas, produções acadêmica auto reflexivas de membros de laboratórios de ensino de sociologia e pesquisa nos sítios eletrônicos dos laboratórios na internet. No segundo capítulo estão sistematizadas informações encontradas sobre as práticas dos laboratórios de sociologia identificados até o momento da redação deste trabalho de pesquisa. Por meio de análise de conteúdo do que dizem e de produções dos laboratórios procurou-se identificar a relação estabelecida entre estes subcampos universitários com a escola básica e o conhecimento escolar.

No capítulo 3 é apresentado o resultado da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico realizada no Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes (LabES/UFRJ). Foca-se na tipificação dos conhecimentos produzidos pelo laboratório e nos saberes que nele

⁴ A prosopografia é o método imbricado na teoria dos campos de Bourdieu. Ela permite revelar características comuns de um determinado grupo social em um dado período histórico (biografia coletiva); observar os grupos sociais em suas dinâmicas internas e em seus relacionamentos com outros grupos e com o espaço de poder. Neste sentido, auxilia na compreensão de redes e configurações. Possibilita analisar o indivíduo em função da totalidade da qual faz parte. Em abordagens recentes, os grupos são definidos por suas propriedades relacionais ou por suas imagens recíprocas, ou pela capacidade de propor uma imagem de si mesmo aos outros. Sendo assim, a construção do objeto torna-se decisiva para os que trabalham com biografias coletivas. Os papéis desempenhados pelos atores sociais no interior de um grupo social possibilitam que estes sejam pensados a partir da recuperação da origem regional, formação, contexto familiar e de sociabilidade, o espaço de ação ou função que exercem numa dada sociedade. Nesta proposta, as trajetórias individuais não são o mais importante. O primordial é entender o conjunto e desenhar um perfil coletivo do grupo (ALMEIDA, 2011).

circulam. Reconhecida a necessidade de transposição didática de conhecimentos das Ciências Sociais para a Educação Básica, observou - se a maneira como a distinção entre conhecimento científico e conhecimento escolar aparece no laboratório de ensino de sociologia. Assim, foi possível descrever como as ações do laboratório estão vinculadas aos fins do campo universitário sem deixar de dialogar com as demandas da escola básica. Em outras palavras, percebeu-se na configuração de um laboratório de ensino uma estratégia mediante a qual a cultura acadêmica pode dialogar com saberes escolares no campo universitário.

CAPÍTULO 1- O QUE É UM LABORATÓRIO DE ENSINO?

Esta pesquisa tem por objeto laboratórios de ensino de sociologia vinculados a instituições de ensino superior no Brasil, selecionados dentre eles o LabES para um trabalho de cunho mais exploratório e etnográfico. Em busca de uma definição do que sejam os laboratórios de ensino de sociologia, como se constituem e a finalidade a que se destinam, neste capítulo procura-se mostrar as referências teóricas mobilizadas no intuito de gerar hipóteses que ajudem a compreender o surgimento dos laboratórios de ensino de sociologia.

Não é nada óbvio, tampouco natural, responder a pergunta: o que são laboratórios de ensino de sociologia? Antes de iniciar o trabalho de campo, algumas referências bibliográficas foram consultadas. Elas forneceram algumas pistas a respeito do que é um laboratório. As primeiras bibliografias que ancoraram esta pesquisa foram produções dos chamados Estudos de Laboratório e da Sociologia da Educação. Também foram consultados textos de autores da Nova Sociologia da Educação e de produtores de conhecimento sobre o ensino de Sociologia. Além das definições teóricas são consideradas as autodefinições que os assim denominados laboratórios de ensino de sociologia disponibilizaram em suas páginas virtuais.

Cabe lembrar que os laboratórios de pesquisa exprimem a atividade científica moderna. E que o desenvolvimento dos estudos sociais da ciência e da tecnologia pôs em evidência o caráter negociado e contingente da atividade científica. Tal como ocorre nas Ciências Humanas de um modo geral, as obras dos autores de Estudos sociais sobre a Ciência possuem diversas particularidades. (MATTEDI, 2007). Mais do que explorar as querelas da Sociologia da Ciência, importa aqui saber como uma ou várias destas perspectivas contribuem para a apreensão dos laboratórios de ensino de sociologia.

Em vida de laboratório, Latour e Woolgar (1997) adotam o método mais utilizado em antropologia, a etnografia, como metodologia recomendada para compreender as práticas dos agentes que participam de um laboratório. A leitura da obra de Latour & Woolgar (1997) sugere que uma pesquisa de cunho etnográfico proporciona melhor compreensão dos aspectos de nossa própria cultura que tomamos como estabelecidos. Nestes termos, a etnografia dos laboratórios de ensino de sociologia é uma ocasião para investigar a atividade científica como uma prática social cujo propósito é gerar informações sobre os processos sociais (KROPF; FERREIRA, 1998).

Latour e Woolgar (1997) orientam o olhar de quem entra no laboratório a observar as práticas e relações como se fosse uma tribo exótica. Trata-se de uma atitude comumente

prescrita pelos antropólogos a fim de garantir o distanciamento necessário à boa condução da pesquisa. No caso específico da pesquisa sobre o LabES, o fato da pesquisadora ser nativa neste meio faz com que a relação de distanciamento seja análoga ao procedimento adotado por antropólogos urbanos. Da Matta (1978) denomina ‘estranhamento de um contexto familiar’ o estudo de uma realidade vivenciada que faz parte da trajetória de vida do pesquisador. Afinal, o familiar não é necessariamente conhecido (VELHO, 1980).

Latour e Woolgar (1997) contribuem quando chamam a atenção para o fato de que, dependendo da questão e da perspectiva teórica, a apreensão de um laboratório varia. Por isso, lançaram diferentes olhares sobre o laboratório pesquisado. Consideraram relevantes as perspectivas da antropologia, da sociologia, da etnometodologia e da história para compreensão do que os cientistas fazem no laboratório. A proposta desta pesquisa é similar. Acredita-se que várias perspectivas teóricas favorecem a compreensão dos laboratórios de ensino de sociologia por eles estarem situados em um lugar de fronteira entre a Educação e as Ciências Sociais, entre o campo acadêmico e o campo escolar.

Em razão disso, entende-se que o objeto ‘laboratório de ensino de sociologia’ pode e deve ser encarado valendo-se da contribuição de mais de um campo disciplinar da área das Ciências Humanas. Os pesquisadores de “ensino de” alguma disciplina ocupam um lugar de fronteira entre um saber disciplinar específico e a Educação.

A situação do ensino de sociologia é semelhante a do ensino de história: é um lugar de fronteira entre os campos da Educação e de uma disciplina específica da área de Humanas. Monteiro & Penna (2011) acham profícuo analisar as possibilidades de abordagens teórico metodológicas em pesquisa sobre ensino de história enquanto lugar de fronteira. O mesmo procedimento se mostra relevante ao ensino de sociologia. Consideram-se aqui mais de uma perspectiva provenientes do campo das Ciências Sociais: dos estudos de laboratório, da antropologia e da sociologia geral. Além disso, dialoga-se também com autores da Educação. Trava-se um diálogo com o trabalho de pesquisadores do campo do currículo, da Didática e formação de professores. Para além de artigos, livros, teses e dissertações, produções acadêmicas sobre ensino de sociologia. A pesquisa etnográfica pressupõe constante diálogo entre a teoria e a prática de coleta de dados empíricos. Portanto, vários foram os autores que ajudaram no estabelecimento das categorias e na formulação das hipóteses desta pesquisa.

Contribuição dos estudos de laboratório

A primeira imagem que surge em mente quando se pensa em laboratório é a de um local onde são feitos experimentos e pesquisa científica. No sentido mais positivo da palavra, é um locus privilegiado onde cientistas realizam descobertas sobre as leis da natureza. Entretanto, Knorr- Cetina (2005) atentar para a dimensão construtiva dos fatos em laboratórios. Ela considera que a realidade não é meramente apreendida e representada como se fosse uma fotografia fidedigna das leis da natureza. Nas práticas dentro do laboratório o mundo natural é modificado a fim de permitir a construção dos objetos de pesquisa (KNORR - CETINA, 2005). O limite desta perspectiva é a negação do conhecimento epistemológico, posto que relativiza a validade do conhecimento científico ao criticar as possibilidades de produzir conhecimento genuíno e verdadeiro sobre a realidade, ainda que de forma mediada e provisória. Por isso, dela aproveitam-se aqui apenas alguns *insights* e o procedimento metodológico.

Outras maneiras de investigar o laboratório levam em conta a constituição do mesmo, o processo de produção do conhecimento científico dentro de um laboratório e as condições de realização da pesquisa, isto é, quais são os recursos necessários à produção e os fins a que o laboratório se destina. O laboratório pode ser estudado mediante análise do conhecimento produzido e em função do modo de produção de conhecimento utilizado neste processo (SOBRAL, 2001). Trata-se de investigar de maneira situada o que Bourdieu denominou construção do objeto da pesquisa. Identificar as organizações, disciplinas e sujeitos que participam da produção do conhecimento.

A compreensão da atividade científica leva em consideração um conjunto de fatores distintos: o perfil dos pesquisadores (as carreiras individuais), o lugar de trabalho (a infraestrutura física), os outros trabalhadores (estudantes, técnicos, etc.). Também são considerados os fatores cognitivos, por exemplo, teorias, modelos e demais representações (tácitas e explícitas). Mattedi (2007) propõe que sejam identificados os recursos materiais de pesquisa, competências técnicas e organização do trabalho, local onde este é realizado (universidade ou centro de pesquisa), como foi estruturado (por disciplinas ou em especialidades) e a forma de comunicação com as redes profissionais e os meios utilizados. Pesquisas de laboratório também podem investigar as formas de financiamento e organização (público ou privado), quem é o público usuário etc.

"Em outras palavras, considerar a pesquisa científica nos laboratórios sociologicamente envolve a investigação dos mecanismos por meio dos quais o arranjo e ordenação destes elementos permitem a produção e fixação de representações da ordem natural e social e,

portanto, da imagem que a sociedade produz a respeito de si mesma. Nesse sentido, a relevância da tematização da sociologia da pesquisa científica reside no entendimento do papel que o conhecimento científico desempenha na produção e reprodução da sociedade moderna (Mattedi, 2007, p.53)".

Para além da questão do conhecimento, tais estudos sugerem que se deve considerar quais são as práticas de rotina do laboratório (divisão das tarefas), a infra estrutura necessária à concretização dos projetos e os recursos disponíveis para manutenção dos laboratórios. Na maior parte dos laboratórios, as práticas de rotina são distribuídas entre técnicos de nível médio, de nível superior, graduandos e pesquisadores em formação (mestrado, doutorado). Quanto maior a disponibilidade de profissionais atuantes em um dado momento, mais intensa a distribuição (TEIXEIRA, 2003). Procura-se observar as práticas cotidianas dos laboratórios e os materiais/ equipamentos (artefatos, não-humanos) nelas envolvidos. Os artefatos são cotidianamente utilizados nas produções acadêmicas dos pesquisadores.

De acordo com Latour & Woolgar (1997), um laboratório é um “*sistema de inscrição literária*”. Por meio dessa noção de inscrição literária evidenciam o papel desempenhado pelos aparelhos na produção dos fatos científicos e buscam resgatar o conjunto de etapas intermediárias, os procedimentos materiais que tornam possível a reprodução da ciência. Sendo assim, é preciso observar o tipo de orientação ou direcionamento conferido aos equipamentos, na medida em que o laboratório toma emprestado um saber já instituído e incorporado nos aparelhos. Nos estudos de laboratório o pesquisador pode analisar tanto a produção de conhecimento de cientistas quanto às ações deles no contexto institucional e de pesquisa.

São considerados relevantes no âmbito deste trabalho a observação participante da ação em laboratórios de ensino, as entrevistas, as produções acadêmicas e didáticas e os artefatos utilizados pelos atores sociais em suas ações. Sítios e páginas de divulgação contendo histórico das atividades do grupo na internet. Além da observação dos cientistas sociais e demais integrantes do laboratório de ensino de sociologia em ação foi pertinente o computo de artefatos necessários a troca de informações atualmente, tais como: sítios na internet, artigos, livros e materiais didáticos.

A inscrição literária corresponde aos procedimentos de materialização dos objetos de estudo da ciência por intermédio de traços, pontos, gráficos, espectros e demais registros produzidos por aparelhos manipulados. É a formalização dos fenômenos que servirão de matéria-prima para elaboração de enunciados científicos. Denominados inscritesores, tais

aparelhos são importantes meios de tornar materialmente existentes os fenômenos investigados no laboratório (KROPF; FERREIRA, 1998).

Portanto, uma contribuição que os estudos de laboratório trouxeram para delimitação do escopo desta proposta é a atenção dispensada aos artefatos, equipamentos requeridos às atividades de um laboratório de ensino. Mais do que o conjunto de modos de agir, de pensar e de sentir observados ao longo dos dias de trabalho de campo, as práticas de um laboratório dependem de actantes, de não humanos cuja presença ou ausência impactam as ações e na dinâmica do grupo que participa do laboratório. Por exemplo, ter celulares e computadores disponíveis para acessar email, aplicativos de redes sociais como o What's App.

Destarte, o que Latour e Woolgar (1997) chamam de inscrição literária do conhecimento produzido pelo laboratório deixa de se tornar materializado e materializável somente por estratégias mais convencionais. Tradicionalmente, as estratégias de comunicação, de obtenção de credibilidade acadêmica passam pela publicação de livros, teses, dissertações, monografias, resenhas, de artigos em periódicos especializados da área e divulgação de trabalho em eventos. O surgimento de novos artefatos como portais contendo periódicos e informações sobre a agência dos laboratórios não substitui aquelas outras formas de divulgação científica. De acordo com Mattedi (2007), por meio da noção de inscrição literária, a obra vida de laboratório evidencia o papel desempenhado pelos artefatos na produção dos fatos científicos.

O laboratório é um local onde se produz conhecimento de uma ciência em particular. Espera-se que esteja equipado com instrumentos e pessoas habilitadas para participar do processo de produção. Em tal contexto, os estudos de laboratório fornecem um mapa a partir do qual se pode compreender como se constituem os laboratórios. As etnografias de estudos de laboratório contribuem para caracterizar um laboratório e identificar os elementos que o compõem.

Laboratórios como parte de um campo

Outra imagem que se tem a respeito da atividade laboratorial é a de que a prática normal da pesquisa envolve a iniciação de novos pesquisadores. Kuhn (2003) foi um dos autores que mais se dedicou a esta questão identificando a maneira por intermédio da qual as comunidades de cientistas reproduzem seus respectivos paradigmas.

Atividade social por excelência, as ciências não devem ser compreendidas como um produto exclusivo da genialidade de indivíduos isolados, dotados de capacidade racional muito acima da média, pré-requisito básico para decifrar e entender as leis da natureza. Todo iniciado passa por um processo educacional por intermédio do qual pode se apropriar dos códigos e das ferramentas básicas utilizadas na ciência normal (KUHN, 2003). A ciência normal, entendida como o modo pelo qual cientistas realizam suas questões e reproduzem os fazeres científicos requer autonomia para existir. Em nossa sociedade, só são reconhecidos como cientistas aqueles que passam por diversos níveis de ensino formal (Ensino Fundamental, Ensino Médio) e concluem com êxito o ensino superior bacharelando-se em alguma ciência. Este processo se inicia no espaço da escola básica e se conclui na universidade. Bourdieu (2001) denominou este processo de incorporação de capitais culturais percebidos como necessários ao desenvolvimento do *habitus* de pesquisador ou de cientista.

Depreende-se destas abordagens uma imagem dos laboratórios de ciência em geral: eles são locais que comportam pessoal técnico qualificado mais infra-estrutura adequada à prática da ciência e formação de novos pesquisadores, congregação de fatores que proporcionam avanço de uma área de conhecimento mediante pesquisas e produção de conhecimento. São espaços onde acontecem tanto a produção quanto a reprodução das técnicas e dos paradigmas de uma ciência em particular. Isto é, pesquisadores iniciados trabalham em suas pesquisas e repassam ensinamentos que contribuem para qualificar dado novos cientistas em um ofício.

Em Seminário de pesquisa, Bourdieu (1989) estabeleceu uma comparação entre os laboratórios de Ciências Sociais e as oficinas dos Quatrocentos. São locais onde investigadores com trabalhos mais ou menos avançados apresentam os objetos que tentaram construir e submetem-se a perguntas, procedimento similar a técnica utilizada nas corporações de ofício. Nos laboratórios, pesquisadores iniciados e iniciantes constroem e lapidam seus objetos de pesquisa, reproduzem e consolidam o *habitus* de pesquisador.

Para Bourdieu (2001) um laboratório é espaço análogo ao estúdio de um artista. Nele é possível desenvolver o *habitus*: apreender esquemas e técnicas. A especificidade do ‘artesanato’ científico realizado em laboratório consiste no fato de que o processo de aprendizagem consiste na aquisição de estruturas teóricas complexas. ‘Encapsuladas’ em fórmulas matemáticas elas podem ser adquiridas facilmente devido à formalização.

Os laboratórios integram o mundo científico o qual é um mundo social. Por este motivo, Bourdieu (2001) defende que os laboratórios devem ser compreendidos como um

microcosmo de um campo, similar a outros. O autor refuta a redução das atividades do laboratório a um conjunto de atividades semiológicas, segundo as quais o trabalho dos cientistas é inscrever os fatos em textos científicos e colocá-los em ação. É uma crítica a proposta de Latour & Woolgar (1997) cuja abordagem dos laboratórios não permite posicioná-los como parte integrante de uma estrutura, nem observar um laboratório como parte de uma rede de cientistas que constituem outros laboratórios.

Para Bourdieu (2011), os estudos de laboratório convidam a uma abordagem idiográfica ou monográfica, posto que isolam o que ocorre dentro do laboratório do restante do universo. Ao estudar um laboratório é preciso observá-lo como micro estrutura que orienta a prática científica, localizada no interior de um campo. Pensando de modo relacional, assim como as vilas monográficas, os laboratórios devem ser compreendidos como um microcosmo situado no espaço em meio a outros laboratórios. Eles constituem disciplinas situadas em um espaço hierarquizado composto por várias outras disciplinas.

Numa ruptura com a abordagem interacionista, Bourdieu (2001) propõe que os laboratórios sejam analisados por intermédio da noção de campo. Considerar cada laboratório como parte de um campo é enxergar a estrutura objetiva de relações que orienta a prática científica estabelecida entre diversos pesquisadores e vários laboratórios. As práticas e os fatos científicos são produto de duas histórias: 1- a incorporada na forma de disposições; 2- objetificada na estrutura do campo em objetos tecnológicos (instrumentos), escritos etc

Ao elaborar a noção de campo, Bourdieu (2004) parte do seguinte pressuposto: para compreender uma produção cultural é insuficiente referir-se apenas ao contexto social ou somente ao conteúdo textual da produção, contentando-se em estabelecer relação direta entre o texto e o contexto. Por exemplo, o autor afirma que não se trata de relacionar uma obra musical ou poema simbolista com as greves de Fomies ou as manifestações de Anzin. Os dois mundos, da ciência e do social são dois pólos distanciados. No entanto, há entre estes locais de fronteira, universos intermediários de ligação que Bourdieu (2004) chama de campo literário, artístico, jurídico ou científico. No campo estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem um conhecimento específico.

Em outras palavras, é preciso escapar à alternativa da “ciência pura”, totalmente livre de qualquer necessidade social e da “ciência escrava”, sujeita a todas as demandas político – econômicas. O campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc, que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve. De fato, as pressões externas, sejam de que natureza forem, só se exercem por meio da natureza do campo, são mediatizadas pela lógica do campo. Uma das manifestações mais

visíveis da autonomia do campo é sua capacidade de refratar, retraduzindo sobre uma forma específica as pressões ou demandas externas (BOURDIEU, 2004, p.21).

O laboratório é concebido como subcampo de uma disciplina, sendo definido conforme a posição da disciplina no campo como um todo. Cada laboratório possui autonomia relativa dada as restrições associadas a posição ocupada no campo universitário. Laboratórios de ensino são desafiados pelas contingências, pela instabilidade política do campo educacional brasileiro. A autonomia do campo educacional no Brasil é reduzida. O currículo da Educação Básica no Brasil é alvo de intensas disputas, sofre muitas interferências mercadológicas seja na vertente econômica seja na ideológica (CUNHA, 2016).

A noção de campo parece muito proveitosa para analisar os laboratórios de ensino de sociologia por diversos aspectos. Em primeiro lugar, o laboratório enquanto núcleo de um grupo de pesquisa está situado em uma universidade. Apesar de estar enredado, fazer parte de uma comunidade científica ou epistêmica, ele dialoga com demandas dos departamentos da faculdade onde está inserido. Tal é o caso do curso de especialização em ensino de sociologia oferecido por membros do LabES/UFRJ. A oferta se adequa a concepção de formação continuada do Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica (CESPEB) oferecido pela Faculdade de Educação da UFRJ (HANDFAS, MAÇAIRA, 2017). Ou seja, as ações do laboratório se interligam a estrutura mais ampla e aos desígnios da universidade em que ele se localiza. Em segundo lugar, o ensino de sociologia está localizado na fronteira entre as áreas da Educação e das Ciências Sociais. Esta proposta temática dialoga com questões de ambas à medida que se debruça sobre a história e a institucionalização das Ciências Sociais no Ensino Básico e Superior, analisando e respondendo a demandas sociais concernentes a disciplina escolar sociologia.

Pesquisadores de ensino de sociologia analisam a conjuntura política, a estrutura econômica e as expectativas da comunidade escolar a fim de compreender a maneira pela qual se configura a inserção das Ciências Sociais no contexto escolar. O conhecimento historicamente produzido no âmbito das Ciências Sociais é recontextualizado e transposto para se ajustar às exigências e demandas do contexto. Portanto, o ensino de sociologia está situado em uma zona de intersecção, confluências e divergências. Requer que as Ciências Sociais dialoguem com outros públicos não constituídos apenas por iniciados e egressos dos cursos de Ciências Sociais.

O laboratório situado em um lugar de fronteiras

Ao perscrutar o que são laboratórios de ensino de sociologia acaba-se por atrelá-los a um campo disciplinar que é lugar de fronteiras. Situar os laboratórios de ensino de sociologia em um lugar de fronteiras é considerar, em primeiro lugar, que o ensino de sociologia deve dialogar, necessariamente, com duas áreas de conhecimento: Educação e Ciências Sociais. Em segundo lugar, pesquisadores de ensino de sociologia estão cientes do fato de que o conhecimento sobre o mundo social inserido na Escola Básica deve passar por transposição didática. Precisam lidar com o fato de que as densas produções dirigidas a especialistas provenientes do campo acadêmico, disciplinar (conhecimento científico de Antropologia, Ciências Políticas, Sociologia etc) são recontextualizadas, recortadas, transformadas em textos acessíveis a um público de não especialistas, para serem apresentadas a estudantes de ensino médio e demais membros da comunidade escolar. O conhecimento científico sai da sua noosfera e passa a subsistir enquanto conhecimento escolar (CHEVALLARD, ?). Mesmo que o objetivo de um laboratório de ensino seja produzir conhecimento científico, ele também acaba lidando com o conhecimento escolar. Por último, a validação do ensino de sociologia entre os campos acadêmico e educacional está sujeita a interferências do campo político. Logo, o ensino de sociologia requer constante interlocução com públicos diversos, não se afasta da sociedade civil.

Pesquisar laboratórios de ensino de sociologia é entender o contexto de produção de conhecimento sobre a Sociologia Escolar. No campo da Educação, alguns autores da Nova Sociologia da Educação, pesquisadores do currículo, levantaram questões interessantes para pensar a respeito do(s) saber (es) produzido (s) em laboratórios de ensino de sociologia. Uma vez que saberes ensinados nas aulas de sociologia configuram o chamado conhecimento escolar, ao produzir sobre a sociologia escolar (mas também para atender demandas de professores da Educação Básica) há que se questionar a relação que os laboratórios de ensino de sociologia estabelecem tanto com o conhecimento disciplinar das Ciências Sociais quanto o que tem sido designado como conhecimento escolar. Reconhece - se, então, a especificidade epistemológica do conhecimento atrelado as áreas de “ensino de” quaisquer disciplinas no Ensino Básico. No caso da área de humanas, na qual se inclui atualmente Sociologia, Filosofia e História, as diretrizes curriculares prescrevem o objetivo educar, ensinar e formar cidadãos (MONTEIRO; PENNA, 2011). O conhecimento produzido por sociólogos de ofício seguem procedimentos de maior rigor teórico metodológico, representam uma perspectiva

sujeita a críticas e a validação pelos pares. Por estar em uma universidade, mas lidando com as questões, necessidades e preocupações da sociologia escolar, torna-se interessante observar como integrantes dos laboratórios de ensino de sociologia se relacionam com os diferentes saberes atrelados a práticas de ensino e atividades de pesquisa.

Um dos desafios para entender os laboratórios de ensino de sociologia é situá-lo dentro do campo universitário e estabelecer interlocuções com cientistas sociais que produzem conhecimento sobre a sociedade, especialmente sobre a educação; dialogar com projetos que interferem no Ensino Básico e estar sujeito a investigar demandas provenientes deste outro nível educacional. Por exemplo, docentes da Educação Básica que participam dos laboratórios trazem consigo relatos de experiência que podem originar novos problemas de pesquisa. Do mesmo modo que a experiência de estar em um contexto universitário contribui para que professores dêem continuidade a formação inicial recebida na graduação.

De acordo com Bourdieu (2001), pode-se dizer que os laboratórios são parte de um subcampo universitário. Eles respondem, além da atividade de pesquisa, a demandas de formação de professores e pesquisadores produtores de conhecimento científico sobre ensino de sociologia.

A criação de laboratórios no campo universitário está de acordo com a finalidade de uma universidade, qual seja, a de produzir conhecimento, ser um locus de pesquisa, ensino e extensão. Os laboratórios de ensino de sociologia foram constituídos com a finalidade de ser um elo entre universidade e Escola Básica. Possuem tripla função: 1- promover formação inicial e continuada de professores; 2- realizar pesquisas, produzir e divulgar conhecimento científico acerca da inserção da sociologia na educação básica; 3- ser um espaço de fronteira⁵ que potencializa a mediação didática de conteúdos disciplinares das Ciências Sociais para o Ensino Básico, atividade que aproxima a universidade de docentes de escola básica. Portanto, seguindo este princípio, os agentes que compõem os laboratórios de ensino de sociologia no ensino superior cumprem o papel que se espera de uma instituição universitária no Brasil: realizar atividade de ensino, pesquisa e extensão.

Partindo desta premissa, as fronteiras se ampliam e os objetivos de um laboratório de sociologia podem ser mais do que pesquisar e produzir conhecimento sobre a Sociologia escolar. Uma vez que haja diálogo contínuo entre instituições universitárias e profissionais da

⁵ O espaço de fronteira aqui mencionado remete a eventos e demais atividades de extensão que potencializam o encontro e o diálogo entre atores pertencentes à comunidade acadêmica com integrantes da comunidade escolar.

Educação Básica há que se considerar as reflexões suscitadas pela interação no modo como os laboratórios de ensino de sociologia são constituídos e definidos.

Assume-se como verdade que o conjunto das práticas dos cientistas em laboratório visa produzir conhecimento objetivo ou, no mínimo imparcial e refutável, embora não necessariamente neutro. E se considera a impossibilidade de debate amplo e aprofundado sobre questões científicas do campo das Ciências Sociais na escola Básica. Logo, quem estuda ensino de sociologia precisa lidar tanto com saberes específicos de uma disciplina e quanto com a “contaminação” da ciência no contexto da escola básica em função de demandas provenientes da comunidade escolar.

Para Moraes (2009), o Ensino Médio é um canal de divulgação científica das produções de ciências sociais. Nas últimas cinco décadas, as ciências sociais no Brasil tomaram como base teórica o debate sobre democratização do ensino, encamparam críticas aos meios de comunicação de massa e serviram de fonte de organização e caixa de ressonância da voz de minorias excluídas e da população pobre e marginalizada. Nesse contexto, a transposição didática do conhecimento sociológico para o Ensino Médio assumiu caráter de divulgação, de alfabetização científica (CHASSOT, 2003; OLIVEIRA, 2014). Por conseguinte, originaram uma crescente produção acadêmica cuja principal motivação é a pesquisa sobre a criação da Sociologia Escolar possibilitando a emergência de um novo objeto científico: o ensino de sociologia (HANDFAS, 2015). Assim se presume que os laboratórios de ensino de sociologia são espaço – tempo constituídos para realização de pesquisa visando a produção de conhecimento sobre o ensino de sociologia, a transposição didática e a formação de professores pesquisadores.

As noções de campo científico ou acadêmico e campo escolar ajudam a compreender a posição e as finalidades dos laboratórios de ensino de sociologia neste local de fronteira. O campo de produção de conhecimento científico envolve uma atitude investigativa a partir da utilização de métodos e procedimentos gerando aprendizagem e saber sobre a realidade. Esta não é transparente. Por isso, o método científico pressupõe um questionamento dos fatos, a fim de distinguir o "essencial" do "acessório", rompendo com representações ilusórias imediatas do senso comum (GOHN, 2005).

Reflexão sobre laboratórios e o campo da didática

A finalidade de criação de laboratórios parece tão óbvia e natural que por muito tempo se questionou o porquê dos estudos de laboratório. Um laboratório, dizem, é um local de prática, de experimentação e realização de pesquisas científicas. O que os estudos de laboratório trazem de novidade é investigar como um laboratório está organizado em termos de divisão do trabalho, procedimentos por meio dos quais produzem conhecimento (chegando no limite de questionar as crenças acerca do conhecimento científico), a quem se destina este conhecimento, quais os recursos necessários para prática científica e as negociações necessárias entre mundo interno e o externo à ciência.

Esta pesquisa partiu da premissa de que um laboratório é um espaço destinado a prática de atividades científicas, onde a ciência se reproduz, cientistas avaliam práticas e resultados, fazem experimentos e se reinventam, além de promover iniciação científica. No entanto, as observações sinalizaram para um dado importante que parece ser uma característica específica dos laboratórios de ensino. Por efeito do diálogo estabelecido entre os pressupostos de uma ciência e a área da Educação, e devido a presença de professores universitários e de Educação Básica nestes espaços, sugere-se que os laboratórios de ensino de Sociologia oportunizam a formação de uma categoria específica de docentes: os professores pesquisadores.

Seria essa a finalidade de um laboratório de ensino de sociologia: formar pesquisadores e incentivar a formação continuada de professores ou fomentar a identidade dos professores pesquisadores? A identidade de professor pesquisador e seus pressupostos são investigados em um campo de destaque na Educação, o da Didática. O debate sobre a formação de professores pesquisadores considera as benesses da profissionalização do ofício docente e reflete sobre as contribuições do emprego de metodologia científica para o avanço dos processos de ensino e aprendizagem. Neste sentido, estimula-se o desenvolvimento de uma epistemologia da prática e o perfil de professores pesquisadores. Estes aprendem a trabalhar com método da pesquisa, a refletir e investigar a própria prática e intervir nos contextos educacionais nos quais atuam. Estas reflexões avaliam a possibilidade dos relatos de professores de escola básica serem considerados objetos de pesquisa e a própria possibilidades de docentes realizarem pesquisa. Embora um relato de pesquisa também seja relato de experiência vivida, nem toda experiência é resultante de um processo de pesquisa (LUDKE; CRUZ; BOING, 2009)

De acordo com Cochran- Smith & Lytle (1999), a formação dos professores pode seguir várias vertentes. Uma delas visa formar uma *comunidade para a prática*, isto é,

docentes universitários produzem conhecimento formal para atender as demandas escolares e capacitam professores para reproduzir tais conhecimentos na Educação Básica. A universidade propõe soluções pedagógicas a serem aplicadas pelos docentes das unidades escolares de nível básico. Esta formação se aproxima do que outros autores denominam racionalidade técnica: percepção de que há uma divisão do trabalho entre intelectuais que pensam e pesquisam a Educação, e os que realizam o trabalho técnico: os docentes da Educação Básica.

Tal divisão não está baseada tão somente em preconceitos herdados da divisão taylorista das tarefas entre trabalho manual e trabalho intelectual. Uma série de condições de trabalho menos favoráveis em um determinado contexto do que em outros. Podem facilitar ou dificultar a dedicação ao ensino e a pesquisa. Decerto, as condições de trabalho e possibilidades de pesquisa e docência no Brasil tendem a ser mais favoráveis aos docentes que trabalham no ensino superior público do que o contexto onde está a maioria dos professores da Educação Básica.

A segunda proposta de formação de professores é a de criação de *comunidades em prática* contemplando menos os que se dedicam a teorizar sobre a educação do que atuar como docentes e compartilhar recursos didáticos e metodologias de ensino. De acordo com este modelo, o aperfeiçoamento docente ocorre na prática, a proporção que o sujeito acumula tempo de experiência enquanto professor e aprende a lidar com as contingências e as demandas de situações vividas em sala de aula.

A terceira concepção de formação de professores é denominada conhecimento da prática. Esta não divide o universo do conhecimento entre formal de um lado e prático de outro. Presume-se que a docência exige reflexividade constante do professor a respeito da própria prática, portanto, utilizam a sala de aula como local para investigação intencional ao mesmo tempo em que consideram o conhecimento e teorias produzidos por outros como materiais geradores de questionamento e interpretação. “*Neste sentido, os professores aprendem quando geram conhecimento local “da” prática trabalhando dentro do contexto de comunidades de investigação, teorizando e construindo seu trabalho de forma a conectá-lo às questões sociais, culturais e políticas mais gerais*” (COCHRAN – SMITH & LYTLE, 1999, p. 2).

Sobre este aspecto, uma das hipóteses levantadas por esta pesquisa é a de que, aceitando-se que os laboratórios de ensino sejam subcampos universitários, o propósito de configuração deles muda em função da área de conhecimento em que estão situados ou

conforme a identidade que atribuída aos integrantes. Na fronteira entre as Ciências Sociais e a Educação de um laboratório de ensino de sociologia, laboratórios de ensino de sociologia podem configurar grupos cuja finalidade prioriza a formação de pesquisadores visando a produção de conhecimento científico acerca da inserção da Sociologia enquanto disciplina no contexto escolar. Ou pode ser mais um espaço de incentivo à formação inicial e continuada de professores. A tendência é a de que, aproveitando-se do lugar de fronteira entre Educação e outra disciplina específica, os laboratórios de ensino de sociologia integrem ambos objetivos para formar professores pesquisadores.

CAPÍTULO 2 – LABORATÓRIOS DE ENSINO DE SOCIOLOGIA NO BRASIL

Neste capítulo são apresentados os laboratórios de ensino de sociologia encontrados mediante busca na internet, no diretório de grupos do CNPq e por pesquisa bibliográfica sobre ensino de sociologia. Alguns dados foram obtidos por meio de perguntas enviadas aos responsáveis pelos laboratórios e outros por análise de informações constantes nas páginas virtuais dos mesmos. A pesquisa buscou saber mais sobre a constituição e a finalidade dos laboratórios de ensino de sociologia identificados⁶.

Ao utilizar buscador de dados da internet em abril de 2016⁷ foram descobertos 7 autodenominados laboratórios de ensino de ensino de sociologia localizados em universidades públicas e privadas. Nesta busca geral foram identificados sítios vinculados a grupos de pesquisa de instituições de ensino superior que enunciam a existência de laboratórios de ensino de sociologia. Somando-se a eles os laboratórios que não dispõem de páginas na internet foram 10 as iniciativas de laboratórios de ensino de sociologia encontradas em instituições de Ensino Superior e uma em instituição federal de Ensino Básico⁸: A Universidade de São Paulo (USP) conta com o Laboratório de Ensino de Sociologia (LES), criado por meio de subsídios da Pró-Reitoria de Graduação e Departamento de Sociologia da USP. Na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro há o Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes (LabES). Docentes do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL) criaram o Grupo de Apoio ao Ensino de Ciências Sociais (GAES), atual Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de

⁶ Todos os identificados estão vinculados a instituições de ensino superior, com exceção do LAPES.

⁷ Foi utilizado o buscador Google www.google.com.br

⁸ Outras instituições estão se organizando para configurar um laboratório de ensino de sociologia. Na UnB está em gestação o Lelia/ UnB e LECSO/ UFES. Outros laboratórios também foram apontados como existentes na pesquisa exploratória realizada por Caruso (2017) e publicada em artigo: Laboratório de ensino do Instituto de Ciências da Universidade Federal do Oeste do Pará (LBE/UFOPA), Laboratório de Ensino e Metodologia de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL- MG), Laboratórios de Pesquisa e Prática em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande (LAPPCS/ UFCG). À exceção do LAPPCS, não se tem informações sobre a configuração e a atuação deles. A menção ao Laboratório de Ensino e Metodologia de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Alfenas, na página da universidade, há uma breve descrição em poucas linhas sobre o mesmo: “*está localizado na Sala V-010 do Prédio V do Campus Sede da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG) e atende aos cursos de licenciatura e bacharelado. Trata-se de um espaço para realização de aulas de graduação e pós-graduação, reuniões de grupos de pesquisa, extensão e administração e para as demais atividades, dentre elas, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e Programa de Monitoria, dentre outros*”. <http://www.unifal-mg.edu.br/cienciassociais/laboratoriodeensino>. Acesso: jan. 2018.

Sociologia (LENPES). Na Universidade Federal de Uberlândia há o Laboratório de Ensino de Ciências Sociais (LESOC). A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em parceria com mais duas universidades e uma faculdade privada constituem o Laboratório Virtual e Interativo de Ensino de Ciências Sociais (LAVIECS). Na Universidade de Santa Catarina há o Laboratório Interdisciplinar de Ensino de Filosofia e Sociologia (LEFIS) vinculado ao Laboratório de Sociologia do Trabalho (LASTRO), ambos com proposta de ensino de sociologia na Educação Básica. A Universidade Federal de Alagoas conta com o Laboratório de Transposição Didática em Ciências Sociais (LADICS). No Colégio Pedro II há o Laboratório de Pesquisa e Extensão em Ensino de Sociologia. Não possui página na internet, mas foi localizado em busca no diretório de grupos do CNPq.

Ações de outros dois laboratórios também ficaram conhecidas devido a menção em artigos científicos ou indicação de membros de outro laboratório, posto que não dispõem de registro em páginas da internet. São eles: Laboratório de Pesquisa e Prática de Ensino em Ciências Sociais (LECS) da Universidade Federal do Maranhão, mencionado por Anita Handfas; Laboratório de Pesquisa e Prática de Ensino em Ciências Sociais (LAPPCS), da Universidade Federal de Campina Grande (CARUSO, 2017); Laboratório de Pesquisa em Ciências Sociais (LAPIS), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (RÖWER, 2016).

Como mostra a tabela 1, cada iniciativa está situada em um estado brasileiro, ainda que os esforços estejam situados no eixo Sul - Sudeste.

A análise, classificação e categorização do conteúdo disponibilizado apenas nos sítios virtuais dos laboratórios na internet seria insuficiente para dar conta de responder algumas questões levantadas por esta pesquisa: como estão organizados, o tipo de conhecimento produzido e a relação estabelecida entre produtores de conhecimento no ensino superior e a educação básica. No atual contexto, indaga-se ainda o que legitima a manutenção de tais laboratórios de ensino. À exceção do LES/GAES da Universidade Estadual de Londrina há muito pouca informação sobre o conhecimento produzido pelos membros dos outros sete laboratórios nos sítios virtuais. Por conseguinte, o acesso às informações necessárias a concretização deste projeto demandaram outros caminhos de coleta de dados.

Tabela 1 – Laboratórios de ensino de Sociologia

| Laboratórios de Ensino de Sociologia | | | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------|------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Nome | Sigla | Instituição | Site |
| Laboratório de ensino de sociologia | LES | USP | http://ensinosociologia.fflch.usp.br/ |
| Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes | LabES | UFRJ | www.labes.fe.ufrj.br |
| Grupo de apoio ao ensino de sociologia (ex-LES/UEL) | LENPES/ GAES | UEL | http://www.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/o-ensino-da-sociologia.php |
| Laboratório de Ensino de Sociologia | LESOC | UFU | www.lesoc.incis.ufu.br |
| Laboratório Virtual e Interativo de Ensino de Ciências Sociais | LAVIECS | UFRGS/UFFS/Unilasale/Feevale | https://www.ufrgs.br/laviecs2/ |
| Laboratório de Sociologia do Trabalho/ Laboratório Interdisciplinar de Ensino de Filosofia e Sociologia | LASTRO/ LEFIS | UFSC | http://lastro.ufsc.br/?page_id=1790 https://lefisfln.wordpress.com/lefis/ |
| Laboratório de Transposição Didática em Ciências Sociais | LADICS | UFAL | https://ensinodesociologiaingo.com.br/laboratorio-de-transposicao-didatica/ |
| Laboratório de Pesquisa e Extensão em Ensino de Sociologia | LAPES | CPII | Não dispõe |
| Laboratório de ensino em Ciências Sociais | LECS | UFMA | Não dispõe |
| Laboratório de Pesquisa e Prática de Ensino em Ciências Sociais | LAPPCS | UFCG | Não dispõe |
| Laboratório de Pesquisa em Ciências Sociais | LAPIS | UFRN | Não dispõe |

A produção de conhecimento e a pesquisa sobre ensino de sociologia são desenvolvidas em instituições de ensino, notadamente de ensino superior. Atuando em grupos por área e linha de interesse de pesquisa, vários pesquisadores formalizaram a criação de grupos no diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) conhecida como Plataforma Lattes. O Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil criado pelo CNPq é um inventário dos grupos de pesquisa científica e tecnológica em

atividade no Brasil. As informações nele contidas abarcam os recursos humanos - pesquisadores, estudantes e técnicos - integrantes dos grupos. Além disso, a página do grupo contém as linhas de pesquisa em andamento por especialidade, os setores de aplicação envolvidos, produção científica, tecnológica e artística do país e, se for o caso, as parcerias estabelecidas entre o grupo e outras instituições, inclusive empresas do setor produtivo.

Conseqüentemente, o próximo passo de identificação dos produtores de conhecimento acerca do ensino de sociologia foi consultar o diretório de grupos do CNPq. No intuito de reconhecer os pesquisadores efetuamos pesquisa com os seguintes “termos de busca”: “ensino de sociologia”, “ensino de ciências sociais”, “laboratório de ensino de sociologia” e “laboratório de ensino de ciências sociais”, em novembro de 2016. Os campos da busca parametrizados pelos quatro termos previamente mencionados foram: “nome do grupo”, “nome da linha de pesquisa” e “palavra chave da linha de pesquisa”. O levantamento foi significativo. Resultou no registro de muitos grupos certificados constituídos por pesquisadores dedicados à pesquisa acerca da inserção da sociologia na Educação Básica. As informações resultantes do levantamento de grupos são apresentadas na tabela a seguir:

Tabela 2 – Levantamento de grupos de pesquisa sobre ensino de sociologia no diretório de grupos do CNPq

| Sociologia escolar no diretório de grupos do CNPq | |
|----------------------------------------------------------|-------------------------------------|
| Termo de busca | Número de grupos de pesquisa |
| Ensino de sociologia | 32 |
| Ensino de ciências sociais | 15 |
| Laboratório de ensino de sociologia | 3 |
| Laboratório de ensino de ciências sociais | 2 |

A busca no diretório do CNPq mostrou resultados diferentes do encontrado na internet. Dos laboratórios anteriormente apontados, apenas 4 constam oficialmente no CNPq. Registrados com o nome de laboratório de ensino de sociologia há dois localizados no estado do Rio de Janeiro -- Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes (LabES), liderado por Anita Handfas (UFRJ); e Laboratório de Pesquisa e Extensão em Ensino de Sociologia (LAPES), coordenado por Rogério Mendes de Lima (Colégio Pedro II - unidade

Realengo) -- e um no estado do Paraná -- Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia (LENPES), liderados por Ileizi Luciana Fiorelli Silva e Angela Maria de Sousa Lima (UEL). Dos três laboratórios, o primeiro está atrelado institucionalmente à área da Educação enquanto os outros dois inserem-se na área da Sociologia. O LAPES não possui página virtual.

Embora esta dissertação dialogue com outras áreas de conhecimento, tais como os Estudos Sociais sobre a Ciência e Epistemologia das ciências sociais, esta pesquisa acerca dos laboratórios de ensino de sociologia insere-se nas discussões acerca do ensino de sociologia. Pesquisadores e autores que se debruçam sobre a temática se interessam pela inclusão da sociologia na Educação Básica dialogando com teorias do campo da Educação e das Ciências Sociais. Neste sentido, este capítulo situa os estudos de laboratórios de acordo com as preocupações e significados atribuídos aos laboratórios de ensino de sociologia no campo universitário, tendo em vista o debate a respeito da inserção das Ciências Sociais na Educação Básica.

O de ensino de sociologia tem sido inserido no campo da Sociologia da Educação. A sociologia educacional analisa a relação entre os fins de um determinado sistema educacional e os meios de que se vale para alcançá-los. Busca avaliar o atendimento das necessidades educacionais, identificar obstáculos e propor soluções viáveis para os mesmos (TOSCANO,1984). De acordo com Piletti (2006), o estudo da Sociologia da Educação subdivide-se em três grandes áreas. A primeira, nível mais geral, aborda a relação entre sociedade e educação em um sentido mais amplo. A segunda, nível intermediário, aborda a interação entre a escola e a comunidade em que está inserida. O terceiro nível é o mais particular, o das condições sociais da sala de aula.

As pesquisas sobre Ensino de Sociologia não estão alheias às relações entre sociedade, escola, família e comunidade. Entretanto, possui um objetivo específico, qual seja, pesquisar trajetórias, recontar a história de inserção da Sociologia no Ensino Básico, identificar os impactos da criação da disciplina escolar Sociologia à medida que esta encontra, estabelecer e justificar presença no contexto escolar. Também visa afirmar um lugar na fronteira entre campos de conhecimento díspares: da Educação e das Ciências Sociais. “*A sociologia da sociologia do ensino de sociologia avalia o momento pós-inclusão do ensino de sociologia na Educação Básica*” (ERAS, 2013, p.28).

Pesquisas recentes sobre o “estado da arte” do Ensino de Sociologia têm mapeado as produções sobre o ensino de sociologia na Educação Básica: criação de cursos de graduação e

de pós-graduação, elaboração de estudos, pesquisas, metodologias, para além da formação de professores. Identificam a distribuição institucional e espacial dos trabalhos de pós graduação no Brasil no tocante ao assunto, considerando os principais temas de pesquisa (BODART; CIGALES, 2017). Pesquisas sobre ensino de sociologia atentam para a finalidade e para o modo como as Ciências Sociais passam a fazer parte do contexto escolar em diferentes períodos históricos. Por outro lado, é-lhes relevante saber como é que paulatinamente, o ensino de sociologia se insere na agenda de pesquisas também no campo universitário nas áreas de Educação ou de Ciências Sociais.

Este capítulo se refere ao modo como o ensino de sociologia se localiza no contexto universitário brasileiro nos anos 2000, resultando na constituição de laboratórios de ensino sociologia, entre outras ações. Desta forma, notamos como a questão da Sociologia no Ensino Médio se faz presente no campo universitário.

Por meio da análise de conteúdo de dados disponibilizados publicamente em sites de laboratórios de ensino de sociologia e entrevista realizada por meio de perguntas enviadas aos coordenadores de laboratórios propõe-se identificar a constituição dos laboratórios de ensino identificados, as atividades realizadas e o que eles têm a dizer sobre o perfil acadêmico e profissional de quem integra estes laboratórios. Por meio das idéias expressas nas falas e na auto-apresentação em páginas virtuais dos laboratórios pesquisados, buscou - se os argumentos que tratam da prática científica e da relação estabelecida entre universidade e escola, isto é, consideram-se as atividades destinadas ao público universitário e a comunidade escolar.

A criação dos laboratórios de ensino de sociologia

GAES/LES/LENPES (UEL). A primeira experiência de criação de um laboratório de ensino de sociologia no Brasil foi empreendida no estado do Paraná, na década de 1990. Em 1993, docentes do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina traçaram uma meta: convencer escolas de Londrina e região a incluírem a disciplina Sociologia no currículo do Ensino Médio. Iniciadas as ações em 1994 por Marcolina Carvalho e Lesi Correa, a proposta implicou, nos anos 2000, na elaboração de um conjunto de projetos cujo resultado foi a criação de laboratórios de ensino de sociologia: o Laboratório de Ensino de Sociologia (LES), de 2000 a 2003; do Grupo de Apoio ao Ensino de Sociologia (GAES), entre 2004 e 2008 e o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia

(LENPES), que existe desde 2007. Nas décadas de 1990 e 2000, tais projetos congregaram cientistas sociais a pensarem sobre a educação e a disseminação da Sociologia (SILVA, 2015).

Conforme relato de Silva (2015) a ideia – força dos projetos foi a de que o ensino de sociologia deve ser expandido com base na ciência transformada em disciplina escolar, contribuindo para desvendar os mecanismos obscuros da complexa teia social em que indivíduos estão inseridos. Deste modo, a Sociologia foi incitada a sair do ambiente acadêmico, reduto de especialistas, para ganhar maior amplitude e legitimidade social.

Ao criarem o primeiro projeto, Lesi Correa e Marcolina de Carvalho não esperaram por leis que obrigassem a presença do ensino de sociologia nas escolas. Duvidavam que fossem as leis capazes de garantir a efetivação da sociologia enquanto disciplina escolar. Por isso, iniciaram um projeto que visava convencer as escolas a incluírem a Sociologia na parte diversificada do currículo. Esta história nos mostra que o conhecimento sociológico pode se legitimar por si próprio, independente de leis. A existência de leis e pareceres favoráveis a inserção de conhecimentos de sociologia e filosofia no Ensino Básico serviram para oficializar, ratificar, corroborar, legalizar esta presença.

A articulação junto às escolas a fim de incluir a Sociologia nos currículos escolares aconteceu numa fase de restrição no campo de estágio para licenciandos em Sociologia. A disciplina perdia espaço na matriz curricular diversificada das escolas. Para atender as possibilidades de inserção do licenciando nas unidades escolares, os cursos superiores de licenciatura em Ciências Sociais habilitavam os alunos a lecionar, além da Sociologia, Geografia, História e Organização Social Política Brasileira (OSPB). Até 1992 os concluintes do curso de Ciências Sociais no Paraná estavam habilitados para quaisquer destas disciplinas.

Como resultado do trabalho das professoras da UEL, Lesi Correa e Benilde Bishop, em 1996 havia 19 escolas contendo Sociologia em seus currículos, o que gerou a necessidade de assessoramento dos professores que assumiram as disciplinas. De acordo com Silva (2015) as principais estratégias adotadas pelos projetos iniciais foram: visitar escolas para agendar e realizar palestras e reuniões; estabelecer parceria com o Núcleo de Educação de Londrina; assessorar professores do Ensino Fundamental e Médio; oferecer cursos de formação continuada; participar e assessorar a elaboração de currículos nas escolas do Núcleo de Educação e da Secretaria de Estado de Educação em Curitiba; ofertar minicursos para estudantes de Ensino Médio da UEL; proceder ao levantamento de perfil dos professores e dos programas desenvolvidos em Sociologia; realizar pesquisas sobre a política de educação,

os currículos, os programas e a disciplina atrelados às metodologias de ensino; criação de um curso de especialização *latu sensu* em Sociologia da Educação e Ensino de Sociologia (1995). As Semanas de Sociologia nos colégios iniciou com as ações das docentes Angela de Sousa Lima e Sueli Martins, colaboradoras entre os anos de 2001 e 2002.

A situação da licenciatura em Ciências Sociais nas universidades do Paraná é impar, pois os professores de Metodologia de Ensino sempre fizeram parte do departamento de Ciências Sociais. Em outras instituições podem estar sob coordenação das faculdades ou departamentos de Educação.

A primeira iniciativa de laboratório de ensino de sociologia da instituição surgiu no âmbito do GAES (Grupo de Apoio ao Ensino de Sociologia), em 2003, assumindo a forma institucional de um projeto de extensão com tempo determinado. Mudanças nos procedimentos de cadastro de projetos questionavam o título de laboratório atribuído a atividades de ensino fora da UEL. Assim, institucionalmente, o LES (Laboratório de Ensino de Sociologia) passou a existir na pró-reitoria de extensão, submetido ao GAES. Em 2012, membros do laboratório requisitaram a atualização de status de projeto de extensão para programa de extensão. A proposta é que o LES enquanto programa de extensão articule outras ações consideradas projetos de extensão, como o LENPES – Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia, as Semanas de Sociologia do GAES nas escolas e outros que surgirem.

Dentre as atividades do GAES estava a divulgação dos temas e eventos da área de Ciências Sociais para professores de escola, graduandos e demais interessados.

Em 2007, as ações do laboratório foram interiorizadas no estado do Paraná tendo por critério o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH. Passaram a atuar na cidade de Ortigueira, município com o pior IDH do estado. Este projeto do LENPES contou com apoio da Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia contemplado pelo programa “Universidade sem Fronteiras”. Para além da interiorização, o laboratório integrou-se a licenciaturas de outras áreas por meio da PRODOCÊNCIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CONSOLIDAÇÃO DAS PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES NAS LICENCIATURAS. A proposta foi consolidar as licenciaturas como espaço de produção de conhecimento local, fomentar novas metodologias de prática de ensino em perspectiva interdisciplinar e intercultural, para além do estabelecimento de vínculos produtivos com comunidade escolar, implantando condições materiais de desenvolvimento do estágio junto a escolas parceiras. Por

último, o laboratório foi ampliado e consolidado ao se transformar em programa permanente de extensão.

As ações do laboratório fundamentam o ensino de sociologia na Educação Básica teórica e metodologicamente na interlocução de dois campos: Ciências Sociais e Educação.

São ações de formação desenvolvidas pelo laboratório: oferta de cursos para professores de sociologia na UEL; pesquisa e produção de materiais adequados ao ensino de sociologia destinado ao público alvo de adolescentes e jovens; pesquisa e produção de materiais sobre alguns temas das Ciências Sociais: autores clássicos, desigualdades sociais, sexualidade, racismo e cultura afro – brasileira, educação e escola, além de livros paradidáticos, filmes, etc; minicursos ministrados a alunos de Ensino Médio e as Semanas de Sociologia nas escolas; orientações de trabalho de conclusão de curso - TCC; pesquisa sobre juventudes; assessoria as equipes de ensino das escolas, núcleos de educação e Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná; elaboração de currículos, programas, diretrizes, materiais e organização de simpósios, encontros, cursos etc.; organização de publicações na área e participação em eventos; publicação do Caderno de Metodologia de Ensino e Pesquisa de Sociologia (2009) contendo resultados das atividades realizadas pelo LENPES no município de Ortigueira – PR.

O LENPES tem atuado do Paraná no monitoramento do uso de materiais didáticos na rede estadual de ensino. Muitos professores se tornaram colaboradores voluntários do LES, ganhando, em contrapartida, carteirinha da universidade, o que lhes garantiu acesso a materiais da biblioteca, descontos em eventos culturais, estacionamento e restaurante universitário dentre outras vantagens de inserção no campus universitário. Reconhecendo o apoio e amparo institucional da Universidade Estadual de Londrina, de acordo com Silva (2015, p.42) “*o ensino de Sociologia na UEL tornou-se um intenso laboratório, (...) “teatro de notáveis operações e transformações”*”.

O laboratório LENPES resulta de um de um projeto de extensão cujo objetivo é auxiliar docentes de sociologia a superarem as dificuldades relacionadas a especificidade da Sociologia enquanto conhecimento sociológico, a delimitar conteúdos e temas, escolher materiais didáticos e metodologias mais adequadas a fase de aprendizagem de jovens e adolescentes. Por fim, membros do laboratório oferecem suporte a professores de sociologia que recebem estagiários durante a realização dos estágios (LIMA, FERREIRA, 2007).

A Universidade Estadual de Londrina reúne vários esforços de criação e manutenção de grupos de trabalho e laboratório de ensino de sociologia: Laboratório de Ensino de

Sociologia (LES), o Grupo de Apoio ao Ensino de Sociologia (GAES) e o Laboratório de Ensino e Extensão de Sociologia (LENPES). Os esforços destes grupos se localizam na formação inicial e continuada de professores de sociologia. No Livro sociologia no ensino médio: uma experiência – César Augusto de Carvalho (2010), resgata diversas experiências de formação docente e novos espaços institucionais da Universidade Estadual de Londrina (UEL), entre eles o Laboratório de Ensino de Sociologia (LES), o Grupo de Apoio ao Ensino de Sociologia (GAES) e o Laboratório de Ensino e Extensão de Sociologia (LENPES). Este é apresentado como uma importante rede de circulação de ideias entre os professores da UEL, estudantes universitários da mesma instituição e os professores da rede pública. A produção bibliográfica do grupo culmina em atividades administradas e executadas dentro e fora do campus. São trabalhos acadêmicos, didáticos e de consultoria educacional. Localizado no Departamento de Ciências Sociais, as produções do LENPES dialogam intensamente com a Educação, mais especificamente com a Sociologia da Educação. Os professores de ensino superior deste laboratório trabalham para a consolidação da importância da Sociologia na grade curricular do EnsinoM, pois consideram a disciplina “*fundamental para formar a mentalidade do cidadão brasileiro e dar-lhes as bases científicas do pensar sociológico*” (CARVALHO, 2010, p. 12).

Os laboratórios de Ensino do Departamento de Ciências Sociais da UEL surgiram na década de 1990 com o objetivo de convencer as escolas de Londrina a incluírem a disciplina Sociologia nos currículos do Ensino Médio. Eram cadastrados na instituição como projetos de extensão⁹. Frentes de atuação de docentes do departamento elaboravam atividades relacionadas ao Ensino Médio. Como produto da participação de vários professores do curso foi elaborado o livro didático “Iniciação à sociologia”, coordenado por Nelson Tomaz. Em 1993, as docentes Marcolina Carvalho e Lesi Correa sistematizaram a proposta. De 1994 a 1999 se constituiu a área de Metodologia de Ensino de Ciências Sociais/ Sociologia no curso de Ciências Sociais da UEL (LIMA, 2013).

Entre os anos de 1993 e 1999, práticas, reflexões e estratégias de convencimento das escolas acerca da relevância da Sociologia na educação das juventudes foram sistematizadas

⁹À época, a proposta curricular hegemônica era mais próxima de currículo que valorizava o conhecimento científico, isto é, acreditava-se que o papel da escola era resgatar disciplinas tradicionais, o professor como intelectual e o papel da escola como transmissora de uma cultura sofisticada, em termos de discurso e de metas a serem perseguidas (SILVA, 2009).

em dois projetos. O primeiro, intitulado “A Reimplantação da Sociologia no 2º. Grau” (1993-1997) e o segundo, “A Sociologia no Ensino Médio, Conteúdos e Metodologias: assessoramento aos professores e alunos do 4º. NRE/Londrina” (1998-1999). Tais produções incitaram debates acadêmicos. Em 1995 foi criado o Curso de Especialização *latu sensu* em “Sociologia da Educação e Ensino de Sociologia”. Membros do grupo consideram que os projetos deram origem aos dois primeiros Laboratórios de Ensino de Sociologia do Departamento. Anos depois, em 2000, foi criado o LES (Laboratório de Ensino de Sociologia), coordenado por vários anos pelas professoras da área de Estágio Supervisionado: Lesi Correa e Ileizi Luciana Fiorelli Silva (LIMA, 2013).

Na pesquisa realizada por Lima (2013) em dados da edição cadastrada na Proex (Pró Reitoria de extensão), de 01/01/2000 a 31/08/2003, após 44 meses de atuação, na linha de extensão “Educação infância e adolescência” e na área do CNPq “Sociologia”, o Laboratório de Ensino de Sociologia consolidou trabalho anteriormente realizado. Para tanto, promoveram um conjunto de ações a partir de 1999: assessoria ao ensino de Sociologia nas 62 escolas públicas de Ensino Médio (a Sociologia era obrigatória); seleção e produção de materiais pedagógicos; formação continuada para docentes de Sociologia; melhoria da qualidade na formação do licenciando de Ciências Sociais da UEL; assessoramento do ensino de Sociologia nos outros cursos de graduação da UEL; atendimento a alunos do Ensino Médio e professores de Sociologia do Ensino Médio, promovendo encontros, cursos, reuniões etc.

“Essas ações eram organizadas em atividades gerais e planos de atividades diferenciadas. Todos os professores integrantes do projeto eram responsáveis pelas atividades gerais, mas em duplas desenvolviam os planos de atividades diferenciadas, em consonância com os objetivos comuns. Os objetivos eram: assessorar o ensino de Sociologia nos diferentes níveis de ensino (Fundamental, Médio e Superior); possibilitar uma articulação maior entre a universidade e o ensino básico; desenvolver um processo de formação continuada para professores de Sociologia em exercício; propiciar ao aluno do curso de Ciências Sociais o acesso e a reflexão sobre formas de ensinar e sobre materiais didáticos auxiliares no ensino de Sociologia; constituir um espaço de vivência e criação de novas práticas de ensino e de novos materiais pedagógicos; permitir a consolidação de um acervo de materiais pedagógicos para o ensino de Sociologia; e possibilitar o desenvolvimento de pesquisas e de grupos de estudos sobre o ensino de Sociologia” (LIMA, 2013).

Tabela 3 – Síntese das informações sobre o GAES/LES/LENPES

| GAES /LES/LENPES | |
|------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Instituição universitária | UEL – Universidade Estadual de Londrina |
| Departamento/ Faculdade/ Instituto | Ciências Sociais |
| Estado | Paraná |
| Atividades que promove | Semanas de Sociologia; Encontro Regional de Ensino de Sociologia; participação em eventos; curso de especialização; pesquisa; aulas no curso de licenciatura; produções didáticas e acadêmicas; assessoria a órgãos públicos na elaboração de currículo; apoio a escolas e monitoramento da inserção do ensino de Sociologia no estado do Paraná |
| Atividades que destacam | Extensão |
| Objetivo das atividades | <ul style="list-style-type: none"> ● Refletir sobre a obrigatoriedade e permanência da Sociologia no Ensino Médio. ● Sensibilizar os jovens mostrando a importância da Sociologia para a formação deles. ● Proporcionar formação continuada aos docentes de sociologia articulando escola pública e universidade. ● Auxiliar docentes de Ensino Médio a superar as dificuldades relacionadas às especificidades do conhecimento sociológico, delimitar conteúdos e temas, escolher materiais didáticos e metodologias adequadas à fase de aprendizagem. ● Oferecer suporte aos professores que recebem estagiários. |
| Quem participa | Professores da UEL, professores voluntários, alunos, ex alunos da instituição universitária |
| A quem se destina | Alunos e professores de Sociologia do Ensino Médio da rede pública de Londrina |

LADICS (UFAL)¹⁰. O Laboratório de Transposição Didática de Ciências Sociais da Universidade Federal do Alagoas se interessa por tecnologias da educação voltadas para o ensino de sociologia. Propõe-se a criar recursos, materiais e estratégias didáticas e fazer a transposição do saber científico para o contexto escolar. Além de formar novos professores de sociologia. Compreendem o contexto social, econômico e político dos alunos de ensino básico para fazer a transposição e nortear a prática docente. Formam professores, capacitando-os a produzir conhecimento escolar.

O LADICS está atrelado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas de Ciências Sociais, grupo que pesquisa e discute ensino de Ciências Sociais/ Sociologia tendo em vista a formação e atuação docente tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior. As linhas de pesquisa do grupo, na atualidade, são “*Currículo e Formação de Professores de sociologia/Ciências Sociais*” e “*Metodologias e Práticas de Ensino em Sociologia/Ciências Sociais na Educação Básica*”.

Devido a constantes queixas de docentes e estagiários que sentiam dificuldade de tornar a prática de ensino-aprendizagem mais significativa e atrativa aos olhos dos alunos, o LADICS constatou a carência de materiais didáticos, estratégias e métodos de ensino para a Sociologia na Educação Básica. Sendo assim, a criação do laboratório foi motivada pela reintrodução da Sociologia no Ensino Médio e pelo propósito de realizar a transposição didática, a fim de melhorar a qualificação profissional e desenvolver metodologias de ensino de modo a transpor o saber científico para a realidade da sala de aula no Ensino Básico. O objetivo, portanto, é fomentar condições para uma prática docente em Sociologia mais próxima da realidade do aluno do Ensino Médio por intermédio de práticas de transposição didática.

Segundo informam na página do grupo na internet, a concepção que possuem de um laboratório em Ciências Sociais não se distingue do propósito que arquiteta os laboratórios de Ciências da Natureza:

Laboratório é um termo originalmente voltado aos experimentos associados às ciências naturais, contudo tem sido comum nas ciências sociais apropriar-se da ideia de laboratório para desenvolver novas tecnologias ou testando as já existentes, bem como aperfeiçoá-las. Nesse sentido, o Laboratório de Transposição Didática em Ciências Sociais propõe ser um espaço privilegiado de criatividade, buscando desenvolver novas propostas de atividades, métodos, técnicas e tecnologias educacionais. A proposta é testá-las e difundi-las junto à sociedade e em cooperação

¹⁰ As informações aqui expostas foram obtidas na página virtual do laboratório cujo endereço é <https://ensinodesociologiaxingo.com.br/laboratorio-de-transposicao-didatica/>

com os discentes do Ensino Médio que atuam com a disciplina de Sociologia. Ainda que o termo laboratório possa parecer algo confinado a uma sala, não é esta a proposta. O termo laboratório, no caso do presente projeto está relacionada à ideia de criação, testes e divulgação dos resultados, no qual os educadores e educandos se relacionam no processo criativo e metódico, caracterizando-se em uma ação para além dos muros da instituição (XINGÓ, 2018)

Seguindo o exemplo de outros laboratórios de ensino de sociologia o LADICS se mobilizou para criar um evento estadual sobre o Ensino de Sociologia/ Ciências Sociais, denominado I Encontro Alagoano de Ensino de Sociologia/ Ciências Sociais (ENALES). Em 2016, realizaram o primeiro evento estadual visando proporcionar trocas entre docentes e discentes no estado, o ENALES.

Para além da realização de eventos, docentes participantes do grupo do laboratório integram linha de pesquisa na pós-graduação em Sociologia e oferecem orientação em nível de formação de mestrado abordando as seguintes questões: história do ensino de Sociologia no Brasil e em Alagoas; livro didático de sociologia; análise de manuais de Sociologia da primeira metade do século XX para o ensino secundário e cursos preparatórios; práticas de ensino de Sociologia; transposição didática para o ensino de Sociologia; condições de trabalho do docente de Sociologia; subcampo de pesquisa em ensino de Sociologia; currículo de Sociologia; Sociologia Católica na primeira metade do século XX; formação de professores de Sociologia. Por sua vez, o Instituto de Ciências Sociais do qual LADICS faz parte oferece, além de mestrado em Sociologia, bacharelado em Ciências Sociais, licenciatura em Ciências Sociais (presencial e modalidade à distância) e mestrado em antropologia social.

Tabela 4- Síntese das informações sobre o LADICS

| LADICS- XINGÓ | |
|------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Instituição universitária | UFAL – Universidade Federal de Alagoas |
| Departamento/ Faculdade/ Instituto | Ciências Sociais |
| Estado | Alagoas |
| Atividades que promove | Leitura e discussão de textos sobre ensino de sociologia; disponibilização pública de acervo bibliográfico sobre ensino de Sociologia/ Ciências Sociais (teses, dissertações, livros, artigos, monografias); produção de materiais didáticos; pesquisa e produção científica sociologia; Encontro estadual de Ensino de Sociologia; |
| Atividades que destacam | Transposição didática: criação de materiais didáticos para instrumentalizar o ensino de sociologia |
| Objetivo das atividades | <ul style="list-style-type: none"> • Promover discussões e produzir de conhecimento sobre Ensino de Sociologia no estado de Alagoas e no território brasileiro. • Preparar eventos locais e atividades estabelecendo parceria entre a Universidade Federal de Alagoas e a Secretaria de Estado da Educação de Alagoas. • Elaborar materiais didáticos sobre ensino de sociologia e potencializar a transposição didática de teorias e conceitos sociológicos; • Proporcionar espaço de troca de experiências docente e discente; • Apoiar docentes de Sociologia do Ensino Médio; |
| Quem participa | Das atividades de pesquisa participam docentes da UFAL, estudantes e técnicos |
| A quem se destina | Alunos da universidade e professores de Sociologia do Ensino Médio do estado de Alagoas e de outros locais do país |

LECS (UFMA). O Laboratório de Ensino em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão foi criado em 2001. Atende aos requisitos do MEC estabelecidos para reconhecimento dos cursos de licenciatura em Ciências Sociais. A estrutura de atividades do laboratório contempla a formação de professores e é dividida em disciplinas. Cada disciplina possui um programa de atividade e possui um objetivo, qual seja, promover atividades teóricas e práticas de metodologia de ensino. É bem clara a divisão de tarefas/responsabilidades e o que se espera de cada um (estudantes de licenciatura, monitores, professores universitários, coordenação e convidados) em cada disciplina. A matriz curricular é formada por 4 disciplinas de aulas prático teóricas (140h) e atividades complementares de práticas da licenciatura¹¹.

Portanto, o principal objetivo parece ser o de capacitar novos professores - pesquisadores. Proporcionar ao licenciandos o desenvolvimento de habilidades didáticas, contato com temas sociológicos a serem discutidos em sala de aula, além de fomentar a pesquisa em Sociologia da Educação. Contextualizar a introdução da sociologia na Educação Básica reconhecendo, por meio das pesquisas, a realidade educacional do estado maranhense.

As informações conseguidas a respeito do LECS foram obtidas exclusivamente por intermédio das respostas enviadas por membros deste laboratório via correio eletrônico. A atuação deste laboratório só pôde ser (re) conhecida graças a coordenadora do LabES. Ele não foi identificado em pesquisa realizada na internet.

O que chama a atenção no modo como o LECS foi apresentado é a configuração do laboratório enquanto um conjunto de disciplinas cujas ementas estruturam o conhecimento necessário a formação dos professores de ensino de sociologia no estado do Maranhão. As perguntas direcionadas aos laboratórios entrevistados solicitavam ano de criação do laboratório, objetivos, quem participa, onde se situa na universidade, quais as atividades desenvolvidas e com qual periodicidade. Os resultados do LECS estão dispostos na tabela 5.

As ementas das disciplinas LECS I a LECS IV evidenciam a maneira peculiar por meio da qual o LECS se apresenta: como um conjunto de disciplinas cuja bibliografia básica inclui parâmetros e orientações curriculares nacionais, plano didático estadual, autores da Sociologia da Educação, textos sobre metodologias de ensino, livros didáticos, uso de quadrinhos como recurso metodológico, alguns autores que produzem conhecimento sobre ensino de sociologia e tendências pedagógicas.

¹¹ Informações enviadas por Célia Motta, por email, dezembro de 2017.

Tabela 3 – Síntese das informações sobre o LECS

| LECS | |
|------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Instituição universitária | UFMA – Universidade Federal do Maranhão |
| Departamento/ Faculdade/ Instituto | Sociologia e Antropologia |
| Estado | Maranhão |
| Atividades que promove | Atividades específicas do magistério e próprias a formação do licenciando: participar de atividades escolares (projetos pedagógicos, material didático) e projetos sociais desenvolvidos nas escolas; acompanhar turmas nas aulas de Sociologia em escolas de Ensino Médio; apresentação de minicursos e palestras em escolas; pesquisar escolas de Nível Médio; participar de projetos de pesquisa, iniciação científica ou extensão relacionados a licenciatura; frequência em cursos de formação de educadores para o Ensino Básico, incluso Educação Especial; docência; monitoria; apresentação de trabalhos em oficinas, eventos acadêmicos e seminários de licenciatura. |
| Atividades que destacam | Ementa das quatro disciplinas que recebem o nome do laboratório |
| Objetivo das atividades | <ul style="list-style-type: none"> • Formação de professores pesquisadores licenciados em Ensino de Sociologia. • Criação de recursos didáticos • Pesquisar a realidade educacional maranhense |
| Quem participa | Das atividades de pesquisa participam docentes do departamento da UFAM, sobretudo os envolvidos com pesquisa e ensino de Sociologia da Educação. Também participam estudantes de licenciatura e pessoas convidadas para ofertar alguma oficina |
| A quem se destina | Predominantemente, a estudantes do curso de licenciatura devido a ênfase dada a formação permanente de professores de Ciências Sociais. |

LAVIECS (UFRGS) - Laboratório Virtual e Interativo de Ensino de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Surgiu em 2006 como uma disciplina do curso de Ciências Sociais ministrado por Luiza Helena Pereira. Porém, só foi oficializada no ano de 2007 em resposta a edital da Secretaria Estadual de Educação à Distância.

O projeto do laboratório visa atender os requisitos da Secretaria de Educação à Distância da UFRGS: possibilitar a interação entre alunos e professores em ambiente com suporte poli-midiático contendo materiais sobre ensino de Ciências Sociais. Aos poucos foi assumindo a forma de um grupo de trabalho, "grupo de pesquisa consolidado, registrado no CNPq" cujos participantes incluem Leandro Raizer, Mauro Meireles e Daniel Gustavo Mocelin.

O LAVIECS está localizado no Departamento de Sociologia da UFRGS atrelado ao Curso de Ciências Sociais, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Iniciadas as atividades, o LAVIECS ampliou significativamente suas atividades promovendo Cursos de Especialização (entre 2012-2013 e 2014-2015). De 2012 e 2013 ofereceram curso de extensão em ensino de sociologia no âmbito do Centro de Formação de Professores (FORPROF-UFRGS) financiado pela Secretaria de Educação Básica do MEC e pelo FNDE. O objetivo foi contribuir para a formação continuada dos professores de sociologia do ensino médio gaúcho. Entre 2014 e 2015, o LAVIECS ofereceu o curso de especialização “O Ensino da Sociologia para Professores do Ensino Médio” destinado à qualificação e à formação continuada de professores que ministram a disciplina de sociologia no ensino médio, em escolas públicas do Rio Grande do Sul. As aulas foram realizadas no âmbito do Centro de Formação de Professores (FORPROF-UFRGS) e financiadas pela Secretaria de Educação Básica do MEC e pelo FNDE.

No presente momento, trata-se de *“um grupo de pesquisa interinstitucional voltado ao desenvolvido do ensino das ciências sociais na educação básica e à pesquisa sobre o contexto e a realidade do ensino da sociologia”*¹²

O LAVIECS participa de eventos que reúnem pesquisadores da área: Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), Encontro Nacional de Sociologia no Ensino Básico (ENESEB) e Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS). Fundamentação teórica corresponde ao campo da Sociologia da Educação visando analisar o modo como a Sociologia se insere na realidade escolar. Citam como metodologia utilizada na investigação,

¹² Entrevista concedida por Luiza Helena Pereira.. Envio de mensagem por correio eletrônico, dezembro de 2017.

produção de práticas pedagógicas e mediação didática em ensino de sociologia a pesquisa - ação. Deste modo, pretendem promover a transposição didática de temas sociológicos para a educação básica, em particular para o Ensino Médio.

O foco do LAVIECS está no desenvolvimento de metodologias de ensino articuladas a temas transversais e componentes curriculares no Ensino Médio e Fundamental com enfoque sociológico, para além da formação de professores. O LAVIECS também promove formação continuada, atualizando professores de sociologia a respeito de novas metodologias de ensino e temas atuais das Ciências Sociais. Além disso, apresenta argumentos relevantes para elucidar questões recorrentes colocadas por estudantes acerca do ensino de sociologia ("por que ensinar?"), atualização curricular ("o que ensinar?") e debate sobre práticas pedagógicas ("como ensinar?").

Membros do laboratório realizam pesquisas sobre ensino de sociologia, produzem materiais didáticos e promovem cursos de extensão destinados a formação continuada de docentes de sociologia, no âmbito do Centro de Formação de Professores, financiado pela Secretaria de Educação Básica do MEC e pelo FNDE. E preparam curso de Educação à distância na modalidade MOOC¹³ (curso livre, à distância, auto instrucional).

A criação de ambiente com suporte poli midiático¹⁴ contendo materiais sobre ensino de Ciências Sociais teve o objetivo de possibilitar interação entre alunos e professores, estimulando a construção compartilhada de textos didáticos, portfólios educacionais, multimídias educacionais e outras informações. É um espaço de trocas. Deste modo, a *“proposta do Laviecs busca manter o professor de sociologia atualizado sobre as novas metodologias de ensino e os temas atuais das ciências sociais, com foco na análise de questões socioeconômicas, políticas e culturais contemporâneas, enfatizando a situação da juventude e suas perspectivas”* (PEREIRA, 2017).

Além das atividades de ensino, membros do laboratório tem participado ativamente de grupos de trabalho que reúnem pesquisadores na área, eventos promovidos pela ABECS e mantém parceria com a Comissão de Ensino da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS).

Consolidados como grupo de pesquisa no diretório do CNPq possuem duas linhas de pesquisa: *Sociologia e realidade escolar* e *Práticas pedagógicas e mediação didática em ensino da sociologia*. A primeira considera a Sociologia da Educação como fundamento para analisar as relações sociais implícitas ao ensino da sociologia na escola, as Ciências Sociais e

¹³ Curso Online Aberto e Massivo, do inglês Massive Open Online Course (MOOC)

¹⁴ Ambiente virtual de aprendizagem com suporte para várias mídias.

a juventude. Pesquisadores da linha investigam o contexto sócio histórico de ensino da Sociologia na escola, analisam o perfil do corpo docente da sociologia escolar, avaliam as práticas pedagógicas, o currículo e a inserção do ensino de Ciências Sociais na Educação Básica. Identificam os desafios do ensino reflexivo no contexto social abordando os seguintes temas: relações étnico-raciais e diversidade no ambiente escolar, educação para direitos humanos e sociais, identidade e cidadania. A segunda linha de pesquisa se refere ao uso do método da pesquisa – ação a fim de produzir, aplicar e avaliar metodologias de ensino e a transposição didática de temas sociológicos para a Educação Básica. Pesquisam formação do professor de sociologia e a trajetória histórica de desenvolvimento da sociologia no Ensino Médio. Elaboram e consolidam novas metodologias articuladas a componentes curriculares e temas transversais na Educação Básica, a partir do enfoque sociológico.

Tabela 6 - Síntese das informações sobre o LAVIECS

| LAVIECS | |
|------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Instituição universitária | UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul |
| Departamento/ Faculdade/ Instituto | Sociologia (Curso de Ciências Sociais) |
| Estado | Rio Grande do Sul |
| Atividades que promove | Elaboração de práticas de pesquisa e ensino à distância; formação continuada de professores; eventos nacionais de ensino de sociologia; pesquisa – ação; pesquisa; curso de especialização e de extensão; produção de conhecimento; desenvolvimento de metodologias de ensino articuladas a temas transversais e componentes curriculares no Ensino Médio e Fundamental com enfoque sociológico, para além da formação de professores. |
| Atividades que destacam | MOOC sobre ensino de sociologia |
| Objetivo das atividades | <ul style="list-style-type: none"> • Oferecer cursos on line aberto e massivo; • Favorecer o compartilhamento de informações, materiais didáticos e o diálogo entre professores e alunos em ambiente midiático. • Ofertar disciplina no curso de Ciências Sociais. • Integrar disciplinas de ensino de sociologia no ensino Médio com as da Faculdade de Educação. • Formação continuada: manter professores de sociologia atualizados sobre novas metodologias de ensino e temas das Ciências Sociais |
| Quem participa | Luiza Helena Pereira, mais ex alunos, estudantes ¹⁵ , orientandos e bolsistas. O laboratório é liderado por Raizer e Mocelin. O grupo de pesquisa é interinstitucional. |
| A quem se destina | Professores de Ensino de Sociologia |

¹⁵ Pereira (2017) não especificou o nível de treinamento e vinculação com a universidade de todos os discentes.

LEFIS (UFSC). Este laboratório está vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e resulta de parceria interinstitucional entre a instituição universitária e a Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina. Está situado fisicamente dentro do Colégio Estadual “E.E.B Simão José Hess” bairro Trindade, próximo à UFSC (CORREA, FREZE, 200-?). O Laboratório Interdisciplinar de Ensino de Filosofia e Sociologia (LEFIS) foi constituído a partir de uma reunião promovida por iniciativa do LASTRO (Laboratório de Sociologia do Trabalho), vinculado ao Departamento de Sociologia e Ciência Política da referida universidade (CORREA, 2012) e ao Programa de Pós - graduação em Sociologia Política.

Por iniciativa do LASTRO, em 2002 ocorreu encontro em Santa Catarina um encontro para apresentar a Biblioteca Digital do Centro de Filosofia e Ciências Humanas¹⁶ a professores (as) e envolvê-los no desenvolvimento e manutenção de conteúdos para o Ensino Médio. Além de mostrar o conteúdo de sociologia disponível na biblioteca virtual do LASTRO/LEFIS à Secretaria Estadual de Educação de Santa Catarina, o LASTRO também indagou aos professores do evento quais as dificuldades encontradas no cotidiano escolar após a reinserção da disciplina na matriz curricular da rede estadual¹⁷. Segundo relata o próprio laboratório em sua página na internet houve boa participação dos professores (CORREA, FREZE, 200-?).

Constatada a inexistência de reuniões de planejamento entre docentes de sociologia (formados ou não na área) e as dificuldades encontradas no cotidiano escolar, integrantes do laboratório decidiram realizar um seminário municipal a fim de integrar professores de sociologia. O encontro contou com a participação de contou de 86 docentes. Dentre os encaminhamentos do mesmo esteve a criação de um laboratório de ensino nos moldes de laboratórios da UFSC. A intenção foi realizar cursos, atividades de planejamento de ensino, pesquisas; proporcionar trocas de experiência, acervo, produção de material didático e estudos visando promover melhoria da qualificação em ensino de sociologia.

Na ocasião, foi proposta a criação do LEFIS. Este assumiu uma forma interinstitucional - associando a Universidade Federal de Santa Catarina e a Secretaria de Estado

¹⁶ Disponível em: <http://lefis.ufsc.br/recomendacoes/bibliotecas-digitais/>. Acesso: fevereiro de 2018.

¹⁷ Em resposta a movimentos sociais pela obrigatoriedade das disciplinas no Ensino Médio, empreendidos durante a década de 1980 na UFSC junto aos cursos de graduação de Sociologia e Filosofia, o governo estadual de Santa Catarina tornou as disciplinas obrigatórias ambas as disciplinas mediante a Lei Complementar No 173, de 21.12.1998 (CORREA, FREZE, 2017).

da Educação de Santa Catarina - e interdisciplinar entre Sociologia e Filosofia. A base que o fundamenta foram experiências desenvolvidas pelo LASTRO e pelo Núcleo de Estudos de Filosofia no Ensino Médio do Departamento de Filosofia da UFSC. A interdisciplinaridade foi instigada pelo fato de ambas as disciplinas estarem em situação semelhante: enfrentando a dificuldade de inserção na Educação Básica (CORREA, FREZE, 200-?).

Após assinatura do convênio entre a Secretaria de Educação Estadual e a Universidade Federal de Santa Catarina, ocorrido em 2003, oficializou a existência do LEFIS. Mas a inauguração oficial do laboratório só ocorreu em 27 de setembro de 2004. Em 2003, o LEFIS realizou seu primeiro evento estadual, o I Seminário Estadual de Ensino de Filosofia e Sociologia a fim de elaborar um diagnóstico das dificuldades e as experiências de ensino no estado de Santa Catarina. Ocorrido nos dias 26 e 27 de junho de 2003, em Itapema (SC), o seminário contou com a participação de 250 professores. Na solenidade de abertura do evento, a Reitoria da UFSC e o Secretário de Educação do Estado assinaram o convênio que criou o LEFIS – Laboratório Interdisciplinar de Ensino de Filosofia e Sociologia. As atividades do mesmo foram iniciadas em 06 de dezembro de 2003 e a inauguração oficial ocorreu em 27 de setembro de 2004. Desde então, o laboratório tem desenvolvido atividades junto aos professores da rede estadual: “*curso de Sociologia Brasileira; curso de Ética; oficinas permanentes de planejamento de ensino de sociologia e filosofia, curso de Lógica para o ensino médio*” (CORREA, FREZE, 200-?).

De acordo com Corrêa (2012), o laboratório possui espaço físico, com um ambiente climatizado, biblioteca física e biblioteca digital especializada nas duas disciplinas, cadeiras, mesas computadores e equipamentos. Esta infraestrutura é disponibilizada para capacitação de professores, atualização e planejamento da práxis pedagógica. Entretanto,

Mais do que espaço físico, é um espaço relacional para professores e estudantes da universidade e do Ensino Médio, adequado às atividades de ensino, formação, promoção de eventos e elaboração pedagógica e didática. É um ponto de apoio e de referência interdisciplinar, que poderá ter âmbito de ação estadualizado, a partir de Florianópolis, servindo de base para uma mobilização pela valorização das humanidades (...). Com esse espaço abre-se a perspectiva de uma ampliação, congregando outras disciplinas das ciências humanas, como geografia, história, psicologia, antropologia etc. (CORRÊA, 2012, p.192)

Em 2007, o laboratório iniciou um Curso de Especialização em Filosofia na UFSC, com ênfase no ensino médio, oferecido pelo Departamento de Filosofia da CFH-UFSC, com apoio da SED/SC. O curso foi criado para os professores regentes da rede estadual. E um

curso igual foi projetado para os professores de Sociologia, abrindo 30 vagas para alunos/professores do Estado no intuito de aprofundar conteúdos e transpor didaticamente o conhecimento de Filosofia e Sociologia para o ensino médio. Exigência para conclusão é a apresentação de monografias (CORREA, FREZE, 200-?). Dentre as ações e objetivos do laboratório estão: a oferta de cursos e oficinas gratuitas e públicas de capacitação e atualização aos docentes do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino; realização de encontros estaduais para promover o debate acerca de conteúdos e metodologias de ensino de sociologia na Educação Básica; oportunizar a participação de licenciandos de Filosofia e Ciências Sociais da UFSC junto ao LEFIS na intenção de desenvolver material didático; publicar livros e cadernos de autoria de professores da rede estadual, universidade e outros; participar da Biblioteca Digital do CFH/ UFSC.

Eventos produzidos pelo laboratório de ensino possibilitaram a integração de professores(as) de Ensino Médio e da universidade com estudantes do curso de ciências sociais e diálogos que oportunizam a abordagem de problemas e propostas, com uma visão de conjunto. Deste modo, o laboratório articula ensino e pesquisa.

Correa e Freze (200-?) consideram uma conquista do LEFIS a orientação dada pela Secretaria de Educação Estadual e pela Universidade Federal de Santa Catarina para que todas as disciplinas do Ensino Médio tivessem tratamento equânime quanto a carga horária na matriz curricular. A maior parte dos colégios acatou a orientação. Deste modo, Filosofia e Sociologia obtiveram carga horária iguais às demais disciplinas. Outra conquista foi o acervo da biblioteca que chega a ter mais de 300 volumes, segundo levantamento bibliográfico realizado pela coordenação do laboratório. Ao adquirir essa biblioteca, a Secretaria Estadual de Educação comprou mais 90 iguais e distribuiu para colégios de Ensino Médio da rede.

A infra estrutura do laboratório, de acordo com relato de Correa e Freze (200-?), é composta por quatro computadores, mesas e cadeiras confortáveis, acervo bibliográfico e digital sobre filosofia e sociologia disponibilizados aos professores para leitura, estudo, pesquisa e planejamento. Em 2009, foram apoiados pelo Ministério de Ciência e Tecnologia para realizarem o Projeto do “Portal Práxis”. Com isso, a estrutura foi incrementada com 1 impressora multifuncional, 1 projetor e mais 3 computadores. A realização do mesmo foi operacionalizada pelo LEFIS e pelo Centro de Geração de Novos Empreendimentos em

Software e Serviços (GENNESS-UFSC); deste Projeto Práxis participaram quatro alunos-bolsistas do Ensino Médio.

Tabela 7 - Síntese das informações sobre o LEFIS

| LEFIS | |
|------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Instituição universitária | UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina |
| Departamento/ Faculdade/ Instituto | Sociologia e Ciência Política |
| Estado | Santa Catarina |
| Atividades que promove | Cursos presenciais de capacitação em Filosofia e Sociologia; |
| Atividades que destacam | Ensino e extensão |
| Objetivo das atividades | <ul style="list-style-type: none"> • Proporcionar atividades de ensino por intermédio de projetos específicos de extensão; • Oportunizar que alunos das licenciaturas em Filosofia e Ciências Sociais da UFSC participem do LEFIS, com a intenção de desenvolver metodologias e produzir materiais didáticos considerando experiências concretas da rede estadual de ensino; • Produção de conhecimento: livros, cadernos de filosofia e sociologia com autoria de professores da rede estadual, universidades e outros, publicações dirigidas ao Ensino Médio; • Promover eventos destinados a alunos da licenciatura em Filosofia e Ciências Sociais e estudantes do Sistema Estadual de Ensino; • Estimular a participação de professores do Ensino Médio em pesquisas reflexivas sobre o próprio trabalho que desenvolvem no Ensino Médio; • Reunir acervo bibliográfico e disponibilizar para uso de alunos e professores de licenciatura em Filosofia e Sociologia; • Participação na Biblioteca Digital do CFH/UFSC e disponibilização de infraestrutura de acesso para atendimento de escolas no estado de Santa Catarina. |
| Quem participa | Docentes dos departamentos de Filosofia, de Sociologia e Ciência Política e de Metodologia de ensino da UFSC. Docentes de outras universidades: Universidade de Santa Maria, Chapecó, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDES), Faculdade Municipal da Palhoça, Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Membros da Fundação Educacional de Brusque (FEBE), do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e da Escola Jacó Anderle (SED/SC). |
| A quem se destina | Professores de Filosofia e de Sociologia da Rede Estadual de Ensino; discentes das licenciaturas em Filosofia e em Ciências Sociais; professores e alunos interessados de outras áreas do conhecimento; estudantes do Sistema Estadual de Ensino. |

LESOC (UFU). O Laboratório de Ensino de Sociologia faz parte do Instituto de Ciências Sociais (INCS) da Universidade Federal de Uberlândia. Criado em 2000 para atender recomendações do Ministério da Educação para o curso de licenciatura em Ciências Sociais. Desde então, funciona diretamente ligado a ações das disciplinas pedagógicas, especialmente as oferecidas pelo INCS.

O LESOC se propõe a contribuir com a prática docente das Ciências Humanas em geral e a Sociologia escolar, em particular, por entender que o objetivo do curso de licenciatura é formar professores para a Educação Básica.

O laboratório possui espaço físico com acervo bibliográfico voltado para o ensino, contendo livros, periódicos, dissertações, teses, monografias e materiais audiovisuais para ensino de Sociologia. O acervo encontra-se disponível aos interessados em desenvolver e aperfeiçoar a prática docente orientada para a análise científica das relações sociais da sociedade contemporânea.

Outrossim, o laboratório compromete-se com a comunidade acadêmica a fim de produzir ambiente fecundo a participação, troca de experiências e interação, no intuito de fomentar a criatividade e o aprendizado sociológico, vislumbrando novas perspectivas para as Ciências Sociais mediante inserção da Sociologia no nível Médio. Enquanto parte integrante de uma universidade explora as potencialidades de ensino, pesquisa e extensão da atividade científica, considerada indispensável à formação de cidadãos críticos, pessoas conscientes, participativas e profissionais comprometidos com a Educação.

Tabela 8 - Síntese das informações sobre o LESOC

| LESOC | |
|------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Instituição universitária | UFU – Universidade Federal de Uberlândia |
| Departamento/ Faculdade/ Instituto | Ciências Sociais |
| Estado | Minas Gerais |
| Atividades que promove | <ul style="list-style-type: none"> • Realização e participação e eventos: Seminário Internacional da Pós Graduação em Ciências Sociais (5 edições). • Minicursos (MORAIS, ROSA, 2012) |
| Atividades que destacam | Comunicação de eventos |
| Objetivo das atividades | <ul style="list-style-type: none"> • Interação, participação e troca de experiências de ensino • Articular o fazer pedagógico na sala de aula a formação de licenciandos em Ciências Sociais • Incentiva professores de Sociologia e alunos de licenciatura no desenvolvimento e aperfeiçoamento da prática docente. |
| Quem participa | Estudantes de graduação, docentes da universidade, técnicos administrativos ¹⁸ |
| A quem se destina | Das poucas informações obtidas a respeito do laboratório, depreende-se que se destina, sobretudo, a licenciandos e aos docentes que os recebem na prática de ensino |

¹⁸ Na página do LESOC, principal fonte de informação utilizada na obtenção de dados sobre as ações do laboratório, o item participações inclui as possibilidades de participação de docentes, bolsistas e técnicos administrativos. No entanto, não havia nomes mencionados a exceção de Fabiane Santana Previtali, docente. <http://www.lesoc.incis.ufu.br/>. Acesso: fev. 2018.

LES (USP). O laboratório de Ensino de Sociologia da Universidade de São Paulo é apoiado pela Pró-Reitoria de graduação e pelo Departamento de Sociologia da Universidade. Contribui para formação inicial e continuada de professores de sociologia do Ensino Médio, sejam eles formados em Ciências Sociais ou em outras áreas de conhecimento. Acreditam que os conhecimentos das Ciências Sociais favorecem a reflexão cotidiana e ajudam as pessoas a lidarem com problemas tanto macro quanto microssociais.

Um dos projetos do LES é fomentar o portal do laboratório na internet. Por isso, as páginas oferecem bibliografia para aprofundamento de estudos, englobando questões de Antropologia, Ciências Políticas e Sociologia; estimulam a pesquisa e o desenvolvimento de materiais didáticos, divulgando o que produziram para uso em sala de aula; incentivam a troca de informações e experiências entre alunos da licenciatura em Ciências Sociais e professores do Ensino Médio; proporcionam acesso de conteúdos das Ciências Sociais a docentes formados em outras áreas, por intermédio da divulgação de referenciais teóricos no menu *bibliografia temática de apoio ao professor*.

Encontra-se no menu do LES (<http://www.ensinosociologia.fflch.usp.br/>) uma breve descrição sobre as ações do laboratório e quem o integra, respectivamente, nos ícones *Laboratório de Ensino de Sociologia* e *Equipe*. Em seguida, outro ícone direciona para a página *material didático* cujo conteúdo apresenta os materiais disponibilizados no sítio informando que são desenvolvidos no próprio laboratório por estudantes de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP durante o estágio supervisionado. A produção de conteúdo e estratégias didáticas tem por objetivo auxiliar o trabalho docente no Ensino Médio. Localizado no canto direito da página embaixo encontra-se o repertório de textos e atividades didáticas enunciadas na página de materiais didáticos. Tratam - se de textos teóricos de apoio ao professor contendo revisão de literatura sobre alguma temática das Ciências Sociais, além de propostas de atividade relacionada ao conteúdo elaborado na parte teórica. Os temas são escolhidos pelos estagiários respeitando o princípio de que sejam trabalhados em sala de aula. Dispostas em nuvem de palavras sobre a janela dos repertórios de textos, encontram-se as tags, contendo as palavras – conceitos e autores – mais recorrentes nos materiais didáticos disponíveis no laboratório. As que se destacam são: diversidade, gênero, mídias, trabalho e violência.

Deste modo, o laboratório entende que o sítio da internet esteja promovendo interação entre alunos da licenciatura e professores de Ensino Médio. Por fim, o item encerra solicitando colaboração de docentes de Ensino Médio, incentivando o envio de textos e

repertórios didáticos ou sugestões para aprimoramento do sítio. A propriedade intelectual dos textos está em Creative Commons, isto é, as produções são livres para serem copiadas, compartilhadas e redistribuídas em qualquer meio ou material.

O quarto item do menu é *artigos sobre educação e ensino de sociologia*. Nele encontramos artigos de professores pesquisadores de instituições universitárias que podem ou não ser integrantes do laboratório. Há artigos de Ana Paula Hey, Amaury Cesar Moraes, Alfredo Veiga-Neto e Maura Corcini Lopes, Antonio Ozaí da Silva, Maria Alice Nogueira, Cláudio Marques Martins Nogueira, Nilson Nobuaki Yamauti, Ana Maria F. Almeida e Rosangela Carrilo Moreno.

O próximo item é *Bibliografia temática de apoio ao professor*. Nele consta uma lista de temas sociológicos a serem debatidos em sala de aula: referenciais das Ciências Políticas, consumo, formação cultural brasileira, gênero, patrimônio material e imaterial, populismo, questões indígenas, questões agrárias, raça e identidade, redes sociais, reprodução social, socialização, trabalho, violência.

Em seguida, há um link para *Dissertações e teses*, onde constam dissertações e teses defendidos na USP. Logo após está *filmes*. Dentro da página há sugestões de películas organizadas por temas: cidade e o urbano, capitalismo, ciência, consumo, contracultura, corpo, cultura indígena, cultura e natureza, desigualdade social, diversidade cultural, drogas, educação, globalização, gênero, história geral, história do Brasil, indústria cultural, modernidade e pós modernidade, movimentos sociais, poder e dominação, raça e identidade, saúde, trabalho, violência.

No item *Notícias e eventos*, há uma notícia de 2015 e um “guia de informações, serviços e produtos” da Biblioteca Florestan Fernandes sugerindo consulta à base de dados da biblioteca da USP e orientando a utilização de todos os recursos disponíveis na mesma.

A penúltima aba do portal é *Links*. Ela oferece ao visitante uma lista de links para associações científicas (ANPOCS e SBS), periódicos científicos nacionais e internacionais (Annual Reviews, Cadernos de campo, Perspectivas, Primeiros estudos, Revista Brasileira de Ciências Sociais, Revista Espaço Acadêmico, Revista Plural, Tempo Social, Habitus, mais o portal Scielo). Também indica o sítio de outros laboratórios (LAVIECS, LEMAD¹⁹, GAES), portais educacionais (Centro de Referência Virtual do Professor, Banco Internacional de

¹⁹ O LEMAD – Laboratório de Ensino e Material Didático, integra a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Foi organizado a partir de um Programa de Formação de Professores em 2008, durante o processo de reformulação de cursos de licenciatura. Inclui entre suas metas formar professores pesquisadores e produzir conhecimento sobre ensino de História. Ver <http://lemad.fflch.usp.br/>. Acesso: 25 de fevereiro de 2018.

Objetos Educacionais de Sociologia), outras universidades (Conhecendo as Ciências Sociais – UNIFESP). Também divulga o link do Departamento de Sociologia da USP, o Portal de Curtas Petrobrás e a Comissão Nacional de Ensino de Sociologia.

Por último, em *Atividades acadêmico – científico – culturais – AACC*, são publicados informes sobre o curso de licenciatura em Ciências Sociais da USP. Ali o licenciando possui fácil acesso a explicação das atividades extra curriculares e procedimentos a serem realizados até cumprirem a carga de horária de 200 horas exigidas para obtenção do diploma de Licenciatura. O aluno é orientado a respeito das atividades que o programa aceita ou não como horas de atividade acadêmico – científicas e culturais, sendo disponibilizado ficha de encaminhamento a ser utilizada pelo licenciando para descrever atividades que realizou.

Tabela 9 - Síntese das informações sobre o LES

| LES | |
|------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Instituição universitária | USP – Universidade de São Paulo |
| Departamento/ Faculdade/ Instituto | Sociologia |
| Estado | São Paulo |
| Atividades que promove | <ul style="list-style-type: none"> • Formação inicial e continuada para professores pesquisadores; • Incentivo a produção e divulgação de materiais didáticos sobre ensino de sociologia; • Disponibilizar espaço virtual para repositório de recursos didáticos, a fim de auxiliar o trabalho de licenciandos e docentes de ensino médio; • Divulgação de produção de conhecimento sobre ensino de sociologia e educação |
| Atividades que destacam | Extensão: divulgação de produção de conhecimento científico e escolar em Ciências Sociais e Educação |
| Objetivo das atividades | <ul style="list-style-type: none"> • Estimular a pesquisa e o desenvolvimento de materiais didáticos; • Proporcionar espaço de troca de materiais destinado a ensino de sociologia entre professores de ensino básico, licenciandos, consulta e aprofundamento por meio da disponibilização temática de referenciais teóricos das Ciências Sociais. |
| Quem participa | Na equipe constam docentes do Departamento de Sociologia, monitor e secretária. Licenciandos e docentes de Ensino Médio são convidados a contribuir mediante envio de textos e atividades didáticas. |
| A quem se destina | Alunos de licenciatura, professores da Educação Básica e demais interessados nos materiais disponíveis. |

LAPIS (UFRN). O Laboratório de Pesquisa em Ciências Sociais está associado ao trabalho de alguns docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Sua atuação se faz presente no campo do ensino de Sociologia mediante a realização e participação em eventos, além da publicação de artigos científicos.

Desde 2008 membros do LAPIS realizam bianualmente o *Seminário Nacional de Educação em Ciências Sociais (SNECS)* no Rio Grande do Norte. O primeiro evento foi coordenado pelas professoras Laudelina Ferreira Gomes e Lore Fortes da UFRN. Na universidade, o evento foi promovido pelo Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA), Departamento de Ciências Sociais (DCS), Base de Pesquisa Cultura, Política e Educação (BasePCPE) e especificamente pelo Laboratório de Pesquisa e Ensino em Ciências Sociais (LAPIS) (SOUZA et ali, 2008).

Mesmo respeitando a intenção de garantir a diversidade temática, o título do evento “Mediações para uma política de formação integrada e continuada” apontou para debates acerca da educação em Ciências Sociais, sobretudo experiências de ensino de sociologia no Ensino Médio, realizações de laboratórios de Ciências Sociais e de pesquisas sobre ensino de sociologia no Ensino Médio. Também sinalizou preocupação com instrumentos científicos e pedagógicos disponíveis para ensino, pesquisa e extensão na Universidade e escolas de nível médio (SOUZA et ali, 2008).

Em uma das mesas redondas do referido evento foram debatidas experiências dos laboratórios de Ciências Sociais, entre outras questões, tais como o papel do educador em Ciências Sociais, a dimensão investigativa no ensino de sociologia, formação do professor de sociologia, inserção da sociologia nos exames de vestibular, mediações no ensino de sociologia e as redes sociais e o ensino de sociologia no Rio Grande do Norte (SOUZA et ali, 2008).

A mesa intitulada *Laboratórios de Ciências Sociais: avaliação de experiências* foi coordenado por Ileizi Fiorelli Silva, da UEL. Entre expositores estavam Luiza Helena Pereira da UFRGS, apresentando “*UFRGS: Laboratório Virtual de Ensino de Ciências Sociais (LAVIECS): criação de sites*”; Nice Jinkings da UFSC com apresentação intitulada “*UFSC: Laboratório de Filosofia e Sociologia (LEFIS): laboratório na Escola de Ensino Médio/convênio entre Universidade e Secretaria de Educação*”. A própria coordenadora da mesa expôs um trabalho “*UEL: Laboratório de Ensino de Sociologia (LES)*”. Representando o estado do Rio Grande do Norte, Ana Laudelina Ferreira Gomes (UFRN) apresentou: “*UFRN: LAPIS – Laboratório como mediador de experiências a serem incorporadas no*

currículo do curso de Ciências Sociais. Idéia de laboratório como um movimento de atenção a experiências inovadoras no ensino, articulando-se especialmente com projetos de extensão.” Trata-se de uma mesa interessante, tanto pelo fato de abordar especificamente um tema pouco debatido até o momento, nas produções acadêmicas sobre ensino de sociologia, quanto pelo fato de destacar o vínculo dos laboratórios de ensino com universidades.

As questões levantadas na mesa assinalaram dúvidas sobre como é possível organizar uma rede de intercâmbio entre os laboratórios, avaliar as ações dos mesmos e quais as contribuições efetivas desses espaços para a articulação entre universidade, escola e sociedade. As propostas enfatizaram a importância de estimular a criação de laboratórios de ensino de sociologia em cursos de licenciatura em Ciências Sociais e nas escolas de Ensino Médio; publicar e disseminar as experiências laboratoriais, além de incentivar a participação dos laboratórios na concorrência de editais de inovação em Educação para obterem recursos necessários ao desenvolvimento das atividades por eles empreendidas (SOUZA et ali, 2008).

Especificamente sobre o LAPIS foi apresentada sessão especial expondo os objetivos da pesquisa diagnóstica realizada sobre ensino de sociologia no Ensino Médio do Rio Grande do Norte e os instrumentos de coleta de dados utilizados na empreitada. José Gllauco S. A. de Lima, Anderson Cristopher dos Santos e Lenina Lopes Soares Silva foram os expositores.

Silva et ali (2008) relatam que as proposições do LAPIS são: aproximar universidade e escolas de Ensino Médio; discutir estratégias metodológicas para o ensino de sociologia; propor a criação de laboratórios de ensino de Ciências Sociais para debater sociologia nos ambientes escolares; estabelecer parceria com a Secretaria Estadual de Educação para promover pesquisas sobre o ensino de sociologia e incentivar a formação continuada de professores; mobilizar professores de sociologia a fim de fortalecer a implementação da disciplina no currículo do Ensino Médio; construir rede de comunicação entre as Escolas de Ensino Médio para compartilhamento de experiências de ensino - aprendizagem da disciplina Sociologia.

A apresentação da pesquisa “A Situação Do Ensino De Sociologia Na Escola De Ensino Médio Do Rio Grande Do Norte/ Brasil” em sessões do referido evento teve por objetivo ser um pré-teste para uma pesquisa de escopo nacional sobre a implantação e consolidação do ensino de Sociologia no Ensino Médio no Brasil. Para realizar tal intento, o LAPIS procurou o apoio de sociedade científica, a SBS, e do Departamento de Ciências Sociais da UFRN. Ao todo 11 professores de Ensino Médio de Escolas públicas e privadas do Rio Grande do Norte participaram do pré-teste da pesquisa denominada “*Auto-Avaliação*”

Diagnóstica: a situação do ensino de Sociologia na escola média do RN e da consolidação de sua implementação” (GOMES et alli 2008).

Portanto, a ênfase do laboratório está em atividades de pesquisa visando atender os objetivos de:

- a) *Fazer um levantamento de dados qualitativos e quantitativos sobre a implantação do Ensino de Sociologia nas Escolas de Ensino Médio no Rio Grande do Norte.*
- b) *Oferecer elementos para a ampliação do debate sobre o Ensino da Sociologia nas Escolas de Ensino Médio no Rio Grande do Norte, visando contribuir com o debate nacional sobre o tema em questão.*
- c) *Caracterizar a formação dos professores atuantes no Ensino de Sociologia no Rio Grande do Norte.*
- d) *Diagnosticar a situação do Ensino de Sociologia no Ensino Médio no Rio Grande do Norte, em termos de dificuldades e facilidades de ensino e também de formação dos professores. (GOMES et alli 2008, p.5).*

Tabela 10 - Síntese das informações sobre o LAPIS

| LAPIS | |
|------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Instituição universitária | UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte |
| Departamento/ Faculdade/ Instituto | Ciências Sociais |
| Estado | Rio Grande do Norte |
| Atividades que promove | <ul style="list-style-type: none"> • Evento Seminário Nacional de Ensino de Sociologia; • Pesquisa sobre ensino de sociologia |
| Atividades que destacam | Pesquisa |
| Objetivo das atividades | <ul style="list-style-type: none"> • Realizar pesquisa de escopo nacional sobre a implantação e consolidação do ensino de Sociologia no Ensino Médio no Brasil, partindo da situação local do estado do Rio Grande do Norte. |
| Quem participa | Pesquisadores de ensino de sociologia, integrantes de outros laboratórios, professores de Ensino Médio e estudantes de pós graduação |
| A quem se destina | Interessados em conhecer o processo de implementação e consolidação da Sociologia escolar |

LAPES. O laboratório de Pesquisa e Extensão em Ensino de Sociologia Lélia Gonzalez surgiu em 2016 e está vinculado ao Departamento de Sociologia no Colégio Pedro II - campus Realengo II. Trata-se de um laboratório recém criado. Considerando que ainda não há produções sobre o mesmo e nem uma página virtual do laboratório, as informações sobre ele foram gentilmente cedidas pelo coordenador Rogério Mendes mediante resposta as seguintes perguntas: ano de criação do laboratório, objetivos, quem participa, onde se situa na universidade, quais as atividades desenvolvidas e com qual periodicidade.

De acordo com Mendes, o LAPES é um espaço acadêmico que visa desenvolver projetos de pesquisa por parte de professores de Sociologia e estudantes do Campus Realengo II. O foco das ações do laboratório é pesquisar o ensino de sociologia na Escola Básica em suas múltiplas dimensões. O LAPES intenta reunir as diferentes iniciativas de ensino, pesquisa e extensão que vêm sendo implementadas pela equipe de Sociologia do Campus nos últimos anos, constituindo um lugar de investigação, reflexão e produção de conhecimento sobre o ensino de Sociologia e a Escola Básica. Deste modo, a instituição pretende subsidiar atividades de ensino nas modalidades oferecidas pelo CPII: Ensino Fundamental e Médio e Pós - graduação.

O LAPES é composto por 7 professores de Sociologia e 40 estudantes entre bolsistas e voluntários, afora os participantes dos cursos de extensão. Estes se subdividem em 4 grupos de pesquisa, realizam dois cursos de extensão e tem participação em grupos de pesquisa interdisciplinares e eventos do campus. Membros do LAPES se reúnem semanalmente para fazer o planejamento de atividades. Também discutem as demandas referentes às atividades de ensino nos segmentos fundamental e médio.

Tabela 11 - Síntese das informações sobre o LAPES

| LAPES | |
|------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Instituição universitária | CPII Realengo – Colégio Pedro II |
| Departamento/ Faculdade/ Instituto | Sociologia |
| Estado | Rio de Janeiro |
| Atividades que promove | <ul style="list-style-type: none"> • Participação em eventos; • Pesquisa sobre ensino de sociologia; • Reuniões semanais para refletir sobre e debater o tema ensino de sociologia; • Produção de conhecimento • Cursos para estudantes de Ensino Básico e pós-graduação |
| Atividades que destacam | Pesquisa, ensino e extensão |
| Objetivo das atividades | Realizar pesquisa de escopo nacional sobre a implantação e consolidação do ensino de Sociologia no Ensino Médio no Brasil, partindo da situação local do estado do Rio Grande do Norte. |
| Quem participa | Professores pesquisadores de ensino de sociologia, estudantes bolsistas e participantes do curso de extensão |
| A quem se destina | Interessados no fortalecimento da pesquisa sobre ensino de sociologia, estudantes de Ensino Básico e de pós-graduação. |

LAPPCS (UFCG). O Laboratório de Pesquisa e Prática de Ensino em Ciências Sociais faz parte do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), vinculado a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Devido às difíceis condições econômicas e climáticas que a região do semiárido oferece, responsáveis pelo laboratório junto ao CDSA têm incentivado a inserção de jovens menos favorecidos na universidade, proporcionando formação de qualidade e valorização do desenvolvimento sustentável. Acreditam que o curso de Licenciatura em Ciências Sociais é uma conquista para a sociedade paraibana no campo da educação. Partem da premissa de que, somando esforços com outras disciplinas a Sociologia melhora o pensamento crítico ao promover o contato do aluno com própria realidade enquanto confronta a realidade desfavorável da região com a de locais distantes e culturalmente diferentes (MONTEIRO et al., 2013).

O LAPPCS é um projeto do CDSA, uma aposta na capacidade que a Sociologia tem de formar a pessoa humana, valorização da contribuição que o conhecimento sociológico oferece a uma análise mais acurada da realidade. As atividades deste laboratório, de modo análogo ao caso do LECS (UFMA), estão materializadas nas disciplinas ofertadas pela universidade a alunos de licenciatura.

O objetivo do LAPPICS é formar profissionais de Ciências Sociais capacitados para atuar em três áreas explicitadas no Projeto Pedagógico do curso: 1. ensinar Sociologia tanto nas escolas de Ensino Médio quanto em outros locais, por exemplo, mediando processos educativos em movimentos sociais, organizações não governamentais, empresas, entre outros agentes sociais; 2. pesquisa e 3. Planejamento, consultoria, formação e assessoria a diferentes formas de organização social existentes na sociedade brasileira.

O diálogo constante mantido com a realidade sócio – político – econômica do semiárido é uma peculiaridade do curso de Licenciatura oferecido pela instituição universitária, posto que possibilita a intervenção do egresso na Educação e em outras áreas sociais. A intenção é problematizar, discutir e fornecer soluções e propostas para problemas sociais em diversas áreas, a partir da Educação (MONTEIRO et al, 2013). Assim sendo, o curso parece ter a intenção de formar professores pesquisadores e habilitar técnicos em Ciências Sociais a revelar as distinções entre bacharelado e licenciatura.

Cada disciplina chamada LAPPICS possui um foco. A primeira tem dois eixos centrais: os marcos regulatórios da sociologia na educação básica e os métodos e técnicas de pesquisa. A abordagem da LAPPICS II é a formação de professores de sociologia no Ensino

Médio. Ela oferece subsídios para analisar a trajetória de formação de professores no Ensino Médio e as metodologias de formação inicial de professores na Licenciatura de Ciências Sociais. Nesta disciplina discute-se a prática docente partindo de pressupostos sócio-filosóficos e são apresentadas estratégias de pesquisa em Educação. Se a disciplina II está centrada no professor, a III analisa o espaço escolar, entendendo-o como parte constitutiva do processo de aprendizagem. Neste laboratório é abordado o processo de institucionalização da sociologia no Brasil. No LAPPCS IV os licenciandos estudam livro didático, especialmente os indicados para o ensino de sociologia. No quinto e último LAPPCS o discente faz o estágio docente. Portanto, esta disciplina é a mais didática, está focada em metodologias de ensino. Ao final do componente, o discente deve montar portfólio de aulas de sociologia a ser entregue após o estágio obrigatório. Espera-se que, ao término das experiências nos Laboratórios de Pesquisa e Prática de Ensino em Ciências Sociais, haja o entendimento de que tanto as Ciências Sociais quanto as “naturais” necessitam fortalecer a pesquisa. (MONTEIRO et al, 2013).

Tabela 12 - Síntese das informações sobre o LAPPCS

| LAPPCS | |
|------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Instituição universitária | UFCG - Universidade Federal de Campina Grande |
| Departamento/ Faculdade/ Instituto | Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido |
| Estado | Paraíba |
| Atividades que promove | <ul style="list-style-type: none"> • Formação de professores pesquisadores |
| Atividades que destacam | Pesquisa, ensino e planejamento |
| Objetivo das atividades | <ul style="list-style-type: none"> • Formar professores pesquisadores e técnicos capacitados para conhecer e intervir na realidade social do estado |
| Quem participa | Docentes da universidade, licenciandos da UFCG |
| A quem se destina | Formação de alunos de licenciatura |

LabES (UFRJ). O Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes está localizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi criado no ano de 2009, em resposta a demanda de professores da rede por um espaço de trocas com os pares acerca do ensino de Sociologia.

Enquanto iniciativa gestada no interior da Faculdade de Educação da UFRJ, o LabES foi concebido no âmbito da didática e da prática de ensino de ciências sociais, duas disciplinas da licenciatura. Produzido o sítio eletrônico específico do laboratório, a coordenação do mesmo começou a desenvolver o que constitui o seu principal objetivo: criar um acervo de documentos que sirvam de consulta e intercâmbio entre professores de sociologia, pesquisadores e alunos de graduação em ciências sociais (HANDFAS, 2011).

Além de produções acadêmicas – teses, dissertações e artigos - sobre ensino de sociologia, no LabES também é possível se informar a respeito da legislação sobre o ensino de sociologia na educação básica, as propostas curriculares de diferentes estados anteriores à Base Nacional Comum e livros didáticos. São disponibilizados recursos pedagógicos de apoio a docentes e alunos de licenciatura de Ciências Sociais, afora o repositório de produções acadêmicas. O LabES é um espaço que congrega professores de sociologia em torno de uma série de eventos e atividades com destaque para os ENSOC (Encontro Estadual de Ensino de Sociologia) realizado desde 2008 com frequência bianual. Tais encontros funcionam como fóruns de discussão dos quais participam estudantes universitários, docentes da Escola Básica e do Ensino Superior, pesquisadores interessados na temática do ensino de sociologia e raros, mas presentes, estudantes de Ensino Médio. Deste modo, o laboratório articula universidade e escola pública.

Tabela 13 - Síntese das informações sobre o LabES

| LabES | |
|------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Instituição universitária | UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro |
| Departamento/ Faculdade/ Instituto | Educação |
| Estado | Rio de Janeiro |
| Atividades que promove | <ul style="list-style-type: none"> • Evento bianual sobre ensino de sociologia; • Curso de especialização em ensino de Sociologia no âmbito do CESPEB; • Formação de professores; • Pesquisas sobre ensino de Sociologia; • Divulgação de produções acadêmicas e legislações pertinentes ao campo em sítio na internet |
| Atividades que destacam | Criação de acervo de documentos sobre ensino de Sociologia |
| Objetivo das atividades | <ul style="list-style-type: none"> • Formação inicial e continuada de professores pesquisadores; • Produção de conhecimento sobre o estado da arte do ensino de Sociologia |
| Quem participa | Alunos da graduação tanto do bacharelado quanto da licenciatura em Ciências Sociais da UFRJ, docentes da universidade, professores de Sociologia do Ensino Médio, pesquisadores de Ensino de Sociologia, professores de outras áreas de conhecimento interessados na discussão. |
| A quem se destina | Licenciandos, professores pesquisadores de Ensino Médio e demais interessados em conhecimento sistematizado sobre ensino de sociologia |

Na Universidade de Brasília se encontra em construção uma proposta de laboratório que homenageia Lelia Gonzalez, o laboratório Lelia. O objetivo é articular-se as ações de outros laboratórios de ensino de sociologia no intuito de produzir pesquisas que sejam base para elaboração de materiais didáticos e para-didáticos, em consonância com o papel intelectual, político e pedagógicos relacionados a questões identitárias (CARUSO, 2017).

No mapa a seguir, pode-se observar a localização dos laboratórios de ensino de sociologia identificados conforme as regiões do país. Nota-se, que estão concentrados em três grandes regiões: Nordeste, Sudeste e Sul.

Este capítulo teve o propósito de mapear diferentes iniciativas de laboratórios de ensino de sociologia surgidos no Brasil nos anos 2000, em função de mobilização social e acadêmica favorável ao retorno da disciplina escolar Sociologia. No próximo capítulo será exposta descrição da experiência etnográfica vivenciada em um dos laboratórios citados anteriormente: o LabES. O relato etnográfico do LabES é produto de uma experiência de trabalho de campo, de observação do cotidiano das práticas de ensino e pesquisa, do modo como integrantes de um laboratório de ensino incorporam o *habitus* de professor pesquisador.



CAPÍTULO 3- O LABORATÓRIO DE ENSINO DE SOCIOLOGIA FLORESTAN FERNANDES – LabES/UFRJ

Pouco se sabe sobre laboratórios de ensino de sociologia, posto que até o presente momento há pouca produção de conhecimento acerca do tema. Por este motivo, esta pesquisa se apresenta como um estudo exploratório que se valeu de vários procedimentos a fim de proporcionar uma aproximação mais qualitativa do objeto. Neste capítulo são apresentados os resultados do uso de técnicas de pesquisa etnográfica na observação das práticas de um dos laboratórios mencionados no capítulo anterior: o Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LabES/UFRJ).

O capítulo é fruto da sistematização do diário de campo elaborado sobre as reuniões do LabES no período de março a julho de 2017, acrescido de entrevistas concedidas pelas coordenadoras do laboratório e alguns dos participantes do LabES, selecionados de acordo com alguns critérios. Não foi necessário entrevistar todos os participantes para compreender as atividades executadas pelo LabES.

Atualmente, participam das atividades do grupo 27 pessoas. Destas, 14 frequentaram as reuniões durante o período de observação. Dentre elas, foram selecionadas algumas para entrevista de acordo com os seguintes critérios: ser estudante de graduação na UFRJ; ter feito mestrado na Faculdade de Educação e ser docente no Ensino Básico; ser estudante de pós-graduação *stricto sensu* em outro departamento da UFRJ - no caso, pós-graduação em Sociologia e Antropologia - e lecionar Sociologia na Educação Básica; ser estudante de pós-graduação *stricto sensu* na área de Ciências Sociais e lecionar na Educação Básica; ser formado em Ciências Sociais, fazer pós-graduação na área e pesquisar ensino de sociologia sem lecionar na Educação Básica.

O bom andamento da pesquisa foi facilitado pelo contato mantido com a coordenadora do grupo desde a época da graduação. Mesmo antes de iniciar o projeto, boa parte dos pesquisados já eram conhecidos da etnógrafa. Por isso, foi preciso um esforço inicial de distanciamento, de estranhamento de situações e relações que são familiares (VELHO, 1980). A perspectiva por meio da qual o LabES é observado e apresentado expõe a constituição de uma forma institucional cuja existência é o resultado de esforços individuais convergentes conformadores de uma trajetória coletiva centrada no *habitus* (Bourdieu, 1990).

Segundo Bourdieu (1998), a ação individual é dotada de sentido à medida que nela se evidencia princípio gerador fornecido pelo meio social. O individual e o social estão ligados

de tal forma que as maneiras de agir e pensar estruturadoras de uma sociedade refletem a racionalidade de um campo. Não se trata aqui de assinalar características de um ou outro colega, mas de atentar para questões individuais que dialogam com o processo de socialização proporcionado pelo convívio com outros no interior de um laboratório de ensino. Paulatinamente, o ensino de sociologia está se configurando enquanto campo. E a participação nos laboratórios de ensino contribui para a formação de capital cultural e social²⁰ no interior do campo.

Para valorizar ainda mais as propriedades do coletivo, na transcrição das falas observadas no laboratório optou-se por não mencionar os nomes reais dos integrantes do LabES/UFRJ. Cada um foi nomeado(a) por letras aleatórias do alfabeto. Nesta abordagem é ressaltada a propriedade relacional dos integrantes. Mostra-se a biografia coletiva que acabam por constituir por meio da imagem apresentada a pesquisadora no decorrer da pesquisa. Na sistematização da informações coletadas, observou-se as questões mais gerais que têm norteado os interesses do grupo. Procurou-se dar atenção ao que integrantes do grupo têm a dizer a respeito do laboratório e os significados sociais e individuais suscitados pelo modo como está constituído.

Quando da entrada no campo, esta etnógrafa estava influenciada por questões mais sociais e epistemológicas acerca da produção de conhecimento em um laboratório. Havia uma certa convicção de que laboratório é um lugar de descobertas, experimentação e de prática da atividade científica. Por isso, a preocupação inicial foi com a identificação de procedimentos utilizados na produção de conhecimento e suas inscrições literárias, tal como fizeram Latour & Woolgar (1997). No entanto, as análises das anotações observadas e anotadas no diário de campo, e das respostas obtidas por meio das entrevistas concedidas por integrantes do LabES revelaram outras questões ainda mais promissoras.

História da constituição do LabES/UFRJ

²⁰ De acordo com Bourdieu (1998, p.67), capital social pode ser definido como “o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis.”

Em uma conversa informal, notei que **A.** vincula o núcleo das atividades do LabES às reuniões que ocorrem semanalmente e coincidem, a cada semestre, com o calendário da disciplina “Seminário de Prática de ensino” ofertada no curso de pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro todos os anos. A disciplina faz parte do leque oferecido pelo Programa de Pós Graduação em Educação. O espaço – tempo destinado a disciplina é o momento em que participantes do LabES se reúnem, semanalmente, seguindo o calendário acadêmico da pós-graduação da UFRJ. Por este motivo, nele foram concentrados os esforços de observação. Entretanto, durante entrevista as coordenadoras revelaram que outros momentos e espaços também são importantes para a construção e reconstituição da história do LabES.

Hoje referência nos estudos sobre ensino de sociologia, Anita Handfas tornou-se docente da UFRJ em 2005. Em 2008, organizou o primeiro Encontro Estadual de Ensino de Sociologia no Rio de Janeiro (ENSOC). Segundo as coordenadoras do laboratório, a discussão presenciada por elas em atividade convocada pela Federação Nacional dos Sociólogos (FNS) no estado de São Paulo, a realização do ENSOC, criação de uma página na internet para divulgar o evento e o aceite de uma sugestão de participante do primeiro ENSOC no Rio de Janeiro impulsionaram a criação do laboratório.

Durante o seminário promovido pela Federação Nacional dos Sociólogos, em 2007, o grupo de pesquisadores sobre ensino de sociologia do Rio de Janeiro resolveu que seria pertinente promover evento estadual, não nacional, abordando a temática do ensino de sociologia. Fizeram uma reunião de planejamento, constituíram um grupo. Em seguida, elaboraram projeto e o submeteram à agência de fomento estadual FAPERJ (Fundação de apoio à pesquisa no estado do Rio de Janeiro) à procura de financiamento para arcar com os custos da atividade. Receberam o aceite e realizaram o primeiro de vários encontros bianuais denominados ENSOC.

No intuito de divulgar o evento, Anita começou a “se mexer” na UFRJ para criar uma página de divulgação e recebimento de inscrições. Ela foi ao Núcleo de Computação Eletrônica (NCE) pedir orientação para montar uma página na internet. A página se tornou o protótipo do que, no ano seguinte, passaria a ser o sítio oficial do LabES. A proposta de criação da página surgiu no I ENSOC (evento cujo propósito é articular universidade e escola básica, promovendo um diálogo favorável a aglutinação de pessoas interessadas em ensino de sociologia e inserção da sociologia da Educação Básica). Algumas falas proferidas na plenária final do evento sugeriram que a iniciativa requeria fortalecimento:

Júlia: foi uma das discussões do final do ENSOC de ter um grupo de discussão mais presente, mais perene, que não fosse só o encontro bi anual. Lembro que as pessoas queriam fazer um encontro anual. E a Anita, sempre sensata, avaliou que não, que a gente iria fazer bi anual. Mas teve uma plenária final, que tem em todo ENSOC. É uma plenária muito importante onde a gente discute como foi o evento, diretrizes para o próximo evento e o que fazer entre um evento e outro. Lembro claramente. Não tinha muita gente, aqui no Manoel Maurício. Uma das questões foi: vamos fazer um grupo virtual. E aí a gente teve a idéia. Já que tem a página, a Anita ia tentar transformar a página em algo que fosse a continuação dessa discussão.

Anita: alguma coisa de continuidade que aquelas plenárias sempre trazem. Sempre surge coisas e a gente tenta implementar, mesmo.

Júlia: (...) Sempre buscou-se diálogo para liberação de professores, para ser um evento efetivamente de professores, para professores. Essa é uma marca do ENSOC, muito forte. E ele dá origem ao LabES. De uma maneira muito sui generis, um caminho muito único. Os laboratórios de pesquisa que eu conheço eles não surgem por causa de um evento. E eu lembro exatamente da página ieesoc: encontro estadual de ensino soc. Então, essa página ficou gravada. E ela que se transformou no LabES.

A criação do nome do laboratório resulta de um processo de negociação. Havia a intenção explícita de homenagear o sociólogo Florestan Fernandes. Mas, Anita também aceitou sugestões de estudantes universitários na formulação do nome do laboratório. Anita solicitou idéias aos estudantes de uma das turmas em que lecionava na UFRJ á época para criar o nome do laboratório. Assim, a formulação do nome LabES foi possível graças a participação de uma turma de estudantes de graduação de 2008:

Anita: Quando a coisa estava indo para frente, eu falei: tem que pensar em um nome para esse negócio. Me lembro que eu coloquei no quadro várias opções. Alunos, olha, vocês vão me ajudar hoje a pensar... Conteí a história para eles. Aí o pessoal disse assim: não, Labes, não. Parece negócio de clínica médica. Aliás, tinha, tem um Lab's, LAB apóstrofe s. Aí eu falei: "a única coisa que eu não abro mão é o nome do Florestan Fernandes. O resto vocês podem inventar qualquer coisa". Lembro que o pessoal pensou: LABEFF, EFF, de Florestan Fernandes. Ficou muito feio, sonoricamente muito feio. A gente foi, foi até que a gente viu que não ia ter muito jeito, tinha que ser LabES, laboratório de ensino de sociologia. E deixar o Florestan Fernandes sem entrar na sigla. Foi assim que a gente criou o nome. Teve realmente a participação dos alunos daquele ano. E foi criado o LabES.

Antes de se constituir enquanto grupo de pesquisa que realiza reuniões presenciais semanais, o LabES teve uma existência virtualizada. Havia só o nome de um laboratório e uma página no ciberespaço. Criado em domínio próprio da universidade o sítio ainda existe. Nele, Anita e Júlia começaram a disponibilizar referências de filmes, legislação e recursos pedagógicos cujo uso era estimulado durante os cursos oferecidos por elas na Faculdade de Educação. Postavam exercícios e solicitavam que os estudantes fizessem tarefas pontuadas utilizando a página. O uso do mesmo era estimulado como canal de diálogo com a prática de ensino. Atualmente, as entrevistadas alegam que a página é muito acessada, devido ao banco de teses e dissertações sobre a temática ser um facilitador para quem pesquisa ensino de sociologia. A atualização do repositório está atrelada a pesquisa das coordenadoras do laboratório, posto que elas pesquisam o estado da arte do ensino de sociologia (HANDFAS; MAÇAIRA; BRAGA, 2015).

O segundo momento de constituição do LabES ocorreu após a conquista de um espaço físico para guardar equipamentos, livros e fazer reuniões de laboratório. Foi quando Júlia Polessa ingressou no corpo docente como professora efetiva – antes era substituta – no mesmo departamento de Anita. Naquela etapa, elas buscaram uma sala para o laboratório. O espaço físico de trabalho reservado para um laboratório é um recurso de difícil acesso no contexto universitário. E a disputa por espaço se acentuou ainda mais após a expansão universitária, quando a universidade incorporou novos docentes. Foi árdua a negociação por um espaço próprio para o laboratório. Há uma disputa pelas salas do campus e a contenda está longe de ser completamente resolvida com a conquista de um espaço. Em 2015, começou uma reforma no prédio da Faculdade de Educação e vários laboratórios ficaram temporariamente sem acesso, incluso o LabES. No momento da entrevista, as coordenadoras utilizavam um local provisório, compartilhado com outros laboratórios. Foi o local que conseguiram para alocar parte dos equipamentos do laboratório. O espaço é compartilhado por diferentes laboratórios da Faculdade de Educação e fica localizado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH).

Júlia: Primeiro ele era virtual. Tinha essa interface com a prática de ensino, essa relação muito forte com a didática e a prática de ensino, relação com a escola básica, com o ENSOC. Mas a gente precisava de um espaço. E aí com a minha chegada e a gente submetendo um projeto para a FAPERJ... Tinha material. A gente conseguiu, a Anita submeteu no nome dela, conseguiu o recurso. A gente ficou toda semana indo na direção: a gente tem o recurso, a gente precisa comprar as coisas, a gente precisa saber como é que vai ficar...

Anita: aí a gente conseguiu uma sala

Júlia: a gente conseguiu o pedaço de uma sala sem janela. Depois que a gente foi conseguindo uma janelinha. Tem essa coisa também. No dia que eu tomei posse tinha uns 50 novos professores. Da faculdade de educação foram 30 mais ou menos naquele semestre. (...) Então, desde a chegada da Anita até 2012. Em 2010, 2011 a faculdade de educação praticamente triplicou o número de professores e no bojo disso tudo nem todos tem sala hoje. A gente conseguiu estar no incincho desta leva.

A primeira turma de bolsistas ainda não tinha sala disponível. Então, as responsáveis pelo laboratório utilizaram espaços coletivos da universidade ou salas de aula até conseguirem local próprio para reunião. A maneira encontrada para estabelecer o laboratório no espaço foi criá-lo, inicialmente, no ciberespaço e, posteriormente, constituí-lo no espaço físico e selecionar estudantes para serem bolsistas.

Paralelamente a afirmação de um lugar no espaço físico da universidade, elas buscavam desenvolver os objetivos de criação do LabES: congregar alunos de graduação, pós graduação e docentes da escola básica interessados em discutir ou pesquisar questões relacionadas ao ensino de sociologia. Tais pessoas foram sendo reunidas em torno da idéia de um laboratório. Ao mesmo tempo, articulavam-se com outros projetos de ensino de sociologia espalhados no Brasil e fortaleciam a formação de professores.

Outras tarefas realizadas no Departamento de Didática, na Faculdade de Educação estão intrinsecamente relacionadas ao LabES: aulas na graduação e na pós graduação, modalidades *stricto sensu* e *lato sensu* (CESPEB - Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica). Porém, o cerne deste laboratório parece ser a reunião realizada semanalmente no horário da disciplina oferecida pelo Programa de pós-graduação em Educação da UFRJ intitulada “Prática de ensino”. A impressão desta pesquisadora também ocorrera a uma das participantes do LabES. C. participara do ENSOC e começou a freqüentar o LabES na época do mestrado. Antes C. achava que as reuniões do LabES eram para um grupo fechado, restrito a pessoas de dentro da UFRJ. Quando se inscreveu na disciplina obrigatória da Faculdade de Educação percebeu que outras pessoas de fora da universidade poderiam participar. Contudo, uma das coordenadoras do LabES afirma que o acesso não é irrestrito por conta de normas universitárias. O Departamento da universidade libera o acesso a dependências físicas da sala do laboratório somente a alunos e a pessoas de outras instituições, desde que sejam profissionais do ensino.

O diálogo de maior amplitude realizado com pessoas provenientes da Escola Básica ocorre no ENSOC e no curso de especialização em Ensino de Sociologia, um dos nove cursos oferecidos no âmbito do CESPEB. Tal modalidade de pós-graduação *lato sensu* da Faculdade de Educação (FE) foi concebida em articulação com o Colégio de Aplicação (CAp) e o Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da UFRJ. O curso de especialização em Ensino de Sociologia ofertado está em consonância com a concepção de docência predominante na Faculdade de Educação da UFRJ desde os anos 2000, qual seja, promover um diálogo com a escola básica por intermédio de diversas ações que abrangem o “triângulo pedagógico”: docente universitário, o aluno-licenciando-estagiário e o professor regente da escola básica. Este triângulo pedagógico se refere às ações de formação inicial e continuada de professores fomentada pelo CESPEB. Não se trata de uma ação criada nem promovida exclusivamente pelo LabES. O CESPEB uma modalidade de ensino por meio da qual a universidade oferece cursos de especialização. Dos cursos oferecidos participam docentes de diferentes laboratórios da Faculdade de Educação, entre eles o LabES. As docentes responsáveis pelo LabES integram o corpo docente do curso de especialização em ensino de sociologia.

No CESPEB as três ações desenvolvidas pela Faculdade de Educação são contempladas. As vagas oferecidas pelo curso destinam-se docentes em exercício na educação básica, de preferência, professores das redes públicas (municipal, estadual ou federal) e que recebam estagiários da UFRJ. É um curso de formação continuada cuja proposta valoriza os saberes docentes da escola básica, compreendendo-os como parceiros no processo de formação inicial de novos professores (HANDFAS; MAÇAIRA, 2017). Destarte, a constituição do laboratório se mostra como parte do *habitus* desenvolvido no campo universitário.

Perfil dos participantes das reuniões semanais

Nem todos os que participam das atividades são pós-graduandos tampouco estão necessariamente vinculados ao Programa de Pós Graduação da UFRJ. Alguns aspiram a uma vaga porque estão interessados em ensino de sociologia. Outros são alunos que concluíram o mestrado na instituição em outra pós-graduação da mesma universidade ou de outra instituição de ensino superior. Também há estudantes de iniciação científica e visitantes. Todos se assemelham pelo interesse em saber mais sobre ensino de sociologia.

Neste ano, um dos participantes docentes não é formado em Ciências Sociais/ Sociologia, mas em Geografia. A presença dele é uma abertura para um debate interdisciplinar. A interdisciplinaridade é reforçada em outro momento pelo convite feito a duas pesquisadoras da área de História para palestrarem. Uma abordou o método etnográfico em história do ensino e a outra apresentou resultados de doutorado pesquisa em andamento sobre o movimento social Panteras Negras. Houve várias oficinas apresentadas por convidados provenientes das Ciências Sociais ou áreas afins, cada uma abordou um conteúdo diferente: metodologia da pesquisa, temática de gênero, Escola sem partido, Nova Base Curricular Nacional e movimento social norte americano Panteras Negras. No entanto, acontece de as sessões das reuniões serem reformuladas. Não se trata de um modelo rígido.

A composição do laboratório é heterogênea em termos de posições sociais e acadêmicas. Participam das atividades desde alunos de graduação em fase de iniciação científica até pós-doutores. Em oportunidade prévia, muito em função do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), alguns estudantes de Ensino Básico também tiveram a oportunidade de conhecer as ações do laboratório. A maior parte dos integrantes atua ou atuou como docente de sociologia na escola básica em diferentes tipos de escola e modalidades de ensino: escola privada e escola pública (estadual, federal, técnica e humanista); EJA, Regular, Técnico Integral e Ensino Fundamental.

A configuração do LabES

Uma vez percebido que as reuniões semanais realizadas no dia e no horário da disciplina “Prática de ensino” constituem a atividade de encontro mais frequente de integrantes do laboratório, foram nessas aulas que se concentrou a observação participante e a descrição etnográfica.

O local onde o grupo se reuniu neste ano foi uma sala de aula da universidade, unidade integrante do prédio do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Não há muitos equipamentos além do “básico”: cadeiras, mesa e um quadro de giz. Mesas e cadeiras fixas em formato de arquibancada convergindo para o grande quadro de giz que fica atrás da mesa destinada ao docente que utilizar o recinto. Os equipamentos modernos que contrastam com a disposição tradicional do mobiliário são um ar condicionado, um datashow e os celulares usados pelos participantes do LabES enquanto não começam as atividades.

As reuniões deste ano ocorrem no IFCS e não na sala do LabES ou no prédio da Faculdade de Educação por conta do prédio estar em reforma. Mesmo que a estrutura patrimonial da sala utilizada no IFCS desfavoreça o debate em círculo por conta da disposição fixa das mesas e cadeiras, as ações e atividades do laboratório conseguem se distinguir de uma aula convencional. Isto devido ao modo como a coordenadora organiza diferentes momentos das atividades e formula a agenda semestral com propostas de reunião, as quais se alternaram entre ações de ensino e de pesquisa. Para tanto, ela conta com a colaboração do grupo.

O primeiro encontro semestre é uma reunião de planejamento das atividades do período. As ações do dia podem ser divididas em quatro momentos: 1- Apresentação do laboratório; 2- Dinâmica de apresentação dos membros; 3- construção da agenda semestral; 4- encerramento.

- **Momento 1. Apresentação do laboratório**

Primeiro dia. A coordenadora do LabES abre a sessão dizendo que desta vez não trouxe a apresentação formal do laboratório em power point. Pós-graduandos da FE precisam se inscrever na disciplina. Novo integrante é apresentado ao grupo. Ele é um dos professores de geografia do CPII. Veio para o LabES porque almeja pesquisar temáticas interdisciplinares entre sociologia e geografia. Explica que o contexto de reforma curricular é favorável a discussão das identidades e dos princípios epistemológicos de cada disciplina. Ele fez o mestrado com a Ana Clara do IPPUR sobre movimentos sociais. Nota-se a afinidade com questões sociológicas.

A. diz que o tema do laboratório é ensino de sociologia. Para além das atividades de pesquisa, explica que o laboratório se preocupa em acompanhar questões política e acontecimentos que afetam a escola: movimento Escola sem partido e a nova reforma curricular do Ensino Médio proposta pelo governo federal via medida provisória.

Neste primeiro dia são apresentadas atividades a serem realizadas no âmbito do laboratório ao longo deste ano: discussão de projetos, leitura de textos (mais específicos ou gerais) e dinâmicas. (Diário de campo, 23 de março de 2017)

A apresentação geral da proposta do LabES contribui para situar os novos integrantes. Por isso, o primeiro procedimento da coordenadora geral do laboratório é apresentar todas as linhas de pesquisa do laboratório: livro didático de sociologia; percepção de estudantes sobre ensino de sociologia; estado da arte sobre ensino de sociologia.

Em seguida, inicia-se uma dinâmica de apresentação dos membros.

- Momento 2: Dinâmica proposta: apresentação dos membros.

Cada um dos presentes diz o nome, instituição em que trabalha, onde estuda e o que interessa pesquisar em ensino de sociologia. Nesta etapa, cada integrante é convidado a fazer uma breve apresentação de quem é e o que faz ali. Duas integrantes pesquisam livro didático. Uma é aluna do doutorado em Sociologia e Antropologia e pesquisa antropologicamente livros didáticos da década de 1940. A segunda, mestranda da Faculdade de Educação, observa os usos dos livros didáticos por professores da rede estadual. Além delas, há duas alunas de graduação e uma egressa, ex bolsista do laboratório que acaba de ingressar no mestrado e pesquisa ensino de sociologia na imprensa. Todos participam da dinâmica, inclusive esta pesquisadora, que se apresenta como aluna/ observadora do grupo e explica aos presentes os objetivos da pesquisa.

- Momento 3. Elaboração coletiva do planejamento semestral.

A construção da agenda semestral é a terceira etapa da “aula” inicial cujo propósito é planejar os afazeres do período. É apresentada uma proposta que é avaliada pelo grupo numa espécie de construção coletiva sujeita a alterações.

O planejamento está aberto para sugestões desde que sejam orientadas pela temática geral do ensino de sociologia. A ideia é definir a condução do trabalho ao longo do semestre.

H. propõe leitura de tese recém defendida de integrante do laboratório.

L. sugere não pré estabelecer dias para debater projetos. Acha interessante a leitura de capítulos e de textos relacionados aos projetos, por demanda.

A. considera relevante que a apresentação de projetos permaneça na agenda a fim de atualizar o grupo do atual estágio da pesquisa dos integrantes. Ela pensou com B. em grandes temas: estudos de etnografia (eu, D.; L. e Y.) Propõe a constituição de uma mesa contendo duas pessoas do LabES e uma de fora para fazer uma conversa informal. Há um texto a ser lido na semana sem apresentação de projeto. Solicita que o texto a ser debatido em cada dia seja enviado com uma semana de antecedência e que selecionem alguém para expor e comentar os textos.

Pelo zap ela convida B., K. e Varlei (historiadora do livro didático) para apresentarem na semana que vem. Diante da confirmação, o calendário do primeiro dia fica resolvido. Então, ela passa para os próximos dias de encontros na quarta. A proposta é alternar uma semana contendo apresentação de projetos com outra reservada para leitura de textos ou debate de questões relevantes. A seguir o grupo define quais temas são relevantes e precisam ser debatidos na atualidade: ensino de sociologia em diferentes modalidades de ensino; BNCC e

reforma do ensino médio, história da disciplina (debate sobre currículo), discussão sobre o livro didático. (Diário de campo, 23/03/2017)

Momento 4. Encerramento

Nesta última fase da reunião de planejamento, a coordenadora do laboratório conclui as atividades do dia passando alguns informes. Relembra a todos qual a agenda da próxima semana. Sinaliza preocupação com a conjuntura política e a situação, o “tilte” no site do LabES. O grupo faz uma breve reflexão sobre algumas questões da conjuntura política do Brasil atual que tem sido alvo de protestos por movimentos sociais: reforma da previdência, desconfiança da sociedade em relação ao STF. Antes da despedida, ela justifica a causa da inatividade do sítio virtual do LabES: invasão de hackers. Conta que um técnico responsável está recuperando os dados e a página em breve será atualizada e voltará ao ar.

O planejamento semanal não é fixo, “engessado”. A participação nas atividades se sujeita a alterações ao longo do semestre devido a contingências. Em 19 de abril de 2017, o grupo reprogramou o encontro da semana seguinte. Segue trecho de diário de campo:

Semana que vem: A. diz que se encontrará com P. ficará apertado apresentar na semana que vem. V. propõe um intervalo. A. pergunta se alguém tem alguma sugestão de leitura. Silêncio. D. fala sobre mensagem que K. enviou perguntando se ela quer que apresente um ou dois capítulos do livro Escola sem partido. A. acha uma boa, concorda. E. se voluntaria para apresentar. A. indica a leitura do capítulo “escola sem partido: o que é e para quê serve”. F. se oferece para escanear e enviar o texto. A. pede que D. pergunte a K. qual capítulo quer apresentar.

L. considera que o livro seja de qualidade por ser do Frigotto.

Divisão do trabalho combinada: K. deve postar no grupo o capítulo que deseja apresentar.

É confirmada a agenda dos próximos encontros. (Diário de campo, 19/04/2017)

O cotidiano do laboratório

Quando membros do laboratório dizem que uma informação é para “postar no grupo”, referem-se ao uso de redes sociais e de uma lista de emails utilizada com diversas finalidades, entre elas, o compartilhamento de dados. Essa é uma forma de participação ativa para os que não podem estar presentes fisicamente em dia da reunião. Fazendo uso do aplicativo de rede social para celulares What’s app A. criou um grupo de discussão, assim como uma lista de emails contendo endereços eletrônicos dos participantes do laboratório.

No exemplo acima, K. não estava presente na reunião. Porém foi indicado pelo grupo para apresentar um dos capítulos do livro junto com E. Na mesma hora da indicação, K. foi convocado pelo What's up e aceitou. Em seguida, solicitaram que escolhesse o capítulo do livro que gostaria de apresentar e disponibilizasse aos colegas para que lessem antes do dia da apresentação.

Por meio do aplicativo e do email são compartilhados textos a serem lidos na reunião, informes de eventos promovidos por integrantes do grupo ou não, mas relacionados ao ensino de sociologia; integrantes postam oportunidades de trabalho na área, editais de concurso e chamada de revistas acadêmicas, divulgação do que produziram aos colegas, entre outros. O uso das redes sociais estende o contato para além dos encontros presenciais ocorridos uma vez por semana.

A postagem nas redes sociais do grupo é uma forma de participar sem estar presente. Alguns membros ativos que postam informações pertinentes a discussão do laboratório não dispõem necessariamente de tempo para estarem presentes. A ausência física não impede o vínculo com a proposta do grupo e a ativa participação virtual. E estes componentes participam fisicamente das reuniões sempre que possível. Mesmo que integrados à distância consideram significativa a interlocução com o grupo. É o que **H** afirmou em entrevista:

O LabES pra mim é um laboratório de pesquisa. Um espaço fundamental de atualização das discussões da Sociologia no ensino médio. Um espaço importante de contato entre pesquisadores da grande área da Sociologia no ensino médio. Espaço de convivência entre pesquisas em nível de graduação e de pós-graduação e de leituras em grupo aprofundadas, e contando com nossa líder de grupo (...) há anos pesquisando na área, é uma excelente oportunidade de aprendizado para os pesquisadores. Me interessei em participar do LabES por conta da profissionalização da pesquisa. Me entendo como pesquisador da área. E produzir junto a um laboratório é interessante. Não me sinto isolado. (...). Aprendo muito com os colegas e com as leituras sugeridas.

Cada dia de reunião tem uma finalidade. Em geral, há pelo menos duas apresentações de pesquisa cujas proposituras dialogam. As atividades distribuídas ao longo das semanas constituem diferentes momentos e propósitos de criação de um laboratório de ensino: atividades de pesquisa; reflexões sobre a prática de ensino e apropriação de modelos didáticos; troca de experiências. Em tais momentos o grupo pondera a respeito de questões da sociologia geral e do currículo; debate problemas emergentes do campo e as fronteiras disciplinares; compartilha informações relevantes para a área (eventos e publicações). Docentes da Educação Básica relatam experiências docentes, estabelecem laços de

sociabilidade. Há espaço para mobilização e conscientização política; reflexões sobre a prática de ensino de sociologia e orientações didáticas.

1. Atividades de pesquisa

São ações orientadas a produção de conhecimento científico. Promovem tanto a interação entre os pesquisadores quanto o aprendizado e o aperfeiçoamento no uso de técnicas e metodologias de pesquisa. Divide - se em fases de elaboração de projetos, apresentação de trabalhos em andamento e exposição de resultados de pesquisas concluídas. Quando o enfoque do encontro é a pesquisa, o grupo debate textos relevantes e, eventualmente, integrantes do laboratório ou convidados dão uma aula sobre metodologia da pesquisa, conforme a necessidade dos membros em função dos projetos em desenvolvimento.

O dia 5 de abril foi dedicado a apresentação de projetos de membros do laboratório cujas pesquisas encontram-se em diferentes estágios. Em primeiro lugar, Y. montou uma breve apresentação de dissertação que acabara de defender. Em seguida, J. apresentou o projeto de pesquisa em andamento. Por último, D. falou sobre o projeto de mestrado que submeteu a Faculdade de Educação e que está em fase de negociação para “ir a campo”.

Y. expôs os resultados da pesquisa, defendeu a presença da disciplina no ensino médio e ampliação da carga horária na escola. Contou a história natural da pesquisa que fundamenta a dissertação de mestrado dela, isto é, como foi o processo de realização da pesquisa e escolha do objeto de análise. Não houve plena escolha. As condições levaram-na a pesquisar a escola pois fora a única opção viável de trabalho.

Enquanto exibia os resultados, Y refletiu sobre capital cultural e a relação estabelecida com o saber sociológico (este ponto me interessa diretamente pois Bourdieu é um dos autores que também considero relevante no embasamento teórico deste meu trabalho). Para ela o capital cultural não interfere no aprendizado dos alunos. A relação com a disciplina era a mesma. Mas as perspectivas eram diferentes. Tudo depende do modo como o professor organiza a aula: indicar a aplicabilidade dos conceitos na análise da realidade social. A. pareceu concordar com ela: “o professor teve um papel fundamental”. Pelo relato, o professor pareceu hábil em lidar com o tempo reduzido ao utilizar as redes sociais. Segundo a mestre, “redes sociais auxiliam o professor a superar o tempo reduzido”.

A fala de J. iniciou com a exposição do título do trabalho, relação com o objeto. Explicitou a metodologia utilizada ao longo da pesquisa sobre livros didáticos. Utilizando uma perspectiva crítica, a mestrande critica a supervalorização do livro didático. Questionou a falta de estudos sobre o assunto e alegou haver uma lacuna sobre livros didáticos de sociologia. Refletiu sobre o modo como a sociologia sai do campo da produção para o da reprodução: autores, currículo, legislação vigente; discurso; elementos das artes; esquemas; autores das ciências sociais.

A orientadora intervém com uma crítica construtiva. Também pesquisadora de livros didáticos, B. associa o trabalho dela com o de outro referencial teórico conhecido pela aluna. Por último, A. aconselhou que a análise deva contemplar como os autores clássicos estão contidos no material.

D. afirma que sua proposta é investigar a utilização do livro didático de sociologia. O foco da apresentação, no entanto, são as condições de realização da pesquisa: dificuldade de lidar com a distância e a viabilidade da pesquisa. A pesquisadora aguarda ansiosamente a autorização da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro que lhe permita entrar na escola e fazer a pesquisa.

Encerrando a sessão do dia, lembraram-me que na semana que seguinte é minha vez de apresentar o meu projeto e Ana Prado, professora da faculdade de Educação, virá em seguida para

falar sobre etnografia em escolas. Em momentos como este tento me acostumar com a posição dúbia de aluna e observadora. (Diário de campo, 5/4/2017)

Por algumas semanas houve uma rodada de apresentações nas quais integrantes do laboratório expuseram uns aos outros projetos de pesquisa em andamento ou que desejam submeter a programa de pós-graduação. Mostraram resultado de trabalhos concluídos, independentemente de estarem publicados ou defendidos.

Todos os integrantes, independente do grau de formação (da graduação ao pós-doutoramento) apresentaram alguma proposta. Incluso a coordenadora do LabES. Em 3 de maio de 2017 junto com bolsista de graduação, ela levou ao conhecimento de todos a pesquisa, em desenvolvimento, sobre o estado da arte no campo de ensino de sociologia. Relata como foi selecionado o tema, construído o objeto e obtido os dados analisados, para além da metodologia empregada e a definição do contexto histórico. As abordagens da orientadora e da estudante são convergentes. A orientadora se propõe a fazer uma análise sociohistórica do contexto. Neste processo, a bolsista de iniciação científica elabora e aplica questionários juntamente com a orientadora a fim de desenvolver análise quantitativa.

Nesse ínterim, um dos dados da pesquisa mencionados por A. chamam a atenção: o crescimento dos cursos de licenciatura no Brasil inteiro. A conclusão acerca do perfil do profissional formado pela licenciatura surpreende: *“Licenciatura não foi só para formar professores”*. A fala é ilustrada mediante exemplos de integrantes do próprio laboratório que fizeram licenciatura, fizeram mestrado e se tornaram, também, pesquisadoras e pesquisadores.

2. Prática de ensino e apropriação de modelos didáticos

Salvo raras exceções - integrantes que fazem pesquisa sobre ensino de sociologia, mas não lecionam Sociologia nem no Ensino Superior nem na Educação Básica -, todos os componentes do LabES atuam profissionalmente como professores e pesquisadores. Em função desta identidade, alguns momentos são uma oportunidade encontrada para relatar experiências docentes ou conhecer modelos didáticos aplicáveis ao ensino de sociologia. Nestes momentos em que os partícipes do LabES se mostram menos focados em pesquisa do que em compartilhar técnicas de ensino de sociologia. São momentos de transposição didática, o conhecimento escolar e o saber docente se fazem presentes na universidade.

Os relatos de experiência são significativos. Ajudam a apreender como os professores constituem seus saberes e transpõem didaticamente a sociologia para o contexto escolar, em meio a condições de trabalho, modalidades de ensino e realidades institucionais heterogêneas. As condições de trabalho do docente de sociologia no Ensino Básico não são unívocas. A diversidade de situações com as quais os professores de sociologia se deparam na escola básica é identificada nas falas dos docentes quando apresentam relatos sobre a prática pedagógica. Entretanto, a imagem que se tem aqui é predominantemente de docentes de escolas federais. Embora também haja docentes da rede pública estadual e da rede privada de ensino, os frequentadores do laboratório e demais convidados a falar sobre a prática de ensino são predominantemente da rede federal de ensino. Os participantes do LabES durante o período observado compõem o quadro docente do INES, do Colégio Pedro II e institutos federais. Entretanto, há docentes de escolas públicas estaduais e uma de escola privada entre os integrantes do LabES.

Por ser o campo educacional relativamente autônomo (Cunha, 2016) os membros do laboratório, em seus relatos, demonstram preocupar-se com a ação de movimentos políticos e interferências ideológicas no trabalho de professores de sociologia, especialmente, na Educação Básica. A preocupação foi mais candente nos encontros que trataram de temáticas que promovem estranhamento e a desnaturalização de ideias do senso comum, por exemplo, discussão sobre gênero.

Nas reuniões observadas, a didática foi abordada em aulas cujo destaque foi a prática de ensino e experiências de transposição didática. Isto ocorreu em várias sessões. Em uma delas, duas docentes do Colégio Pedro II, criadoras do coletivo Escola sem machismo, apresentaram o modo por meio do qual discutem gênero na escola. Elas consideram a questão relevante, embora haja contestações por parte de alunos, pais e movimento político - religioso quando trabalham o assunto. O tema 'gênero na escola' foi um dos mais debatidos ao longo do semestre.

Paralelo a discussão sobre a questão de gênero, as docentes trouxeram para o grupo um recursos didáticos que utilizaram nas aulas com os alunos de Ensino Médio: fanzine e repertórios musicais da cultura popular e da cultura de massa. Além disso, procuraram fazer reflexões sobre o machismo na escola. Ao falar sobre o fanzine, mostraram um exemplar do que fizeram no último ano. Em seguida, comentaram sobre atividades de iniciação científica. Comentaram que iniciaram um trabalho sobre gênero no ano anterior atrelado a uma discussão sobre cultura popular e cultura de massa. Elas instigam estudantes a desvelarem o

machismo implícito na música popular. Por isso, solicitam que eles pesquisem canções com conteúdos machistas e depois façam paródias sobre o assunto em diferentes ritmos. Afirmam que o objetivo não é marcar o funk como ritmo machista, pois o machismo pode fazer parte de diferentes gêneros musicais. A convidada ...

...explica como se faz a aula sobre o fanzine e que o utiliza quando aborda direitos humanos e diversidade cultural. Abre uma oportunidade de participação para que os alunos sugiram temas. Os temas sugeridos passam pela estigmatização de gênero. Após o término do fanzine, fazem um varal e deixam pendurado em alguma parte da escola onde circulam estudantes de outras turmas. O objetivo é promover um diálogo com toda a escola. Respeito à diversidade cultural é o tema geral. No início, os alunos não sabiam o que era fanzine. Elas passaram o vídeo e explicaram que o fanzine é o blog da década de 80 "a gente não tinha internet". Ano passado, fizeram um totem sobre racismo ambiental, trabalhos com fotos, várias atividades. Elas afirmam que jovens têm se organizado muito em torno destas questões: classe, gênero e raça. É uma luta contra as opressões, especialmente imediatas. (Diário de campo, 15/06/2017)

Outros professores que trabalham gênero na escola e debatem a cultura do estupro dizem ter recorrido à abordagem diversa: palestra sobre o tema chamando algum especialista para falar a respeito do assunto. O que ambas as sugestões didáticas possuem em comum é o esforço de aproximar o tema sociológico do universo dos estudantes, a fim de estimular o pensamento crítico com relação à cultura do estupro, a violência simbólica e os sinais de machismo presentes na instituição escolar onde lecionam.

Em nova sessão, mais uma professora de sociologia do Colégio Pedro II participou da reunião do LabES. Esta convidada também apresenta sugestão didática baseada em tendência pedagógica progressista. A coordenadora do laboratório a convidou para contar ao grupo como realiza sua prática pedagógica. Chama à atenção na fala da convidada a preocupação da mesma tanto em ser coerente com a pedagogia do oprimido (FREIRE, 1987), quanto executar com excelência a tarefa de tornar interessante aos olhos de estudantes do Ensino Básico um autor clássico da Sociologia por muitos classificados como conservador: Durkheim. Tal postura parece significar que a assunção de uma pedagogia crítica não compromete o reconhecimento da cientificidade e contribuição de autores de perspectiva supostamente mais reprodutivista do *status quo* nas Ciências Sociais. Segue um trecho do diário a respeito das impressões sobre aquele dia.

Na primeira aula do ano ela diz aos alunos que não quer ser uma opressora, tem mais cuidado com a valorização de tudo. Ela anda achando a postura dela mais para baixo e a deles mais para cima. A postura dos alunos está mais interessante. Dormir em sala de aula é o mesmo que consentir em ser dominado. Após introdução ela se apresenta, diz que é autora de livro didático e que pediu para vir para a unidade do CPPII no Centro do RJ para dar aula em turma de Ensino Médio. Fala da transição do fundamental para o Médio (antes ela dava aulas

apenas no Fundamental). (...) Explana a aula elaborada para apresentar o autor clássico das Ciências Sociais.. Na aula inicial fala sobre Durkheim. Está apaixonada por Durkheim pela audácia porque ele resolveu definir a ciência do nada. Ela ficou maravilhada com a coragem dele de fazer este trabalho. Releu a obra dele. Explica a insuficiência de informações sobre o autor nos livros didáticos. Conta como é o processo de elaboração do texto sobre o autor no livro didático. Primeiro tem o autor, texto do autor, adaptação para o livro didático, exigência de colocar num box. O que sobra do pensamento do autor é uma parcela ínfima. Por este motivo, ela pôs os alunos para ler o livro do Durkheim. (Diário de campo, 17/05/2017)

A apresentação da convidada incitou debate comparativo entre instituições, acerca dos diversos modos e possibilidades didáticas de ensino de sociologia dadas as especificidades de cada local. No INES, o trabalho é mais focado em temas do que em autores. O CPII tem mais conteúdo, é mais conceitual. **A.** questiona se o plano de aula é replicável nas escolas da rede pública estadual devido a condições desiguais de trabalho e de capitais culturais detidos pelos estudantes nas diferentes instituições escolares.

A. admira o trabalho da convidada pelo cuidado com o trabalho do professor. “Você acha que o trabalho que você faz seria possível de realizar na rede pública estadual? Aproveita que estamos entre professores e pesquisadores”.

Ela acena que sim. Disponibiliza xérox de Durkheim com apoio da instituição. Mas o professor pode ler trechos para os alunos, a conclusão é possível. A proposta da Carolina de Jesus ela escreveu no quadro. O material usado pelo aluno foi diverso, lixo, resto de embalagem.

F: “Não é a mesma ‘bagagem’ [do aluno]; aluno não dá o mesmo retorno”.

C: “o tempo de planejamento é diferente”.

A: “a grafia do aluno do Colégio Pedro II (CP II) é muito clara. A escrita tem início, meio e fim.” Compara com os alunos de PIBID. “A diferença é brutal na escrita. Não existe o código necessário para ter uma boa grafia. A origem social tem essa diferenciação”. Cita Bourdieu. Outros aspectos que distinguem o CPII da rede estadual: a questão do tempo, o suporte administrativo para cópias e “tem o alunado”. CPII têm departamento e professores que o estado não tem.

Na avaliação da convidada, a desigualdade social constatada na dificuldade de aprendizagem também ocorre entre alunos de diferentes modalidades de ensino de uma mesma instituição. A modalidade mais problemática no CPII é o ensino de jovens e adultos. Comenta o rendimento do PROEJA. “*Por mais esforço físico, não existe trabalho para fazer em casa, não tem energia física. Conteúdo, grafia, escrita em tudo a gente vê lacuna*”. O estudante do PROEJA não dá retorno.

As explicações mostram-se em plena articulação com as críticas feitas por representantes da Nova Sociologia da Educação. A escola é um espaço de resistência e enfrentamento da desigualdade. Docentes enfrentam condições desiguais de trabalho e de rendimento dos estudantes de acordo com a modalidade de ensino e as expectativas de diferentes classes sociais que frequentam a escola (BERNSTEIN,1984).

Outro desafio à prática docente na atual conjuntura são interferências de movimentos políticos que desejam impor uma nova forma ao currículo. Nota-se nesta passagem o quanto a autonomia do campo educacional no Brasil é pequena, posto que esta sofre interferências mercadológicas em duas vertentes: a econômica e a ideológica. Há uma disputa político ideológica entre culturas dominantes – correspondentes aos interesses materiais e simbólicos dos grupos sociais dominantes e as culturas dominadas e estas tendem a transmitir o domínio da primeira. Sendo assim, docentes da Escola Básica precisam lidar com resistências ao conceito de laicização do Estado e a secularização da sociedade²¹. Outro assunto muito mencionado ao longo do semestre foi a atuação do movimento escola sem partido.

Uma das preocupações no momento é com o avanço do movimento social Escola Sem Partido, o qual questiona ideologicamente algumas das temáticas curriculares ora propostas para ensino de sociologia da Educação Básica. No LabES, os docentes relatam os conflitos e dificuldades que têm enfrentado para abordar certas questões em sala de aula.

No dia 26 de junho de 2017 a reunião foi sobre o movimento Escola sem partido que incentiva alunos a realizar uma patrulha ideológica de professores que supostamente deixam de dar aulas para defender posições partidárias. O grupo tem refletido sobre o assunto ao longo deste semestre. Relatos de experiência mostram como estes professores pesquisadores lidam com o ESP quando atuam em sala de aula.

J: “quando estou na aula e o aluno aponta o celular para mim fico com medo, não sei se está gravando ou tirando selfie”.

K: “os alunos gravam a minha aula. Isso é tranquilo”.(Diário de campo, 26/06/2017)

Na percepção de outros integrantes, a incipiente qualidade do debate democrático no Brasil é ressaltada como empecilho ao trabalho docente na Educação Básica.

Em 26 de abril debateu-se o modo como docentes de ensino básico podem discutir política em contexto pouco democrático e junto de pessoas que sustentam argumentos pouco qualificados: locais onde o movimento Escola sem partido cerceia as possibilidades de discussão de temas e conceitos julgados ‘políticos’.

I: a gente teria um patamar para avaliar o que o professor deve falar ou não. É preciso ter uma visão pedagógica e institucional para discutir os problemas que ocorrem no ensino - aprendizagem, mas não de modo que isso seja criminalizado. Isto é papel do conselho escolar a fim de debater “conduta profissional”. Ela deve ser exercida sem censura, mas com limites.

²¹ “A tese nele defendida pode ser assim resumida: o currículo da Educação Básica, particularmente das escolas públicas, é objeto de ação modeladora que visa frear os processos de secularização da cultura e de laicidade do Estado, mediante dois movimentos, um de contenção, outro de imposição. Ambos os movimentos configuram um projeto de educação reacionária, entendida aqui como a que se opõe às mudanças sociais em curso e se esforça para restabelecer situações ultrapassadas. (...) Com efeito, um dos fundamentos da teoria da secularização consiste em correlacioná-la com a crescente diferenciação funcional e com a especialização das atividades. Weber chamou essa diferenciação de autonomização das esferas culturais de valor. Em cada uma delas, os grupos envolvidos passaram a reivindicar seguirem apenas as normas, os valores ou mesmo a lógica intrínseca a sua esfera de atividade, rejeitando correlativamente toda limitação vinda de fora.” (CUNHA, 2016,p.4)

E: o debate político no Brasil é problemático. Nossa sociedade não constituiu um ethos de debate. Toda opinião é válida? Quem estabeleceu os limites? Confronto dos professores do “bandido bom, bandido morto” com o que tem um posicionamento mais qualificado. O debate da época das eleições foi “Dilma sapatão” e “Aécio cheirador”. (Ele propõe não um conselho, mas que haja debates extra classe com pessoas que possuem posicionamentos contrários para testar a consistência dos argumentos. Ele acha que seria bom se cada professor tivesse consciência e ética. Encerra perguntando o que os presentes acham.) Silêncio. (Diário de campo, 6/04/2017)

Atuar no campo educacional é lidar com embates, lutas político-ideológicas que interferem na recontextualização (BERNSTEIN, 2003) curricular da Sociologia na Educação Básica. Além deste, há outros desafios, entre eles, encarar a alteridade da cultura surda e traduzir a sociologia para um público de portadores de necessidades especiais. Dois integrantes do LabES, aprovados em concurso para o INES (Instituto Nacional de Ensino de Surdos), viram-se às voltas com a necessidade de mediar conhecimentos para surdos. Precisam não só transpor didaticamente (Chevallard,?) a Sociologia para o Ensino Básico, mas traduzir conceitos e discussões abstratas a uma nova cultura, um público de não ouvintes. Permanece inexplorada a seara do ensino de sociologia em diálogo com a Educação Especial. Não há pesquisas a respeito, tampouco materiais didáticos específicos para portadores de necessidades especiais no ensino de sociologia. O debate promovido pelos docentes do INES em relato de experiência aborda a tensão vivida neste ambiente de ensino exótico entre oralismo e gestualismo.

E: “é muito forte a concepção de que a surdez é uma cultura e não uma deficiência. A escola não capacita o professor para trabalhar com o aluno surdo. É tentativa e erro e trabalho solitário”. Ouvinte opressor é quem discorda de que a surdez é a cultura deles. Libras é a primeira língua e português é a segunda.

Ele quer pensar como os surdos podem se inserir nas universidades.

F. conta como é ensinar sociologia nesse cenário. Não é verdade que quem não ouve tem boa capacidade de leitura. Tem aluno de 40 anos de idade que não se comunica, não sabe libras, nem português. Nunca teve tratamento especializado fonoaudiológico. A pessoa viveu apontando coisas. Dificuldade do surdo de abstrair conceitos é porque é muito visual. (...) Alunos têm dificuldade tanto em Libras quanto em Português. Eles possuem dificuldade de organizar ideias e argumentos. Cita o caso de uma aluna que não consegue categorizar emoções (apaixonar-se) “porque não foram socializados” - completa. Ensinar sociologia é um desafio. (...) Os alunos os classificam como “ouvintes” e os consideram opressores. (...) Em casa, eles precisam fazer uma espécie de teatro para treinar os sinais a serem utilizados em sala de aula. Quando o aluno pergunta e ela não sabe o sinal certo para responder deixa a explicação para a próxima aula. (Diário de campo, 17/05/2017)

A questão é considerada um tema de pesquisa em potencial. Por isso, **A.** incentiva-os a fazer uma pesquisa etnográfica sobre ensino de sociologia para surdos. **A.** propõe aos dois criarem um programa em imagem orientado ao ensino de surdos, pensando na antropologia da

imagem. Deste modo, os professores receberam uma espécie de convite a pesquisa: transformar sua realidade empírica em objeto de conhecimento científico.

E: ambiente com surdos é exótico. Fala da roupa adequada para dar aula para surdos. Aponta a camisa do colega, lisa azul escura. Está mais apropriada que a utilizada por ele naquele momento, uma camisa estampada. É preciso adaptar o conteúdo, desnaturalizar a sociologia, traduzindo-a para os alunos surdos.

L: vocês se gravam dando aula?

A: gravam? Filmam?

E: não. libras exige muita expressão facial.

A: numa etnografia a pessoa precisa aprender libras.

O: lembra aula de professora surda que nem sempre usava intérprete na aula do curso de libras quando dava aula prática. Uma forma de reforço da cultura surda. Avaliação foi aula da própria matéria em libras.

E: quando a pessoa surda é oralizada se insere na sociedade. “O meu aluno que é cheio de identidade, cheio de cultura, não”. (Diário de campo, 17/05/2017)

A apresentação de relatos de experiência desperta a atenção para novos problemas de pesquisa, temáticas pouco ou nada investigadas, por exemplo, ensino de sociologia para portadores de necessidades especiais. Consequentemente, os relatos de experiência proporcionam um “clima” de “troca” e acolhimento. As trocas com colegas da área são motivacionais, posto que um dos problemas frequentemente mencionado é a sensação de isolamento, na Escola Básica, quando não há pares com os quais “trocar”. A docência na escola junto a colegas de outras áreas parece reforçar sentimentos de identidade. Docentes de sociologia só se sentem suficientemente acolhidos no ambiente profissional se dispõem de possibilidades de associação com outros professores da mesma área. Por pares, leia - se, outros cientistas sociais atuando numa mesma escola.

L: a gente do Pedro II quer saber do INES como vocês buscam estímulo? Não há outros professores do INES para trocar.

E: o estímulo inicial é zero. “Sentimento de isolamento”.

O primeiro docente da escola só começou a ver o retorno das aulas quando a companheira chegou. No início, sugeriu a ela assistir algumas aulas dele para começar na semana seguinte. Ela percebeu o link que aluno fez entre o conceito de indústria cultural e o celular ‘made in China’. Aí ele notou que o trabalho deu resultado. Ele achava que era um fracasso. Vê a importância da equipe. O estímulo é a militância reforçada.

F considera importante adequar o estímulo ao que o aluno pode dar em cada contexto. Ela está calejada em atividades anteriores a adaptar a expectativa ao que o aluno pode oferecer para não se frustrar.

De acordo com A, é possível comparar a realidade do CPPI com as escolas da rede estadual. Mas a realidade do INES é sui generis. Indica aos colegas trabalho de uma professora da Faculdade de Educação cujo objeto de estudo são alunos surdos. Propõe que eles estabeleçam contato com ela. Quem sabe convidá-la. Lembra orientando da professora, que é docente de geografia, professor do INES. E. o conhece. (Diário de campo, 17/05/2017)

3. Troca de experiências

“Troca” é uma categoria nativa, frequentemente mencionada por integrantes do LabES como uma das virtudes e dos ganhos da participação em um laboratório de ensino. Esta troca favorece tanto a atividade docente quanto as atividades de pesquisa. A troca ajuda pesquisadores a buscarem bibliografias, ter colegas com os quais debater sobre ensino de sociologia, “interagir com os pares”, “*como também fazer parte de um grupo maior dentro da área da licenciatura*”. Para os docentes, o laboratório de ensino é mais do que um ambiente acadêmico. É, inclusive, um local de compartilhamento de atividades, experiências docentes, sociabilidade. De acordo com C., é

um ambiente de troca sobre a docência. E congrega essas pessoas que trabalham em diferentes lugares e a gente sempre está falando de nossas experiências eu acho importante para isso também. Fora que, a gente ao se conectar (...) acaba criando proximidade com algumas pessoas e fazendo mais essa troca diária sobre coisas, sobre atividades, questões e tal. Então, é um ambiente que propicia isso. Então, para mim é um lugar onde eu posso compartilhar as minhas experiências docentes e também um lugar onde eu posso academicamente conversar sobre o meu objeto de estudo. Conversar e ter informações e ver outras pesquisas. (entrevista)

As trocas podem ocorrer em diferentes momentos e espaços. Nos encontros físicos ou no espaço mediado por equipamentos eletrônicos: internet e aplicativos de redes sociais. Algumas trocas transcorrem ao longo da reunião do laboratório mediante indicação de referências bibliográficas para pesquisa ou recomendação de recursos didáticos para serem utilizados em sala de aula (filmes, literatura, música, propagandas, provas e exercícios de sociologia presentes no Exame Nacional de Ensino Médio etc). Outras vezes acontecem após o término da reunião quando dois ou mais colegas conversam sobre uma apresentação e fornecem ou recebem recomendações um do outro. Muitas reportagens de jornal, indicações de eventos, charges, por exemplo, são compartilhadas pelo aplicativo What’s App ou no Facebook, as chamadas redes sociais. Por vezes, individualmente, um colega acessa outro procurando idéias ou inspiração para elaborar uma aula. Ou, na atividade de pesquisa, compartilha softwares e indicação de cursos visando o aperfeiçoamento nas técnicas de pesquisa.

A troca revela que os membros do LabES estabelecem laços de cooperação e vêm sentido na relação solidária entre pares. No episódio descrito abaixo, uma das pesquisadoras

precisou de auxílio para utilizar um novo software de análise de dados. Outros integrantes do laboratório prontamente se prontificaram a ajudá-la de alguma forma:

A. recomenda que P. use SPSS para cruzar os dados da pesquisa. (...)

D.: no IFCS a Graziela oferece SPSS na disciplina laboratório.

A: na SBS costuma ter curso. Graziela está fora do país.

P: O Flávio está oferecendo a disciplina.(...) Ele me indicou o SPSS, mas o programa expirou em 15 dias.

D: é assim mesmo

A. diz que tem o programa e oferece para P.

O: o Jairo também oferece SPSS na Ciência Política

F: também tem o Nvivo, mais tranqüilo. (Diário de campo, 12/04/2017)

A produção de conhecimento do LabES

O que se pode apreender acerca da produção de conhecimento de professores pesquisadores em ação enquanto nos limites de um laboratório? No caso do LabES, muito pouco ou quase nada. Só relatos de processos e de resultados, posto que o objeto de pesquisa de não está efetivamente por lá. Encontra-se nas escolas, na observação do trabalho de docentes de Sociologia, na avaliação dos usos que docente e alunos fazem dos livros didáticos. Está no tempo que gastam analisando livros didáticos e demais produções sobre ensino de sociologia: teses, artigos, dissertações, livros, revistas, blogs, sites, anais de eventos. Acha-se no estudo de documentos oficiais (legislação, diretrizes curriculares etc), da contribuição de sindicatos, associações científicas e movimentos sociais que lutaram pela reinserção e permanência da Sociologia Escolar. Encontra - se, parcialmente, nos relatos históricos de experiência dos que seguem apoiando o ensino de sociologia na Educação Básica, dentre eles, os próprios membros deste laboratório. Durante os encontros do LabES compartilha-se metodologias de aula e de pesquisa quando o objetivo não é divulgar os resultados de trabalho produzidos ou de projetos em andamento. Trata-se de um espaço onde se busca o apoio dos pares para desenvolvimento da pesquisa.

Neste sentido, a análise de conteúdo das produções acadêmicas dos membros do laboratório seguindo uma proposta prosopográfica ou de estudo da produção acadêmica por intermédio da identificação de trajetórias coletivas, parece muito mais profícuo do que observar as ações dos membros de um laboratório nas reuniões onde o grupo “só” conversa.

O que se pode saber é que produzem livros, artigos, um evento bianual denominado ENSOC: Encontro Estadual de Ensino de Sociologia. O laboratório produz e alimenta com informações um sítio na internet, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde

disponibilizam informações sobre legislação, eventos que realizam, alguns exercícios e um repositório de teses, dissertações e artigos sobre ensino de sociologia, seja se integrantes do laboratório, sejam de pesquisadores de outras universidades.

A rede de contatos e de parceira do laboratório não é pequena. O laboratório de ensino é parte de um campo acadêmico e que dialoga com o campo educacional. Portanto, os contatos do LabES configuram uma rede que capilariza. Para fins de análise de conteúdo prosopográfico foram pesquisados os resumos de teses, dissertações e artigos sobre ensino de sociologia de pessoas atreladas ao LabES tal como consta no diretório do CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa Científica) até 2017. A análise exploratória da produção de integrantes do LabES²² e apresentação oral de projetos em desenvolvimento mostram que cada pesquisador se interessa por mais de um tema de investigação. Há vários eixos temáticos com predomínio de produções sobre a trajetória histórica da Sociologia na Educação Básica e Livro didático. Os diversos interesses convergem e podem ser congregados conforme a tabela abaixo:

Tabela 14 – Produção de conhecimento do LabES por temas

| Temáticas de pesquisa | Número de pesquisadores |
|--------------------------------------------------------|-------------------------|
| Trajectoria histórica da sociologia na educação básica | 8 |
| Livro didático | 7 |
| Formação de professores de Sociologia | 5 |
| Currículo de sociologia na Educação Básica | 4 |
| Conhecimento escolar | 3 |
| Laboratórios de ensino de sociologia | 2 |

²² Cravo, 2014; Montez, 2015; Desterro, 2016; Anjos, 2016; D'Alécio, 2016; Maçaira, 2017; Rosa, 2017; Gesteira, 2016;

CONCLUSÃO

É sabido que há diferenças na produção de conhecimento em Ciências Exatas e da Natureza quando comparado aos resultados obtidos em Ciências Humanas. Este trabalho reconhece as demandas e especificidades de cada área de conhecimento. Por intermédio dos laboratórios de ensino de sociologia pesquisados pretendeu-se conhecer mais sobre a constituição de um tipo de laboratório de ensino em ciências humanas. Saber como tal configuração contribui para o avanço do conhecimento a partir das pesquisas ora desenvolvidas nos laboratórios pesquisados. Contudo, ressalta-se que este projeto não pretende estabelecer leis gerais, nem identificar quais as regras utilizadas na definição e elaboração de diretrizes organizacionais, nem indicar critérios de avaliação para todas as modalidades possíveis de laboratórios de ensino criados em Ciências Humanas. Esta pesquisa contribuirá para as Ciências Humanas à medida amplia o conhecimento acerca dos laboratórios de ensino de sociologia e indaga a respeito do conhecimento por eles produzidos.

Os estudos de laboratório foram os primeiros referenciais teóricos buscados para compreender como se constituem os laboratórios de ensino de sociologia. Eles são produto de pesquisas etnográficas realizadas em outro contexto e no campo das ciências da natureza. Forneceram alguns caminhos que permitiram o aprimoramento do olhar antes, durante e depois do trabalho de campo. Mas, no decorrer do trabalho de campo e de pesquisa ficou claro que, enquanto parte do campo de estudos do ensino de sociologia e das Ciências Sociais, a ação dos laboratórios de ensino de sociologia deve ser compreendida na fronteira entre as áreas da Educação e das Ciências Sociais.

A primeira hipótese sobre a configuração de um laboratório de ensino é a de um grupo de pessoas detentoras de um saber disciplinar específico que se reúne para debater questões pertinentes ao seu campo de estudo. A finalidade do laboratório de ensino é formar professores pesquisadores. No espaço – tempo das reuniões do laboratório, professores incorporam *habitus* de pesquisadores e pesquisadores incorporam *habitus* de professores. Por isso, trata-se de um espaço privilegiado de formação do perfil docente de professor pesquisador.

Os laboratórios então identificados por intermédio desta pesquisa são compreendidos como um subcampo do campo universitário. Em outras palavras, a configuração de cada laboratório é parte integrante de uma rede de pesquisadores sobre ensino de sociologia

espalhados pelo Brasil. Por se tratar de um objeto de fronteira, a possibilidade de vínculo institucional dos laboratórios de ensino de sociologia no campo universitário é variável. Depende das características estruturais de cada universidade, dos departamentos/ institutos/ faculdade em que os professores pesquisadores de sociologia estão inseridos. As instituições públicas de nível superior possuem autonomia, por isso os laboratórios de ensino de sociologia podem ser encontrados nos diversos cursos da área de Ciências Sociais ou na Educação. Isto ocorre sem prejuízo para o olhar específico a respeito do campo, qual seja, pesquisar e compreender a trajetória histórica da Sociologia escolar, sistematizar o conhecimento já produzido elaborando um “estado da arte” sobre ensino de Sociologia, desenvolver metodologias de ensino, assessorar docentes que lecionam Sociologia no Ensino Básico, participar da formulação, implementação e avaliação de políticas públicas voltadas para o ensino de Sociologia, incluso atenção especial ao currículo e as metodologias de ensino por meio das quais se tem lecionado a disciplina com sucesso no Ensino Médio. Além de levar em consideração os materiais didáticos, a legislação, as condições de trabalho docente, realização de eventos reunindo público heterogêneo em torno da questão da Sociologia no Ensino Básico, proporcionando formação inicial e continuada de professores.

Dependendo das características do grupo de professores pesquisadores de cada laboratório e das condições estruturais possíveis da universidade nas quais cada um está alocado, pode haver ênfase em pesquisa, produção de conhecimento, formação de professores, elaboração de recursos didáticos, promoção de eventos ou atividades de extensão. Ainda assim, todas estas atividades sempre aparecem de alguma maneira contempladas nos laboratórios.

Em algumas universidades, os laboratórios são configurados como uma ou mais disciplinas que existem por conta da didática e da prática de ensino requeridas pelo currículo da Licenciatura, ou seja, foram criados para atender uma demanda: formar docentes qualificados em Ciências Sociais para atuarem em diferentes níveis e modalidades de ensino. Outros se apresentam como pesquisadores em ensino de sociologia. Sem negligenciar o ensino, estes tendem a considerar a inserção da Sociologia na Escola Básica uma linha de pesquisa em ascensão, relevante para a trajetória de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil. Neste caso, a história do ensino de sociologia em diferentes momentos conta uma parte importante do modo como as Ciências Sociais aportaram e fizeram morada na ex - colônia de Portugal. Outros enfatizam atividades de extensão valorizando a relação entre universitários (professores e alunos) e ações na comunidade escolar.

LabES e a formação de professores pesquisadores

De acordo com Kuhn, parte da atividade científica normal implica na apresentação dos paradigmas da ciência aos iniciados. Logo, os espaços de reunião da comunidade científica são momentos de reprodução da ciência normal. É um tempo de educação, de formação de novos cientistas. No caso dos laboratórios de ensino de sociologia, formação de professores pesquisadores.

No campo do currículo, trabalha-se com a idéia de que a proposta educacional do laboratório de ensino enquanto subcampo de prática de pesquisa universitária também possui um currículo e este deve ser reconhecido como um *lugar de fronteira*, um espaço tempo que leva ao questionamento de saberes ensinados, pensados como produções, significados hibridizados e contingentes, permeado por relações de poder (MONTEIRO; PENNA, 2011). Ainda que a composição social do grupo seja heterogênea, não se nota no LabES a afirmação de hierarquias entre os integrantes, nem o incentivo a reprodução de relações de poder notadas em outras circunstâncias devido a estratificação política e econômicas criadas pela sociedade de capitalista, fortemente marcada por situação de classe, gênero e raça. Há diferentes etnias, estudantes de graduação, pós-graduação e pós-graduados debatendo sem muito formalismo, pessoas de dentro e de fora da universidade, docentes de escola básica e universitários, de escola pública e escolas privadas. Há o predomínio de mulheres em detrimento de homens, mas a inserção deles não é vetada. A reduzida participação masculina parece se dever ao fato da Educação ser uma área historicamente mais ocupada por mulheres do que por homens. No entanto, homens que se interessam pela temática participam igualmente. Também não é perceptível nenhuma distinção dos participantes por questões de orientação sexual. A composição do laboratório é estratificada, porém as relações não são hierarquizadas nem tratadas de maneira autoritária. Nesta inclinação à igualdade destaca-se a valorização do direito democrático à educação e a valorização do conhecimento científico.

Quando esta pesquisa iniciou, procurava identificar os elementos que caracterizam a imagem que a pesquisadora tinha do que é um laboratório de ciências convencional: um local onde se fazem descobertas científicas, experimentações, promove-se a iniciação científica e são produzidos conhecimentos científicos socialmente relevantes. No entanto, ao longo da pesquisa, consta que a principal contribuição do laboratório de ensino de sociologia estudado ultrapassa os supostos objetivos de um laboratório convencional. É um espaço de formação inicial e continuada de professores pesquisadores de ensino de sociologia e pesquisadores

sobre a Sociologia escolar. É sobre a inserção das Ciências Sociais na escola. Trata-se de formar professores – pesquisadores. As temáticas de pesquisa individuais variam: currículo e docência, produção de conhecimento, a história das Ciências Sociais na Educação Básica e livro didático.

Ao contrário do que ocorre em laboratórios das Ciências Naturais nos quais são realizados experimentos, o espaço - tempo do LabES não é local onde os integrantes produzem conhecimento científico propriamente dito. É onde trocam ideias, aprendem e ensinam ferramentas de pesquisa, mas também técnicas de ensino. Em sua maioria, os participantes são professores - pesquisadores. O LabES é um espaço híbrido, como bem lembra uma das entrevistadas. É um local de convergência. Com exceção da etapa de construção coletiva de objetos de pesquisa individuais, preparação e aperfeiçoamento dos projetos de pesquisa, todas as outras etapas da pesquisa e desenvolvimento dos projetos não são efetuadas dentro do espaço do laboratório. São compartilhados ali. O núcleo deste laboratório de ensino é um espaço tempo de troca e convergência que possibilita a criação de um *habitus*. Após as reuniões coletivas - que podem ser individualizadas conforme a necessidade de orientação e estágio da pesquisa - cada um parte em busca da concretização dos objetivos propostos pelo projeto que elaborou com o suporte do grupo. Munidos das ferramentas metodológicas e técnicas didáticas necessárias, cada pesquisador se volta para as especificidades de seu projeto individual. E volta ao laboratório de tempos em tempos para mostrar os avanços, descobertas, dificuldades, ou compartilhar alguma produção acadêmica.

O espaço físico do laboratório confere materialidade a existência do laboratório localizado no ciberespaço. Deste modo, é potencializada a comunicação de um laboratório tanto interna - do grupo que participa mais ativamente das relações de produção e execução das tarefas de um laboratório de ensino -, quanto externa - do público alvo, notadamente professores de sociologia e pesquisadores de ensino de sociologia - que acessam as informações produzidas e sistematizadas por integrantes do laboratório.

Além das teses e dissertações utilizadas como material de pesquisa e divulgação das produções do grupo para público externos, outros actantes se mostram essenciais no cotidiano de um laboratório de ensino de sociologia: recursos financeiros, ter um espaço físico para guardar livros, arquivos de pesquisa, promover eventos; a criação de página, blog ou sítio na internet; celular com acesso às redes sociais mostrou-se importante para a comunicação diária e instantânea entre integrantes do LabES.

Na parte que trata dos estudos de laboratório, é importante destacar que a leitura de Latour e Knorr Cetina é situada, inspirada no trabalho de ambos. Não visa reconstituir ou seguir todas as motivações ideológicas dos autores quando formularam o texto. Aqui, trata-se de investigar não um laboratório de ensino em Ciências da Natureza, mas de pesquisar a respeito de um laboratório situado na fronteira entre os campos educacional e das Ciências Sociais.

Outro grande desafio foi o exercício de distanciamento antropológico e de imparcialidade, uma vez que aqui não se aplica a distinção entre sujeito (pesquisadora, orientadora) e objeto (pesquisada), representação (pesquisar sobre um laboratório) e prática (constituir um laboratório) são realidades que se misturam. O maior desafio deste estudo foi substituir qualquer tendência a subjetivação em objetivação das relações vivenciadas no período de realização da pesquisa de campo. O caráter autoreflexivo da pesquisa exigiu esforço contínuo de superação de dicotomias que, não obstante, moldaram nosso *habitus* científico ao longo da trajetória formativa de professoras pesquisadoras modernas. Aqui, tanto a orientadora quanto a pesquisadora são nativas do LabES e sabem que este é um laboratório de ensino situado na área de Ciências Humanas.

Por fim, a principal contribuição desta pesquisa exploratória foi a elaboração de algumas hipóteses para explicar a finalidade e a constituição dos laboratórios de ensino de sociologia:

- a) contribuem para a institucionalização do ensino de sociologia, temática que vem se configurando como um campo multidisciplinar em construção situado na fronteira entre as Ciências Sociais e a Educação;
- b) deve-se compreendê-los por intermédio de teorias e métodos específicos de alguma Ciência Social em diálogo com a Educação, com destaque para a Sociologia da Educação ou Antropologia da Educação.
- c) laboratório de ensino é um conjunto de disciplinas que compõem a matriz curricular de um curso de licenciatura em Ciências Sociais / Sociologia
- b) coincide com um grupo de pesquisadores predominantemente localizados em uma universidade, lócus privilegiado da pesquisa em Ciências Humanas no Brasil. Neste sentido, uma universidade como a UFRJ, por exemplo, pode ter disciplinas na licenciatura denominadas laboratório. Elas possuem um currículo que pode se basear nas pesquisas de laboratórios de ensino de sociologia ou não, pois a matriz curricular de cada disciplina não está necessariamente atrelada às ações do LabES porque as disciplinas o fazem de maneira

autônoma. Isto é, os professores que lecionam nas disciplinas da graduação não fazem parte de um laboratório de ensino de sociologia, obrigatoriamente, podendo desenvolver outras pesquisas no campo das Ciências Sociais ou da Educação. Deste modo, compreender-se que há disciplinas denominadas laboratório e também grupos/ locais dentro da universidade onde um número menor de pessoas se reúne para desenvolver projetos específicos de pesquisa em torno de temáticas as mais específicas, dentre elas, ensino de sociologia.

c) laboratório de ensino pode ser um local de experimentação, de criação de estratégias didáticas (transposição didática);

d) um repositório de materiais didáticos, acervo de produção de conhecimento especializado sobre um tema e divulgação de eventos, legislação entre outras questões relevantes para estudantes, pesquisadores ou demais interessados.

e) laboratórios de ensino podem ser um programa de extensão universitária (atendendo aos desígnios da universidade) que promovem ensino e pesquisa na escola, com a escola.

A medida que se populariza a concepção do perfil de professor pesquisador, é questionada a separação entre laboratório enquanto lugar onde se faz pesquisa e sala de aula onde se apreende o conhecimento para reproduzi-lo em outro contexto com maestria. Neste sentido, a fronteira que separa a racionalidade técnica requerida do professor concebido como técnico de ensinar e a produção de conhecimento atribuída somente aos pesquisadores é contestada.

A criação de laboratórios no campo universitário está de acordo com a finalidade de uma universidade, qual seja, o de produzir conhecimento, ser um lócus de pesquisa, ensino e extensão. Os laboratórios de ensino de sociologia foram constituídos com a finalidade de ser um elo entre universidade e Escola Básica. Possuem tripla função: 1- realizar pesquisas, produzir e divulgar conhecimento científico acerca da inserção da sociologia na educação básica; 2- ser um espaço de fronteira que potencializa a mediação didática de conteúdos disciplinares das Ciências Sociais para o Ensino Básico, atividade que aproxima a universidade de docentes de escola básica (projetos de extensão); 3 – promove formação inicial e continuada de professores. Portanto, seguindo este princípio, os agentes que compõem os laboratórios de ensino de sociologia no ensino superior cumprem o papel que se espera de uma instituição universitária no Brasil: realizar atividade de ensino, pesquisa e extensão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Carla Beatriz de. A prosopografia ou biografia coletiva: limites, desafios e possibilidades. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH. São Paulo: jul. 2011.

ANJOS, Bruna L. G. dos. **Sociologia no ensino médio: uma análise de propostas curriculares**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

APPLE, M. Para que servem as escolas? In: **Educação e Sociedade** vol. 28, n. 101. Campinas: set./dez. 2007. Disponível em. Acesso em: mai. 2017

_____. Teoria do currículo: o que é e porque é importante. In: **Cadernos de Pesquisa**. V. 44, nº. 51, p. 190-202, jan./mar. 2014.

BEN DAVID, J. ; CRANE, D; SOLOMON, E; RAHMAN, N S; TATON, R; TONDL, L. **Sociologia da Ciência**. Rio de Janeiro: FGV: 1975.

BERNSTEIN, Basil. Classes e pedagogia: visível e invisível. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, p. 26-42, maio 1984.

_____. A pedagogização do conhecimento: estudos sobre recontextualização. In: **Cadernos de pesquisa**, n.120, p.75-110, nov.2003.

BODART, Cristiano das Neves; CIGALES, Marcelo Pinheiro. **Ensino de sociologia no Brasil (1993 – 2015): um estado da arte na pós-graduação**. In: Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v.48,n.2, p.256 -281, jul-dez, 2017.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Science of science and reflexivity**. Great Britain: University of Chicago Press, 2001.

_____. **Os usos sociais da ciência - por uma sociologia do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **Homo academicus**. Trad. Ione Ribeiro Valle; Nilton Valle, Rev. Téc. Maria Tereza de Queiroz Piacentini. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

CARUSO, HAYDEE. Laboratórios de ensino de ciências sociais: sociologia no Brasil: espaços de experimentação e construção de saberes docentes. In: **A sociologia na educação básica**. SILVA, ILEIZE; GONÇALVES, Danyele(org) Annablume, São Paulo: 2017.

CARVALHO, César Augusto de. **A sociologia no ensino médio: uma experiência**. Londrina: EDUEL, 2010.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma oportunidade para a inclusão social. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 22, p. 89-100, jan – abr, 2003.

CHEVALLARD, Y. **La transposición didáctica – del saber sabio ao saber enseñado**.

Buenos Aires: Aique, s.d.

COCHRAN – SMITH, M; LYTLE, S L. Relationships of knowledge and practice teacher learning in communities. In: **Review of research in education**. USA 24, p.249 – 305, 1999. Tradução GEPFPM (Grupo de estudo e Pesquisa sobre Formação de Professores de Matemática (FE/Unicamp)).

CORREA, Valcionir; FREZE, Marilse C. **Relato da história do LEFIS 2003 – 2012** (online). Disponível em: < <http://lefis.ufsc.br/conheca-o-lefis/historico>>. Acessado em: 20 de fev. de 2018.

CRAVO, Gustavo. **Sociologia no Ensino Médio: uma trajetória político - institucional (1982-2008)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Programa de Pós graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014.

CUNHA, Luiz Antônio. **O Projeto reacionário de educação**. Livro digital independente. 2016. Disponível em: <<http://www.luizantoniocunha.pro.br/>>. Acesso: Jan.2018.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org). **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 23-35.

D’ ALÉCIO, Gabrielle Cotrim. **Análise dos desenhos curriculares de cursos superiores de formação de professores em ciências sociais**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

DESTERRO, Fabio Braga do. **Sobre livros didáticos de sociologia para o ensino médio**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ERAS, Lígia W. **A produção de conhecimento recente sobre o ensino de Sociologia/ Ciências Sociais na Educação Básica no formato de livros coletâneas (2008 - 2013): sociologias e trajetórias**. 2014. Tese (*doutorado em Sociologia*). Programa de Pós graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, 2014.

FERREIRA, Vanessa do R.; OLIVEIRA, Amurabi P. Ensino de sociologia como um campo (ou subcampo) científico. In: **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences. Maringá, v. 37, n. 1, p. 31-39, Jan.-June, 2015.

FRANGELLA, Rita. C. P. Colégio de aplicação e a instituição de uma nova lógica de formação de professores: um estudo histórico no colégio de aplicação da Universidade do

Brasil. In: **I CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**. Anais... Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2000.

FRANCO, A. Resenha de FORQUIN, Jean-Claude. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre, artes médicas, 1993. In: **Educação e Filosofia** v.11, n.21/22 jan./ jun e jul. /dez.1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GESTEIRA, Beatriz M. **A cidadania como objetivo do ensino de sociologia no ensino médio: o sentido atribuído pelas instituições políticas**, 2016. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

GOHN, Maria da Glória M. A pesquisa na produção do conhecimento: questões metodológicas. In: **Eccos - Revista Científica**. São Paulo, v.7,n.2, p. 253-274, jul./dez. 2005.

GOMES, Ana Laudelina F; SANTOS, Anderson C dos; TOSCANO, Geovânia da S; LIMA, José Glauco S A de; SILVA, Lenina L S; FORTES, Lore; SOUZA, Adriana A de; PAIVA, Jeane de F A; Silva, Thalita C da. Avaliação diagnóstica: a situação do ensino de sociologia na escola de ensino médio do Rio Grande do Norte/ Brasil. In: **Revista eletrônica inter – legere**, jul/ dez 2008.

GUIMARÃES, E. da F. Ensino de sociologia no nível médio: de um passado intermitente à necessidade de reconhecimento presente. **Ensino Em Re-Vista**, v. 19, n. 1, jan./jun. 2012

HANDFAS, Anita. Entrevista concedida ao Portal do Professor. In: **Sociologia na escola**, edição 57. 06/07/2011 (online). Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=61&idCategoria=8>>. Acessado em: dez. de 2017.

HANDFAS, Anita. **Projeto de Pesquisa: A Sociologia na Educação Básica - em busca de um objeto de estudo**. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação da UFRJ, 2015.

HANDFAS, A.; MAÇAIRA, J. P.; FRAGA, A. B. (org). **Conhecimento escolar e ensino de sociologia: instituições, práticas e percepções**. RJ: Faperj/7 letras, 2015.

HANDFAS, A; MAÇAIRA, J. Articulação entre universidade e escola pública: o caso do curso de pós-graduação lato sensu em ensino de Sociologia da UFRJ. In: **Revista Eletrônica de Educação**, v.11, n.2, p. 653-666, jun./ago., 2017

KROPF, S. P., FERREIRA, L O. A prática da ciência: uma etnografia no laboratório. In: **Livros & Redes** nov- 1997 a dez- 1998. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/hcsm/v4n3/v4n3a10>. Acesso: maio/2017.

KNORR - CETINA, K. **La fabricación del conocimiento**. Quilmes: Univesidad Nacional de Quilmes, 2005.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LEAL, Joana Cunha. Questionando o social: o propósito do Homo academicus deP. Bourdieu. In: **Análise Social**, 210, XLIX (1º). Lisboa, 2014.

LIMA, Angela Maria de S. Os laboratórios de Ensino de Sociologia. In: **Coletiva**. Número 10 | jan/fev/mar/abr 2013. Disponível em: < <http://www.coletiva.org/index.php/artigo/os-laboratorios-de-ensino-de-sociologia>>. Acesso em 2017.

LIMA, Angela M de S; FERREIRA, Jaqueline. Semanas de Sociologia com alunos do Ensino Médio da Rede Pública: da reflexão à prática. In: **Anais da Sociedade Brasileira de Sociologia**. GT9, 2007.

LOPES, Alice Casimiro. **Currículo de ciências do colégio de aplicação da UFRJ (1969 – 1998): um estudo sócio – histórico**. 2007. Disponível em:< www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/viewFile/23850/16823>. Acessado em: novembro de 2017.

LUDKE, M; CRUZ, G.B.; BOING, L.A. A pesquisa do professor da educação básica em questão. In: **Revista Brasileira de Educação** v.14, n42, set./dez. 2009.

MAÇAIRA, Júlia P. **O ensino de sociologia e ciências sociais no Brasil e na França: recontextualização pedagógica nos livros didáticos**. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MATTEDI, Marco Antônio. A sociologia da pesquisa científica: o laboratório científico como unidade de análise sociológica. In: **Teoria & Pesquisa**. Vol XVI n02, jul/dez de 2007

MONTEIRO, A. M F da C; PENNA, F. Saberes em lugar de fronteira. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre: Vol. 36, n.1, jan/abr.2011, p.191-211. Disponível em: <http://www.ufgrs.br/edu_realidade>.

MONTEIRO, José Marciano; DINIZ, Paulo Cesar Oliveira; SANTOS, Valdonilson Barbosa dos. O papel dos laboratórios de pesquisa e prática de ensino em ciências sociais: o desafio na formação de professores no Cariri Paraibano. **Inter-Legere**, n. 13. p. 250-267, 2013

MONTEZ, Gabriela. **Formando o cidadão e construindo o Brasil**: a socialização política nos manuais de Educação Moral e Cívica e de Sociologia. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós- graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

MORAIS, Isabela de F.; ROSA, Mariana A B. LESOC – laboratório de ensino de sociologia e a participação dos alunos de bolsa de graduação do curso de licenciatura em Ciências Sociais da UFU. Pôster. In: **I Seminário internacional da Pós-graduação em Ciências Sociais da UFU**. Uberlândia, 2012.

OLIVEIRA, Moisés A. de. Estudos de laboratório no Ensino Médio a partir da abordagem de Bruno Latour. In: **Educação & Realidade** 31 (1), jan./ Jun. 2006.

OLIVEIRA, A. P de. Ensino de sociologia em debate: entrevista com Amaury César Moraes. In: **Saberes em perspectiva** v.4, n.8, p. 257-271, jan./abr. 2014.

PILETTI, Nelson. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Ática, 2006.

ROSA, Ana Francisca M. N. **A relação de alunos do ensino médio com os saberes sociológicos**: o caso do Colégio de Aplicação da UFRJ, 2017. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

ROSA, LOPES E CARBELLO, 2015. Expansão, democratização e qualidade da educação básica no Brasil. **Póiesis Pedagógica**, Catalão-GO, v.13, n.1, p. 162-179, jan/jun. 2015

RÖWER, Joana E. Estado da arte: dez anos de grupos de trabalho (GTs) sobre ensino de Sociologia no Congresso Brasileiro de Sociologia (2005 – 2015). In: **Civitas**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p.126-147, jul.-set. 2016.

SILVA, Ileizi F. O papel da sociologia no currículo do Ensino Médio. In: **Simpósio Currículo de Ensino Médio**, Londrina, 2009. Disponível em: < <http://www.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/o-ensino-da-sociologia.php>>.

_____. O ensino de Sociologia como laboratório: educação e formação de professores nos projetos do Departamento de Ciências Sociais da UEL – LES/GAES/LENPES. In: CARVALHO, Cesar Augusto (org.). **A sociologia no Ensino Médio: uma experiência**. Londrina: UEL, 2015, p. 28-48.

SANTOS, Lucíola Licínio de C.P. Bernstein e o campo educacional: relevância, influência e incompreensões. In: **Cadernos de Pesquisa** n. 120, p. 15-49, novembro/ 2003.

SOUZA, Adriana A de; GOMES, ANA Laudelina F; LIMA, José Glauco S A de; FORTES, Lore. I Seminário Nacional de Educação em Ciências Sociais. In: **Revista eletrônica inter – legere** n. 3, jul/ dez 2008.

TEIXEIRA, M de O. Ciência em ação: seguindo Bruno Latour. **Hist. cienc. saude-Manguinhos** [online]. 2001, vol.8, n.1, pp.265-272. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702001000200012>>. Acesso: jan, 2017.

_____. Sobre o trabalho técnico em laboratórios de P&D em saúde: apontamentos para a educação profissional. In: **Trabalho educ. saúde** [online]. 2003, vol.1, n.2, pp.289-314.

TOSCANO, Moema. **Introdução à sociologia educacional**. Petrópolis, Vozes, 1984.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

XINGÓ. **Laboratório de Transposição Didática de Ciências Sociais**. [online]. Disponível em: <https://ensinodesociologiaxingo.com.br/laboratorio-de-transposicao-didatica>. Arquivo acessado em janeiro de 2018.
